

Dissertação

Turismo e *Overtourism* no Centro Histórico do Porto: Perceções dos Residentes e Transformações Urbanas.

Mestrado em Gestão e Negócios

Joana Alexandra Lopes Fonseca

Orientador: Doutor Jorge Ricardo Pinto

Coorientador: Doutor Luís Ferreira

Resumo

O presente estudo analisa o impacto do turismo urbano na freguesia da Sé, no Porto, com especial foco na perceção dos moradores face ao crescimento turístico. Nas últimas décadas, o centro histórico do Porto tem sido alvo de uma profunda transformação provocada pelo aumento da procura turística, particularmente através da proliferação do alojamento local, da substituição do comércio tradicional e da crescente *turistificação* dos espaços públicos. Esta dissertação parte da seguinte questão de investigação: “Qual é a perceção dos moradores sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida?”.

Com base numa abordagem qualitativa e exploratória, foram recolhidos dados através de questionários e entrevistas presenciais aplicados a residentes das ruas de S. Sebastião, Pena Ventosa e das Aldas, zonas particularmente afetadas por processos de despovoamento e pressão turística. Os resultados revelam uma perceção maioritariamente crítica por parte dos moradores, que associam o turismo a impactos negativos como o aumento do custo de vida, a perda de identidade comunitária e a sensação de abandono por parte das autoridades. Ainda assim, alguns reconhecem benefícios pontuais, como a valorização patrimonial e o dinamismo económico.

A dissertação destaca a importância de envolver as comunidades locais na discussão sobre políticas públicas e estratégias de gestão turística, defendendo uma regulação mais equilibrada e sustentável. Os contributos deste estudo reforçam a relevância de compreender o fenómeno do “overtourism” a partir da voz dos residentes, propondo caminhos para uma governação urbana mais participativa e sensível às dinâmicas sociais do território.

Palavras-chave: turismo urbano, overtourism, perceção dos residentes, Porto, Sé, qualidade de vida, alojamento local.

Abstract

This study analyzes the impact of urban tourism in the parish of Sé, Porto, with a particular focus on residents' perceptions of the recent growth in tourism. In recent decades, the historic center of Porto has undergone significant transformation due to rising tourist demand, especially through the expansion of short-term rentals, the replacement of traditional commerce, and the increasing touristification of public spaces. The main research question guiding this dissertation is: "What is the perception of residents regarding the impact of tourism on their quality of life?"

Using a qualitative and exploratory approach, data were collected through questionnaires and face-to-face interviews with residents of Rua de S. Sebastião, Rua Pena Ventosa, and Rua das Aldas – areas notably affected by depopulation and tourism pressure. The findings reveal a predominantly critical view among residents, who associate tourism with negative effects such as rising living costs, the erosion of community identity, and a feeling of neglect by public authorities. Nevertheless, some residents acknowledge limited benefits, including heritage valorization and increased economic activity.

The dissertation emphasizes the need to involve local communities in the debate on public policies and tourism management strategies, advocating for more balanced and sustainable regulation. This research contributes to a deeper understanding of *overtourism* by highlighting the residents' perspectives and proposing pathways for more inclusive and socially aware urban governance.

Keywords: urban tourism, overtourism, residents' perceptions, Porto, Sé, quality of life, short-term rentals.

Agradecimentos

Chegar até aqui foi um caminho cheio de pensamentos, dúvidas, cafés (alguns a mais do que devia) e, sobretudo, de pessoas que fizeram tudo isto valer a pena.

Aos professores e orientadores que me guiaram com paciência e sabedoria — obrigada por me desafiarem a pensar melhor e por mostrarem que o conhecimento é sempre uma construção conjunta.

Aos meus amigos, obrigada por estarem sempre por perto — mesmo quando não sabiam exatamente do que eu estava a falar. Obrigada por ouvirem, tantas vezes, os meus desabafos, as minhas ideias não muito estruturadas, os dramas com prazos... e por nunca duvidarem de mim.

À minha família, que é o meu alicerce, obrigada pelo apoio silencioso e constante. Foi com a vossa ajuda que consegui pôr em prática muito do que aqui está — mesmo quando isso significou reorganizar rotinas, mudar planos e aturar-me nas minhas fases menos fáceis. Sem vocês, esta parte prática não teria sido possível, e o processo teria sido bem mais solitário ou até impossível.

E, por fim, ao João — obrigada por estares sempre lá. Por ouvires tudo (literalmente tudo), por aguentares as conversas sobre o meu trabalho, por me dares força quando eu própria já não a encontrava, e por seres aquele porto seguro que nunca vacilou, mesmo quando eu já estava prestes a largar tudo.

A todos vocês: esta dissertação também é vossa.

Índice Geral

Resumo	1
Abstract.....	4
Agradecimentos	5
Índice de Tabelas	8
Índice de Figuras	8
Índice de Gráficos.....	8
Lista de Abreviaturas	10
1. Introdução.....	11
2. Turismo.....	13
2.1 Definição e Conceitos.....	13
2.2 O Turismo ao Longo do Tempo.....	16
3. Turismo Urbano.....	23
3.1 Turismo Urbano e Urbanização.....	23
3.2 Ciclo de Vida do Turismo Urbano	27
3.3 Impactos do Turismo Urbano	29
4. Overtourism	35
4.1 Definição e Conceitos.....	35
4.2 Causas, Consequências e Impactos	37
4.3 Overtourism na Perspetiva dos Habitantes: Análise de Casos Urbanos.....	41
4.4 A Perceção dos Residentes Face ao Turismo.....	41
4.5 Como Identificar e Medir o Fenómeno do Overtourism?	43
4.6 Casos de Estudo Urbanos: Três Exemplos de Destinos Afetados	45
a) Lisboa	45
b) Barcelona.....	50
c) Veneza.....	55
4.7 Possíveis soluções e alternativas	60

5.	Contextualização do Turismo na Cidade do Porto	68
5.1	Impactos do Turismo na Freguesia da Sé	73
6.	Metodologia e Desenvolvimento da Parte Prática.....	77
6.1	Introdução ao Capítulo	77
6.1.1	Objetivos da Etapa Prática.....	77
6.2	Descrição da Metodologia e Justificação	78
6.3	Descrição do Contexto de Aplicação e Amostra	80
	84
6.4	Desenvolvimento da Etapa Prática	85
6.5	Análise dos Resultados.....	86
6.5.1	Discussão dos Resultados.....	96
6.6	Limitações e Desafios.....	98
6.7	Conclusão do Capítulo	99
7.	Conclusão	101
	Referências Bibliográficas.....	103
	Anexo A - Entrevista Perceções dos Residentes sobre o Impacto do Turismo na Freguesia da Sé (Porto).....	126

Índice de Tabelas

Tabela 1 Dormidas em Estabelecimentos de Alojamento Turístico, em Lisboa	47
Tabela 2 Resumo das Soluções para o "Overtourism"	67
Tabela 3 Habitação vs Alojamento Local por Freguesia	75

Índice de Figuras

Figura 1 Um manifestante em Barcelona segura um cartaz com a mensagem "turistas, vão para casa".....	43
Figura 2 Mapa Centro da Cidade de Lisboa	46
Figura 3 Distribuição de alojamentos locais em Lisboa.....	48
Figura 4 Mapa Interativo da Distribuição dos Anúncios do Airbnb, em Barcelona.....	53
Figura 5 Zonas do Plano Especial Urbanístico de Alojamentos Turísticos.....	54
Figura 6 Mapa da Cidade de Veneza	56
Figura 7 Falha em superar o Overtourism	60
Figura 8 Alojamento Local no Porto	71
Figura 9 AL, Habitação e Rácio do Porto.....	71
Figura 10 Mapa de Uso e Ocupação dos Edifícios na Sé.....	82
Figura 11 Análise do Estado de Conservação e Uso dos Edifícios	84

Índice de Gráficos

Gráfico 1 Percentagem de consumidores abastados a nível global dispostos a fazer férias na Europa no 4.º trimestre de 2024, por tipo.	25
Gráfico 2 Percentagem da população urbana mundial em 2023, por continente	26
Gráfico 3 Ciclo de Vida do Turismo Urbano.....	29
Gráfico 4 Turismo vs. a Economia Mais Ampla (Comércio de Serviços e Mercadorias)	30
Gráfico 5 PIB da economia nacional e contributo do PIB do turismo no PIB nacional (2020 – 2023)	31
Gráfico 6 Número de alojamentos no Airbnb em zonas com licenças já suspensas e recentemente suspensas em Barcelona, de novembro de 2014 a janeiro de 2017.....	52
Gráfico 7 Residentes Centro de Veneza de 31/12/2013 até 31/12/2024.....	57
Gráfico 8 N° de Registos de Alojamento Local.....	74

Gráfico 9 Benefícios do Turismo para a Sé.....	87
Gráfico 10 Impactos Negativos do Turismo na Sé.....	88
Gráfico 11 Considera que há muitos turistas na Sé?	88
Gráfico 12 O turismo influencia a forma como utiliza os espaços públicos na Sé?.....	89
Gráfico 13 Continua a sentir-se ligado(a) à Sé como residente?.....	90
Gráfico 14 Relação entre vizinhos e comunidade da Sé	90
Gráfico 15 Turismo tem dificultado o acesso ou permanência na habitação na Sé?.....	91
Gráfico 16 O turismo provoca mudanças na rotina ou qualidade de vida?.....	93
Gráfico 17 Idade	93
Gráfico 18 Género	94
Gráfico 19 Nível de Escolaridade.....	94
Gráfico 20 Dimensão do agregado familiar	95
Gráfico 21 Há quantos anos reside na Sé?	95

Lista de Abreviaturas

AL- Alojamento Local

BOPB- Boletim Oficial da Província de Barcelona

CEE- Comunidade Económica Europeia

EUA- Estados Unidos da América

INE- Instituto Nacional de Estatística

INSTO- Rede Internacional de Observatórios de Turismo Sustentável (em português)

OMT ou **UNWTO** - Organização Mundial do Turismo

ONU- Organização das Nações Unidas

PEUAT- Plano Especial Urbanístico de Alojamentos Turísticos (em português)

PIB- Produto Interno Bruto

SET- Teoria Social de Troca (em português)

SIIAL- Sistema de Informação Integrado do Alojamento Local

TALC- Ciclo da Vida do Turismo (em português)

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (em inglês)

VABGT- Valor Acrescentado Bruto do Turismo

1. Introdução

Nas últimas décadas, o turismo urbano tem registado um crescimento significativo nas cidades europeias, consolidando-se como um dos principais motores de transformação económica, social e espacial. O aumento da mobilidade internacional, aliado à promoção intensiva de destinos e à emergência de plataformas digitais, tem contribuído para a intensificação dos fluxos turísticos, em especial nos centros históricos das cidades (Milano, Novelli, & Cheer, 2019). Este fenómeno, embora impulse o desenvolvimento económico e a reabilitação urbana, levanta também uma série de desafios relacionados com a capacidade de carga dos territórios, a qualidade de vida das populações residentes e a sustentabilidade das dinâmicas urbanas (Gonzalez, Coromina, & Galí, 2018).

Neste contexto, o conceito de “overtourism” assume especial relevância. Utilizado para descrever situações em que o número de turistas ultrapassa a capacidade de carga de um destino, o “overtourism” tem sido amplamente debatido no âmbito das ciências sociais, do planeamento urbano e da gestão do turismo (Peeters, et al., 2021). As suas manifestações incluem a sobrelotação do espaço público, a *turistificação* de bairros residenciais, a pressão sobre os recursos locais, o aumento do custo de vida e a alteração das dinâmicas sociais e culturais. Cidades como Barcelona, Veneza e Lisboa tornaram-se casos paradigmáticos, frequentemente associados a protestos de moradores, perda de identidade local e processos de gentrificação.

A cidade do Porto, especialmente a sua zona histórica classificada como Património Mundial pela UNESCO, tem seguido uma trajetória semelhante. Nos últimos anos, o centro histórico do Porto – e, em particular, a freguesia da Sé – tem sido alvo de uma crescente pressão turística, traduzida no aumento do alojamento local, na substituição do comércio tradicional por serviços direcionados ao visitante e na transformação profunda do espaço urbano. Esta intensificação do turismo tem gerado impactos diretos na vida dos residentes, sobretudo numa zona marcada por um acentuado despovoamento, uma população envelhecida e uma forte identidade comunitária.

É precisamente neste contexto que se insere a presente investigação, cuja pergunta de partida é: **“Qual é a perceção dos moradores sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida?”**. Através da recolha de testemunhos dos residentes da freguesia da Sé, pretende-se compreender como estes interpretam e vivenciam as transformações

provocadas pelo turismo, que impactos identificam no seu quotidiano, quais os sentimentos que exprimem face ao processo de mudança.

A escolha deste objeto de estudo justifica-se pela necessidade de integrar a voz dos residentes no debate sobre o turismo urbano e pelas especificidades sociais, históricas e geográficas da freguesia em análise. A Sé do Porto, composta por ruas estreitas e antigos aglomerados habitacionais como a Rua de S. Sebastião, a Rua Pena Ventosa e a Rua das Aldas, oferece um microcosmo ideal para analisar as dinâmicas entre turismo e vivência local. Estudar as perceções dos habitantes desta zona permite captar, com maior profundidade, os efeitos concretos do turismo em territórios onde a permanência residencial se encontra ameaçada, mas onde resistem também formas de pertença e apropriação simbólica do lugar.

Este trabalho propõe, assim, analisar criticamente os impactos do turismo a partir da perspectiva dos seus habitantes, com particular atenção às consequências sociais, culturais e afetivas. Para tal, adota-se uma abordagem qualitativa e exploratória, baseada na aplicação de questionários e entrevistas presenciais a moradores da freguesia da Sé. Apesar da amostra reduzida – reflexo direto do despovoamento da zona –, a investigação privilegia a profundidade da escuta e a valorização da experiência vivida, reconhecendo o conhecimento dos residentes como fonte legítima de reflexão sobre o território.

A relevância do estudo é, por isso, múltipla. Do ponto de vista científico, contribui para o aprofundamento da investigação sobre o “overtourism” e a sua articulação com as dinâmicas locais; do ponto de vista social, promove a valorização da voz dos moradores numa área sob forte pressão turística; e, do ponto de vista prático, oferece contributos para a definição de políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis, capazes de equilibrar os interesses do turismo com os direitos das comunidades locais.

A dissertação está estruturada em sete capítulos. Após esta introdução, segue-se uma revisão teórica sobre o turismo, a sua evolução e os impactos do turismo urbano. Posteriormente, é explorado o fenómeno do “overtourism”, com destaque para a perceção dos residentes em contextos urbanos. A cidade do Porto é então contextualizada, com especial enfoque na freguesia da Sé. O capítulo metodológico descreve os procedimentos adotados na recolha e análise dos dados, sendo seguido pela apresentação e discussão dos resultados. Por fim, são tecidas as conclusões, identificadas as limitações do estudo e sugeridas possíveis linhas de investigação futura.

2. Turismo

2.1 Definição e Conceitos

O turismo, embora seja uma atividade socioeconômica relativamente recente, possui um caráter complexo que dificulta a elaboração de uma definição única e clara. Embora seja um setor crucial para o desenvolvimento econômico de muitos países, muitas pessoas ainda o veem apenas como viagens e deslocamentos (Mateus, Caldevilla-Domínguez, & Barrientos-Báez, 2020). É importante destacar a diversidade e a importância do turismo, especialmente em discussões sobre desenvolvimento econômico, já que ele gera milhares de milhões em receitas para diversas nações ao redor do mundo, através de diferentes abordagens e formas de atuação (Nakashima & Calvente, 2016). Ou seja, não existe uma definição oficial do turismo, uma vez que existem várias experiências e perspectivas culturais que moldam a evolução contínua do conceito.

Até meados do século XX, o turismo era compreendido principalmente sob a perspectiva da "procura", ou seja, focava-se nos turistas e nas suas motivações para viajar. Ao longo do tempo, a compreensão do turismo passou a incluir não apenas a necessidade dos turistas, mas também as dimensões sociais e culturais que envolvem essa atividade. Assim, a definição de turismo foi se tornando cada vez mais complexa e abrangente, tendo em conta as relações e interações que ocorrem entre os turistas e as comunidades (Costa C. , 2005).

Uma das definições conceituais mais antigas de turismo foi proposta por Hunziker e Krapf, em 1942, que o definem como "um conjunto de relações e fenômenos resultantes das viagens e estadias de não residentes, desde que a estadia não leve à residência permanente e não esteja relacionada a atividades remuneradas, sejam permanentes ou temporárias" (Hunziker e Krapf 1942, citado em Vanhove 2011: 1).

Em 1985, Murphy aborda o turismo de maneira semelhante, enfatizando que o foco do estudo e das questões relacionadas ao turismo reside na interação e no impacto que ocorre entre os modelos sociais e culturais dos turistas e das comunidades que os recebem. Por isso, o autor nomeia o seu livro como "Tourism: A community approach". A definição de turismo, segundo o autor, é apresentada como "...um conjunto de elementos resultantes da viagem de não-residentes (turistas, incluindo excursionistas) para áreas de destino, desde que a sua estadia não se torne uma residência permanente". Além disso, o autor destaca que o termo "turista" deriva da palavra "tour", que se refere a uma jornada que

retorna ao ponto de partida, geralmente para negócios, lazer ou educação, durante a qual vários lugares são visitados.

Para Pearce e Stringer (1991), o turismo é um fenômeno essencialmente social e psicológico, caracterizando-o como um comportamento significativo de um indivíduo dentro de um contexto social. Essa definição sugere que o turismo não é apenas uma atividade de lazer, mas envolve interações complexas entre processos individuais e a situação social em que ocorrem. O autor enfatiza a importância de considerar diferentes níveis de análise, como processos intraindividuais, processos de grupo e intergrupo, e o ambiente social mais amplo, para entender completamente o comportamento turístico.

Segundo Jafari (2002), “O turismo é um fenômeno social e econômico que envolve a movimentação de pessoas para locais diferentes de onde residem, com o propósito de lazer, negócios ou outros motivos, por um período limitado de tempo. Essa atividade gera impactos significativos na cultura, na economia e no ambiente dos destinos visitados.” Semelhante ao anterior autor, Burkart (1981) afirma que “O turismo é considerado como incluindo qualquer atividade relacionada ao movimento temporário e de curto prazo de pessoas para destinos fora dos locais onde normalmente vivem e trabalham, bem como suas atividades durante a estadia nesses destinos.”

O trabalho de Yu, et. al., (2012), revela-se particularmente interessante ao abordar o conceito de turismo de uma perspectiva distintiva, centrada no próprio turista. Ao considerar a definição de turismo proposta pela Organização Mundial do Turismo, que enfatiza o "principal propósito de uma viagem", o estudo destaca-se ao explorar como essa definição técnica pode ser percebida e vivenciada pelos viajantes comuns. O estudo analisa as categorias de viagem e os fatores socioeconômicos que moldam a identidade dos visitantes como turistas, evidenciando que a experiência de ser turista varia amplamente entre indivíduos.

No mesmo artigo os autores mencionam que: “Um visitante é considerado um turista se realiza uma viagem para um destino fora de seu ambiente habitual por menos de um ano, com propósitos como negócios ou lazer, mas não para trabalhar numa entidade residente”. Os critérios para classificar uma viagem como turística incluem a dimensão geográfica (fora do ambiente habitual), a dimensão temporal (duração da estadia) e o propósito da viagem, onde visitantes que pernoitam são considerados turistas, enquanto os que retornam no mesmo dia são classificados como excursionistas.

Para Lolakhon (2024), o turismo é um setor diversificado e complexo da infraestrutura socioeconómica, onde engloba uma variedade de serviços e organizações, como hotéis, meios de transporte, estabelecimentos de alimentação e operadores turísticos, além de ser uma parte significativa da vida humana e uma importante área da economia, que envolve as interações entre o ser humano e o seu ambiente externo. Define então o turismo como sendo uma "... atividade de uma pessoa que viaja além dos limites de seu local de residência permanente para fins de saúde, educação, prática profissional ou outros propósitos, sem realizar atividades remuneradas no local visitado por um período que não exceda um ano."

Apesar de todas as definições acima referidas, existe uma dificuldade em estabelecer uma definição exata do conceito. Contudo, a Organização Mundial do Turismo (OMT) oferece uma descrição amplamente aceite onde declara que "O turismo é um fenómeno social, cultural e económico que implica a deslocação de pessoas para países ou locais fora do seu ambiente habitual para fins pessoais ou empresariais/profissionais." Também conclui que "...estas pessoas são apelidadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com as suas atividades, algumas das quais envolvem despesas turísticas." Segundo o Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres afirma que "O turismo traz progresso. Como um dos maiores setores da economia global, tem um grande poder de conectar culturas, gerar novas oportunidades e promover o desenvolvimento sustentável." (UNWTO, 2024).

Podemos concluir que o turismo é uma atividade socioeconómica complexa e multifacetada, cuja definição varia conforme as experiências e as perspetivas culturais, refletindo a sua evolução ao longo do tempo. A compreensão do turismo também se ampliou, passando de uma visão centrada nas necessidades dos turistas para incluir as interações sociais e culturais entre visitantes e comunidades anfitriãs, onde evidencia os seus impactos tanto nos turistas quanto nos residentes locais. As motivações e comportamentos dos turistas são influenciados por contextos sociais mais amplos, e existem critérios técnicos que ajudam a classificar quem é considerado turista, tendo em conta a duração da estadia, o propósito da viagem e a movimentação geográfica. Assim, o turismo envolve interações sociais, impactos culturais e económicos, uma vez que desempenha um papel importante no desenvolvimento e na conectividade global.

2.2 O Turismo ao Longo do Tempo

O turismo, assim como a história, a cultura, a tecnologia e até sociedade, é um fenômeno em constante evolução. Ao longo dos séculos, ele transformou-se e adaptou-se às mudanças das dinâmicas sociais e das necessidades dos viajantes. A compreensão dessa evolução permitimos perceber não apenas as tendências contemporâneas, mas também os desafios e oportunidades que o setor enfrenta no mundo globalizado de hoje (Streimikiene, Svagzdiene, Jasinskas, & Simanavicius, 2021).

Os antigos egípcios tiveram um papel crucial no início do turismo, pois atraíam visitantes pela sua cultura rica, crenças religiosas e monumentos grandiosos como as pirâmides de Gizé e os templos de Karnak e Luxor. Durante os principais períodos do Egito faraônico, realizavam-se festivais como o Wepet-Renpet, ligado à cheia do Nilo e marcado por celebrações com música e dança (Mark, 2017). Festividades como o Opet também incentivavam o convívio social e o comércio, onde refletiam o poder dos faraós e a sofisticação cultural da época, ajudando assim a moldar o que viria a ser o turismo cultural (Zakaria, El-Sharnouby, & Refaat, 2024).

Na Grécia Antiga, o turismo assumia uma dimensão cultural, religiosa e identitária, especialmente evidente em eventos como os Jogos Olímpicos, que entre 776 a.C. e 395 d.C. atraíam participantes e espectadores de toda a Grécia, protegidos pela "Trégua Olímpica" (Swaddling, 1999). Apesar das dificuldades de deslocamento, as motivações religiosas, desportivas e culturais levavam muitos a viajar até Olímpia (Crowther, 2001). Com o tempo, o local tornou-se um ponto de paragem importante para as elites gregas e romanas, acolhendo não só atletas, mas também peregrinos e espectadores, onde conseguiu criar um espaço vibrante de intercâmbio social e espiritual (García Romero, 2013). Embora seja anacrônico aplicar diretamente o conceito moderno de "overtourism", é possível reconhecer em Olímpia uma forma emergente de turismo em larga escala, dada a regularidade dos eventos e a afluência de visitantes, que temporariamente transformavam a cidade num centro movimentado de celebração e convivência.

No que diz respeito a Antiga Roma, o turismo era fortemente influenciado pelas festividades e pelo lazer, que surgiam como um antídoto para as guerras e conflitos, pois promoviam assim a coesão social e incentivavam a migração rural para as cidades. As celebrações, que ocorriam ao longo do ano em honra dos deuses, atraíam tanto habitantes locais quanto visitantes de regiões distantes (Korstanje, 2009).

Segundo Toner (2013), essas celebrações não só serviam para honrar os deuses, mas também para promover a coesão social e proporcionar oportunidades de lazer e entretenimento para os cidadãos romanos. As festividades incluíam uma variedade de atividades, como procissões, jogos, oferendas e banquetes, que eram importantes tanto para a prática religiosa quanto para a vida social e cultural de Roma.

Além das celebrações religiosas, a Antiga Roma também oferecia um turismo voltado para o entretenimento, centrado nos espetáculos de arena. Os jogos e combates de gladiadores eram uma forma de lazer que atraía grandes multidões aos anfiteatros (Ivan, 2013). Esses espetáculos incluíam lutas sangrentas e execuções públicas, criando um ambiente de entretenimento que, embora violento, atraía a atenção do público e reforçava a mensagem do Estado, uma vez que desempenhavam um papel importante na manutenção da ordem social e na legitimação do poder imperial (Dunkle, 2013). Ou seja, ao reunir grandes massas de pessoas em Roma, podemos comparar com os desafios que enfrentamos hoje em destinos turísticos de grande afluência, já que a grande quantidade de visitantes gerava impactos sociais e culturais.

O percurso do turismo durante os tempos pós-clássicos, ou Idade Média, revela uma fascinante intersecção entre espiritualidade e cultura popular. As peregrinações a locais sagrados, como Jerusalém e Meca, eram não apenas viagens de fé, mas também oportunidades para os viajantes adquirirem *souvenirs* que tornassem tangíveis as suas experiências espirituais (Digance, 2006). Esses objetos, desde insígnias até água benta, serviam como recordações do sagrado e como símbolo de prestígio nas suas comunidades. Assim, a prática de colecionar "lembranças" já estava enraizada nas tradições medievais, antecipando o que hoje conhecemos como turismo de experiência, onde a conexão entre o viajante e o destino é fortalecida por meio de objetos que representam momentos significativos do seu percurso (Masset & Decrop, 2021).

Paralelamente, o turismo na Idade Média também era marcado por aspetos mais sombrios e intrigantes, como a atração por espetáculos de tortura e execuções públicas. Esses eventos, que se tornaram um tipo de entretenimento popular numa sociedade feudal, refletiam as tensões da época e a curiosidade pela crueldade humana (Duia & Werdler, 2016). Assim, o turismo na Idade Média é um reflexo complexo de uma sociedade em transformação, onde crenças, rituais e o desejo por conhecimento e entretenimento coexistem de maneiras intrigantes.

Posteriormente, a Idade Moderna destacou-se com o surgimento do “Grand Tour”, uma viagem cultural, educacional e de lazer realizada principalmente pela elite social rica da Europa continental, especialmente na Itália. Estes *tours* tiveram um impacto significativo na arte e cultura britânica, pois eram realizados por classes socioeconômicas privilegiadas (Voleva-Petrova, 2020). Essa experiência, predominantemente aristocrática, era vista como uma extensão da educação clássica (Richards, 1996), o que permitiu aos participantes uma aprendizagem significativa sobre outras culturas, com ênfase na educação, história, artes e cultura, em detrimento das belezas naturais.

O circuito turístico do “Grand Tour”, que incluía países como França, Itália, Alemanha, Suíça e Países Baixos, foi descrito por Nugent no século XVIII como uma experiência enriquecedora, onde destaca a hospitalidade e as artes da Itália. Entre 1661 e 1700, cidades como Paris, Milão, Veneza e Amsterdão eram os principais destinos, e o turismo começou-se a organizar em rotas prescritas, com serviços que se assemelhavam a pacotes turísticos, onde ofereciam transporte e hospedagem (Brodsky-Porges, 1981). O “Grand Tour”, portanto, desempenhou um papel crucial na evolução do turismo e na educação da sociedade europeia, influenciando as suas compreensões socioculturais e políticas.

O período de 1750 a 1945, foi marcado pelo surgimento de operadores turísticos e inovações nos transportes como, por exemplo, o carro moderno e a expansão das ferrovias, que tornaram as viagens mais acessíveis. O primeiro sistema ferroviário comercial foi inaugurado na Inglaterra em 1825, com a linha entre Stockton e Darlington (Duffy, 1981). Não facilitavam unicamente o transporte, mas também passaram a ser atrações turísticas, pois promoviam destinos emblemáticos e contribuíam para a urbanização de áreas remotas (Bogart, You, Alvarez-Palau, Satchell, & Shaw-Taylor, 2022). Isso permitiu que as pessoas viajassem mais rapidamente e com menos custos, algo que antes era reservado apenas para as classes mais altas.

Thomas Cook, um empresário inglês, revolucionou a indústria de viagens em 1841 ao organizar uma viagem de comboio, o que eventualmente levou ao estabelecimento da inovadora marca Thomas Cook & Son na década de 1860 (Polat & Arslan, 2019). Foi um dos operadores de turismo mais famosos do mundo, onde ofereceu pacotes de férias de baixo custo para dezenas de destinos ao redor do mundo, tornando-se uma opção popular para viajantes que procuravam uma viagem acessível (Leadbeater, 2019).

Sob a liderança de John Cook, a empresa atendia a uma ampla clientela, incluindo a realeza e forças militares, estabelecendo uma presença significativa no turismo internacional (Brendon, 1991). Pode-se dizer que Cook inventou o turismo moderno e era conhecido como o pai dos pacotes turísticos (Salman & Seiam, 2020).

Podemos concluir que, com a Revolução Industrial, o transporte ferroviário tornou as viagens mais acessíveis, especialmente para as classes médias, fomentando o turismo de lazer. O aumento do tempo livre das classes trabalhadoras gerou uma procura crescente por viagens, especialmente no campo, para escapar da urbanização das cidades industriais. Esse processo, embora inicial, demonstra como o crescimento descontrolado do turismo pode levar a impactos negativos, como visto hoje em destinos sobrecarregados.

Este período também enfrentou desafios significativos, incluindo duas guerras mundiais, a gripe espanhola e a Grande Depressão, que impactaram profundamente a indústria do turismo, interrompendo e, em seguida, reconfigurando as formas de viajar. A guerra teve um efeito marcante na evolução do turismo, especialmente durante e após os conflitos, transformando assim muitos viajantes em refugiados ou soldados (Christou P. , 2022).

Com o término da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, emergiu um novo tipo de turismo, focado em locais de memória, como campos de batalha e cemitérios, onde as famílias visitavam para homenagear os soldados e refletir sobre os eventos históricos (Capuzzo, 2020). Este ressurgimento do turismo memorial levou os visitantes a procurar compreender e homenagear a história, transformando os locais de guerra em destinos turísticos significativos que ligam as pessoas ao passado e influenciam a maneira como as sociedades abordam a memória histórica através do turismo. Este tipo de turismo tem raízes nas viagens de peregrinação histórica (Çakar, 2018).

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, a “Deutsche Luft Reederei” começou a operar transporte de passageiros na Alemanha, seguida pela fundação de várias companhias aéreas na década de 1920, como Imperial Airways e KLM. Nos anos 30, o Boeing 247 foi visto como o primeiro "avião moderno", e a introdução de hospedeiras de bordo transformou a experiência de voo. Após a Segunda Guerra Mundial, a aviação comercial cresceu rapidamente, especialmente nas rotas transatlânticas, com um aumento significativo de passageiros nos EUA entre 1945 e 1946. A American Airlines, por exemplo, iniciou os seus primeiros voos comerciais regulares, tornando as viagens aéreas

mais acessíveis, especialmente para as classes médias (Davies, 2016). Este aumento da mobilidade e do interesse por lazer impulsionou o turismo de massas nas décadas seguintes. No entanto, o crescimento acelerado e muitas vezes desregulado lançou as bases para os desafios atuais ligados à saturação turística, como a pressão sobre os recursos locais e impactos ambientais, hoje reconhecidos como sintomas de “overtourism” (Christou P. , 2022).

O turismo de massa, embora sem uma definição universalmente aceita, teve um crescimento significativo desde a década de 1970, impulsionado por diversos fatores (Vainikka, 2013). A prosperidade económica pós-Segunda Guerra Mundial permitiu que mais pessoas viajassem, com tarifas de transporte mais acessíveis e procedimentos de viagem facilitados. Destinos ao redor do mundo investiram em infraestrutura turística, como foi o caso de Hong Kong, que viu um aumento dramático no desenvolvimento turístico. Além disso, a imigração, alimentada por oportunidades de emprego e segurança em países como a Austrália, também contribuíram para o crescimento do setor (Christou P. A., 2022).

A década de 1970 e as décadas seguintes assistiram a um crescimento acelerado do turismo, com muitos destinos a priorizarem os benefícios económicos, sem ter em conta os efeitos negativos. O conceito de "capacidade de carga" e a sustentabilidade começaram a ser mais discutidos, com académicos a alertarem para os riscos de um desenvolvimento turístico desordenado (Wu, Bidin, & Johari, 2025). Apesar dos avisos sobre os impactos sociais e ambientais, muitos destinos continuaram a registar um aumento no turismo sem o planeamento adequado, o que levou a problemas como a degradação das infraestruturas e à diminuição da qualidade de vida dos residentes (Seyhan, 2023).

Durante as décadas de 1980 e 1990, locais de lazer, particularmente aqueles com praias e ilhas, tornaram-se extremamente populares, pois atraíam turistas que procuravam destinos de sol e mar. Este aumento no número de turistas resultou numa rápida transformação de lugares que antes eram pouco visitados e que começaram a receber milhões de visitantes anualmente (Alegre, Cladera, & Sard, 2011).

A liberalização do transporte aéreo na Europa na década de 1990 reduziu restrições sobre rotas e preços, o que resultou num crescimento notável das viagens aéreas, principalmente com o surgimento das companhias aéreas de baixo custo, que democratizaram o acesso

ao transporte aéreo por meio de serviços básicos a preços reduzidos e plataformas de reserva simples e acessíveis (Olipra, 2012).

Nos anos 2000 e 2010, as consequências do turismo, tanto positivas quanto negativas, tornaram-se mais evidentes. O setor turístico não só gerou oportunidades de emprego e crescimento económico, mas também enfrentou críticas pelos seus impactos ambientais e sociais (Almeida-García, Cortés-Macías, & Parzych, 2021). O aumento acentuado do número de turistas exacerbou problemas como poluição, degradação ambiental e conflitos entre residentes e visitantes (Deery, Jago, & Fredline, 2012). Embora as chegadas internacionais e as receitas tenham atingido recordes, a pressão sobre os recursos naturais e o bem-estar das comunidades locais cresceu (García, Vázquez, & Macías, 2015).

Também é importante mencionar a pandemia de COVID-19, uma vez que provocou uma crise sem precedentes no setor de turismo, resultando na paralisação quase total das viagens internacionais, interrupção de voos, cruzeiros e comboios, e hotéis vazios (Čorak, Živoder, & Marušić, 2020). Para enfrentar essa situação, muitas organizações adotaram estratégias de marketing agressivas, como remarcações gratuitas e tarifas reduzidas, enquanto outras inovaram ao oferecer produtos icônicos durante o *lockdown* (Ozuem, Ranfagni, Willis, Rovai, & Howell, 2021). A preocupação com higiene e segurança tornou-se central, o que levou à implementação de práticas rigorosas de limpeza, que passaram a influenciar as escolhas dos turistas (Yu, Seo, & Hyun, 2021). Embora a crise tenha exacerbado desafios preexistentes relacionados à sustentabilidade, também surgiram tendências positivas, como o aumento do turismo interno e um foco renovado na qualidade das experiências de viagem.

Em resposta à emergência de saúde pública, tanto académicos quanto profissionais do turismo concentraram-se em estratégias de recuperação de curto prazo, enfatizando a importância de seguir diretrizes de saúde e segurança, como o distanciamento social e as medidas sanitárias (Aquino, et al., 2020). A Agência Europeia de Segurança Marítima, por exemplo, publicou orientações sobre operações de cruzeiros que incluíam medidas como distanciamento físico e uso de equipamentos de proteção (EMSA, 2020). Apesar das recomendações da Organização Mundial do Turismo (OMT), segundo os autores Kreiner e Ram (2021) a adoção dessas diretrizes variou amplamente entre os países, evidenciando a diversidade nas indústrias de turismo em diferentes regiões.

Após a fase crítica da pandemia, as discussões sobre a transformação do turismo num modelo mais sustentável e inclusivo ganharam destaque, com a necessidade de adaptar os modelos de negócios e as estratégias de marketing. Iniciativas "verdes" incluem a troca de subsídios de combustíveis fósseis por investimentos em energia limpa, a realocação de subsídios de irrigação para melhorar o saneamento e a introdução de um imposto sobre carbono para financiar soluções climáticas naturais (Barbier & Burgess, 2020). Portugal tem promovido um turismo mais sustentável, focando em experiências únicas em regiões menos massificadas, implementando medidas de higiene e segurança que priorizam a sustentabilidade social e ambiental (Almeida & Silva, 2020).

No entanto, a implementação dessas práticas varia amplamente, e ainda há um longo caminho a percorrer para que todos os destinos e organizações adotem plenamente as noções de sustentabilidade e capacidade de carga (Yusoh, Mapjabil, Hanafi, & Idris, 2021). O futuro do turismo dependerá da capacidade do setor de equilibrar crescimento económico com a proteção ambiental e o bem-estar das comunidades anfitriãs (Gupta, Mondal, Janardhan, Kumawat, & Shekhar, 2024).

Concluimos assim que ao longo da história, o turismo evoluiu de práticas religiosas e culturais para atividades de lazer acessíveis a um público mais amplo, impulsionado por inovações como os comboios e a aviação. O crescimento acelerado após a Segunda Guerra Mundial, aliado à liberalização do transporte aéreo e ao surgimento de companhias de baixo custo, levou à massificação do turismo. Esse processo culminou no fenómeno do “overtourism”, marcado pela sobrecarga de destinos, degradação ambiental e tensões sociais. A pandemia da COVID-19 revelou a vulnerabilidade do setor, mas também reforçou a urgência de um modelo turístico mais sustentável, equilibrando crescimento económico com bem-estar social e preservação dos recursos. Assim sendo, iremos posteriormente abordar os impactos do turismo urbano de forma a compreender com mais clareza o turismo massificado.

3. Turismo Urbano

3.1 Turismo Urbano e Urbanização

As interações entre turismo urbano e urbanização têm raízes históricas profundas, onde evidenciam que o turismo, por sua natureza, é um fenómeno urbano, com as suas origens ligadas ao deslocamento de indivíduos entre cidades. Desde os Grand Tours dos séculos XVIII e XIX, mencionados anteriormente no trabalho, o turismo tem sido um componente essencial da vida urbana (Richards, 2022).

Apesar de estarem relacionados define-se Turismo Urbano, segundo a OMT, como “um tipo de atividade turística que tem lugar num espaço urbano com os seus atributos inerentes, caracterizado por uma economia de base não agrícola, como a administração, a indústria transformadora, o comércio e os serviços, e por serem pontos nodais de transporte. Os destinos urbanos/cidades oferecem uma gama ampla e heterogénea de experiências e produtos culturais, arquitetónicos, tecnológicos, sociais e naturais para lazer e negócios.” (UNWTO, 2016).

Por outro lado, a Urbanização, segundo Alves (2016), é definida como “um processo que envolve a expansão e o desenvolvimento das áreas urbanas, relacionado com a transformação social, económica e espacial. Esse fenómeno está ligado à migração de populações para as cidades, ao crescimento da infraestrutura urbana e à mudança na forma como as pessoas vivem e interagem em ambientes urbanos.” Segundo o mesmo, “a urbanização também pode ser vista sob diferentes perspetivas, incluindo os seus impactos sociais, económicos e ambientais, e como ela altera a dinâmica regional e a polarização social”. Em resumo, a urbanização é um processo que transforma o espaço urbano, enquanto o turismo urbano é uma atividade que ocorre dentro desse espaço.

Além disso, a urbanização não apenas gera turismo, mas também é influenciada por ele; o século XIX, marcado pelo surgimento do turismo moderno, também viu um novo urbanismo emergir nas cidades que se tornaram destinos turísticos populares. Assim, a relação entre turismo e urbanização é mútua e complexa, refletindo como cada um impacta o desenvolvimento do outro ao longo do tempo (Henriques E. , 2003).

O turismo urbano tem se mostrado um motor importante para o desenvolvimento das cidades, contribuindo para a revitalização de áreas urbanas e impulsionando o crescimento económico. Como mencionado no livro de Novy e Colomb (2017), a ascensão do turismo nas últimas décadas transformou locais anteriormente

negligenciados em destinos desejados. A operação de políticas de marketing e promoção de novos espaços turísticos, que enfatizam a diversidade cultural e as experiências autênticas, atrai não apenas visitantes, mas também investimentos significativos, o que resulta em melhorias na infraestrutura e na oferta de serviços urbanos.

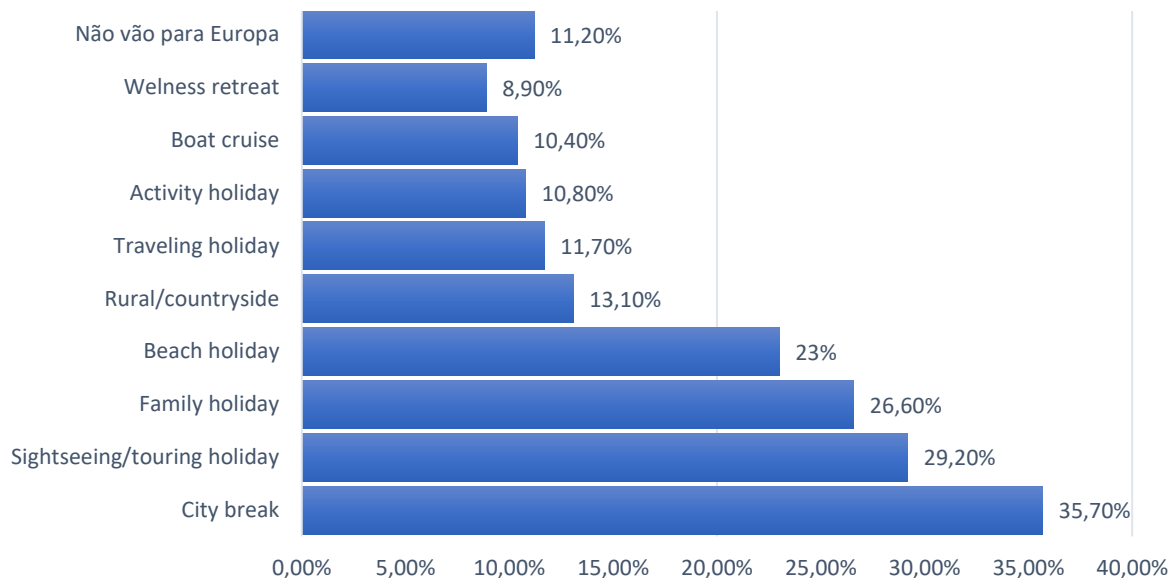
Entretanto, esse desenvolvimento impulsionado pelo turismo não ocorre sem desafios. Conforme salientam Novy e Colomb (2017), embora o turismo urbano possa impulsionar a economia local e reabilitar zonas degradadas, também está frequentemente associado a processos de gentrificação e aumento das desigualdades sociais. Pixová e Sládek, no livro editado por Maitland e Newman (2014), ao analisarem o caso de Praga, destacam que os protestos urbanos não são meramente contra os turistas, mas revelam uma exigência mais profunda por justiça espacial e por políticas que considerem as necessidades da população local. Assim, é essencial que o desenvolvimento turístico seja planejado de forma a integrar as vozes dos residentes, promovendo um crescimento urbano mais inclusivo e equitativo.

Além disso, os efeitos visíveis do turismo urbano — como o aumento do custo de vida, a pressão sobre infraestruturas e os conflitos no uso do espaço urbano — exigem uma resposta estratégica por parte das autoridades. Muitas cidades têm recorrido a medidas como a regulação do alojamento local, o incentivo ao comércio tradicional e a melhoria da mobilidade urbana, com o objetivo de reduzir as tensões entre visitantes e residentes (Pinto, 2023). Uma gestão eficaz do turismo, como defendem Novy e Colomb (2017), deve articular objetivos económicos com a responsabilidade social e ambiental, garantindo que os benefícios do setor sejam partilhados de forma equilibrada entre todos os atores urbanos.

A análise dos gráficos a seguir fornece uma visão clara sobre as tendências de turismo e urbanização global. O primeiro gráfico revela a percentagem de consumidores ricos que planeiam viajar para a Europa no 4.º trimestre de 2024, segmentando as suas preferências de turismo, o que é fundamental para entender como estas escolhas impactam o turismo nas cidades europeias. O segundo gráfico mostra a percentagem da população urbana mundial em 2023, por continente, onde evidencia a crescente urbanização e as suas implicações na infraestrutura e serviços urbanos. Essa urbanização pode potencialmente aumentar o turismo nas cidades, enquanto o influxo de turistas abastados pode impulsionar melhorias na infraestrutura, beneficiando tanto os residentes quanto os visitantes. A análise desses dados destaca a interconexão entre turismo urbano e

urbanização, onde indica a importância de entender estas dinâmicas para o desenvolvimento futuro das cidades e o seu apelo turístico.

Gráfico 1 Percentagem de consumidores abastados a nível global dispostos a fazer férias na Europa no 4.º trimestre de 2024, por tipo.

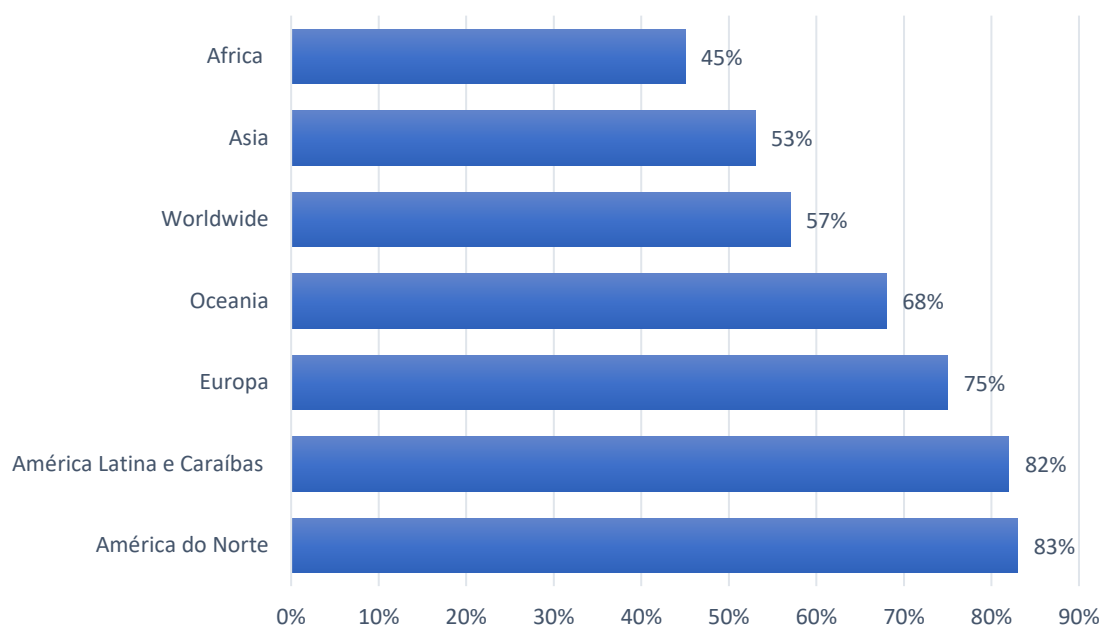


Fonte: Elaboração própria com base em Statista (2024).

A análise do gráfico revela algumas conclusões significativas sobre o crescimento do turismo urbano. A modalidade de "City break" é a mais popular entre os entrevistados, com 35,7% das escolhas, onde evidencia um forte interesse por experiências urbanas que podem envolver a exploração de cidades, cultura e entretenimento. Em seguida, a opção "Sightseeing/touring holiday" foi escolhida por 29,2% dos participantes, onde indica que muitos viajantes valorizam experiências que combinam turismo e aprendizado, com foco na cultura e atrações históricas. Além disso, a preferência por "Family holiday", com 26,6%, mostra a importância das viagens em família, enquanto 23% optaram por "Beach holidays", revelando um interesse por descanso à beira-mar.

O gráfico também destaca a menor popularidade de modalidades como turismo rural, atividades desportivas e bem-estar, sugerindo que o apelo das experiências urbanas é mais forte entre os entrevistados. Em suma, os dados evidenciam um claro crescimento do turismo urbano, com altas percentagens de preferência por "City breaks" e "Sightseeing/touring holidays", ressaltando o interesse por experiências culturais e urbanas.

Gráfico 2 *Percentagem da população urbana mundial em 2023, por continente*



Fonte: Elaboração própria com base em Statista (2023).

Neste gráfico podemos analisar que, em 2023, a proporção da população urbana no mundo varia significativamente entre os continentes. A América do Norte lidera a urbanização com 83% da sua população vivendo em áreas urbanas, seguida pela América Latina e Caraíbas com 82%. A Europa também apresenta uma alta taxa de urbanização, atingindo 75%. Por outro lado, a Ásia possui 53% de urbanização, refletindo a coexistência de megacidades e uma considerável população rural. A África, com a menor taxa de urbanização de 45%, indica que a maioria da sua população ainda reside em áreas rurais. Em resumo, enquanto América do Norte e América Latina se destacam como os continentes mais urbanizados, a Ásia e a África estão entre os menos urbanizados, embora a urbanização esteja a crescer rapidamente nesses últimos. A média global (Worldwide) revela que mais da metade da população mundial vive em cidades, mas existem grandes disparidades entre os continentes.

Em 2015, a OMT registrou que 54% da população global vivia em áreas urbanas, um marco significativo que refletia a crescente urbanização das sociedades contemporâneas. Analisando os dados mais recentes, em 2023, observamos que essa percentagem subiu para 57%, evidenciando um aumento constante na urbanização ao longo dos anos. Este crescimento de 3% a cada sete anos ilustra a tendência contínua de migração para as

idades, que se torna ainda mais pronunciada nas previsões para 2030, quando se espera que 60% da população mundial resida em áreas urbanas (UNWTO, 2016).

Esses números não apenas destacam a evolução demográfica, mas também ressaltam o papel crucial do turismo no contexto urbano. À medida que mais pessoas se concentram nas cidades, o turismo torna-se um motor vital para o desenvolvimento económico e social, influenciando a qualidade de vida tanto de residentes quanto de visitantes. Para que essa dinâmica seja benéfica e sustentável, é fundamental que haja uma integração eficaz entre administrações públicas, setor privado, comunidades locais e turistas, ou seja, que promova um enfoque colaborativo que maximize o potencial do turismo nas agendas urbanas contemporâneas (Lak, Gheitasi, & Timothy, 2020).

Podemos então concluir que na atualidade existe um crescimento da urbanização e do turismo urbano, uma vez que no primeiro gráfico conseguimos observar que as viagens para cidades (city breaks) são a opção mais popular (35,7%) entre os turistas. Ou seja, o aumento da urbanização significa que as cidades precisarão investir em infraestrutura, transporte e sustentabilidade para acomodar tanto os residentes como os turistas (Lalicic & Önder, 2018). O futuro do turismo urbano dependerá de como as cidades gerem a infraestrutura, sustentabilidade e inovação. Ciclo de Vida do Turismo Urbano

3.2 Ciclo de Vida do Turismo Urbano

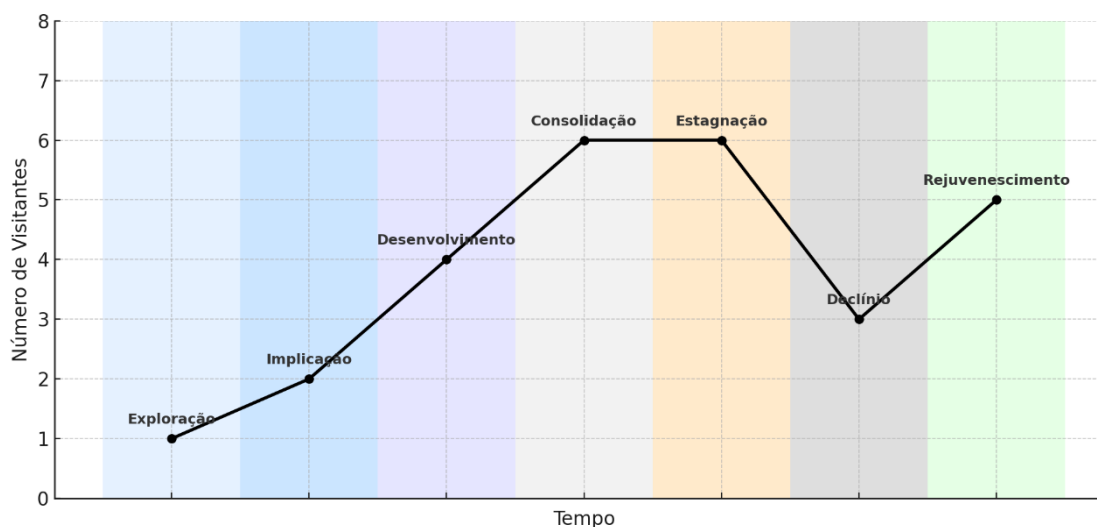
O ciclo de vida do turismo urbano é um conceito fundamental para compreender a evolução das cidades enquanto destinos turísticos, permitindo uma análise estruturada e dinâmica das diferentes fases pelas quais estes espaços passam ao longo do tempo. Este modelo, amplamente baseado na teoria do *Tourism Area Life Cycle* (TALC), proposta por Richard W. Butler em 1980, descreve o desenvolvimento do turismo em contextos urbanos desde a sua emergência até possíveis fases de declínio ou rejuvenescimento (Butler R. W., 1980; Butler R. , 2009). Segundo Butler, estas fases não refletem apenas transformações físicas e infraestruturais, mas também mudanças sociais, culturais e económicas que afetam diretamente a atratividade e a sustentabilidade dos destinos. A sua aplicação ao turismo urbano é particularmente relevante num contexto de crescimento acelerado do setor e das suas consequências, como o fenómeno do “overtourism”.

Inicialmente, na fase de exploração, as cidades são descobertas por turistas mais aventureiros, geralmente motivados por interesse cultural ou histórico. Esta fase é caracterizada por um impacto turístico ainda limitado sobre o quotidiano urbano e os

residentes. A fase de implicação é o momento em que se manifestam os impactos sociais, económicos, culturais e ambientais do desenvolvimento turístico na cidade, exigindo ações de gestão para garantir a sustentabilidade. Com a crescente visibilidade do destino, frequentemente impulsionada por campanhas de marketing, eventos ou valorização do património (Butler R. W., 2009, p. 14) inicia-se a fase de desenvolvimento, na qual se observa um aumento significativo da procura turística e da infraestrutura dedicada ao setor. Posteriormente, a fase de consolidação marca o momento em que o turismo assume um papel central na economia da cidade, mas também acarreta consequências como pressões sobre o espaço urbano, serviços públicos e qualidade de vida dos residentes (Massey, 1999).

Quando estas pressões se intensificam, instala-se a fase de estagnação, marcada por sinais de saturação, como sobrelotação, gentrificação e degradação patrimonial, evidenciando os limites da capacidade de carga da cidade, podendo então surgir o fenómeno de “overtourism” (Martin & Uysal, 1990). A fase final do ciclo pode seguir dois caminhos distintos: declínio ou rejuvenescimento. O declínio ocorre quando a cidade perde atratividade, surgem críticas por parte dos visitantes e há um êxodo de residentes das zonas mais afetadas pelo turismo. Alternativamente, o rejuvenescimento envolve a adoção de estratégias sustentáveis, requalificação de áreas degradadas, diversificação da oferta turística e redistribuição dos fluxos de visitantes, contribuindo para revitalizar o destino (Ravenscroft & Hadjihambi, 2006). Esta capacidade de reinvenção é vista como essencial para prolongar a relevância e competitividade das cidades num contexto global em constante transformação.

Gráfico 3 Ciclo de Vida do Turismo Urbano



Fonte: Elaboração própria com base em Butler (1980).

Assim, como salientam Butler e Russell (2010, p. 19), o sucesso contínuo das cidades enquanto destinos turísticos depende diretamente da sua capacidade de adaptação a mudanças internas e externas, tornando a gestão estratégica, a inovação e a sustentabilidade pilares indispensáveis para o prolongamento do ciclo de vida do turismo urbano.

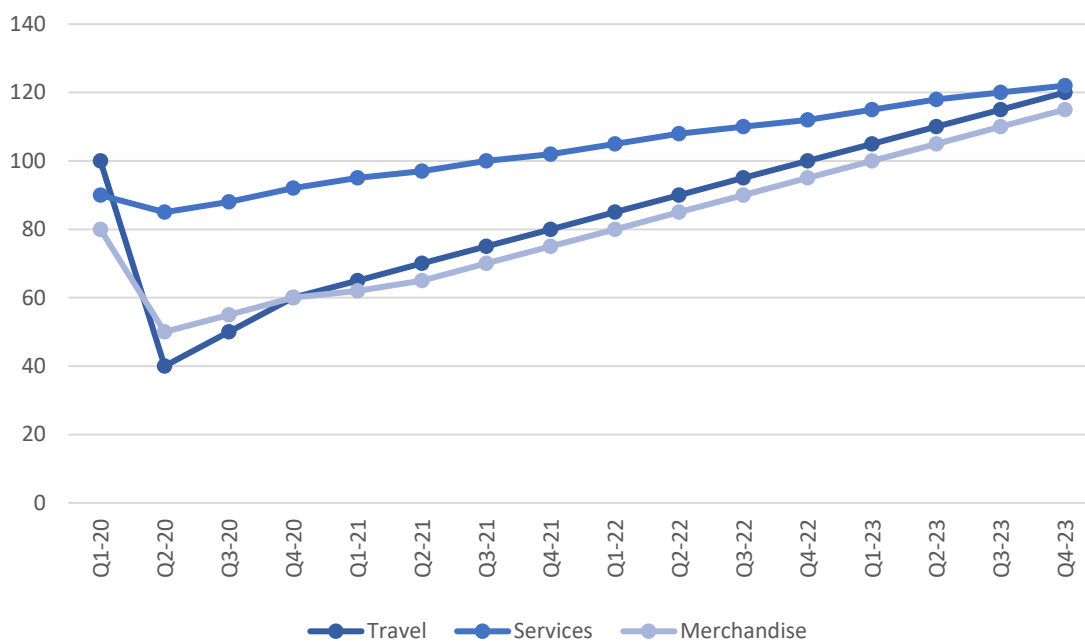
3.3 Impactos do Turismo Urbano

Apesar de já termos mencionado alguns dos impactos do turismo urbano no ponto anterior, iremos posteriormente esclarecer e desenvolver a temática de forma a clarificar que consequências advêm do turismo urbano, sejam elas positivas ou negativas. O turismo urbano tem crescido de forma significativa, tornando-se uma importante força económica para diversas cidades ao redor do mundo, especialmente na Europa (Garay-Tamajón et. al, 2022). Com o aumento do número de turistas, as cidades têm adaptado os seus espaços urbanos para receber esse fluxo crescente de visitantes. Um foco especial tem sido dado aos centros urbanos que integram locais de património mundial, onde o envolvimento e o apoio da comunidade local são fundamentais para o desenvolvimento de um turismo sustentável e para a preservação do património (García-Hernández, De la Calle-Vaquero, & Yubero, 2017).

Do ponto de vista económico, o turismo urbano oferece um conjunto significativo de impactos positivos. Destaca-se, em primeiro lugar, a melhoria da qualidade de vida dos residentes, fruto do investimento em infraestrutura, transporte público e serviços, como resposta ao aumento da procura turística. Além disso, a criação de emprego e

oportunidades de negócio locais constitui um benefício direto, especialmente em áreas que antes não estavam dinamizadas economicamente. Hanafiah et al. (2021) sublinham que, quando os residentes percebem benefícios económicos tangíveis, tendem a apoiar o desenvolvimento do turismo, contribuindo assim para a sua sustentabilidade.

Gráfico 4 *Turismo vs. a Economia Mais Ampla (Comércio de Serviços e Mercadorias)*



Fonte: Elaboração própria com base na World Trade Organization, 2024.

Nota: O gráfico inclui 50 territórios que representam 95%, 74% e 72% do comércio global de bens, serviços e serviços de viagem, em 2019.

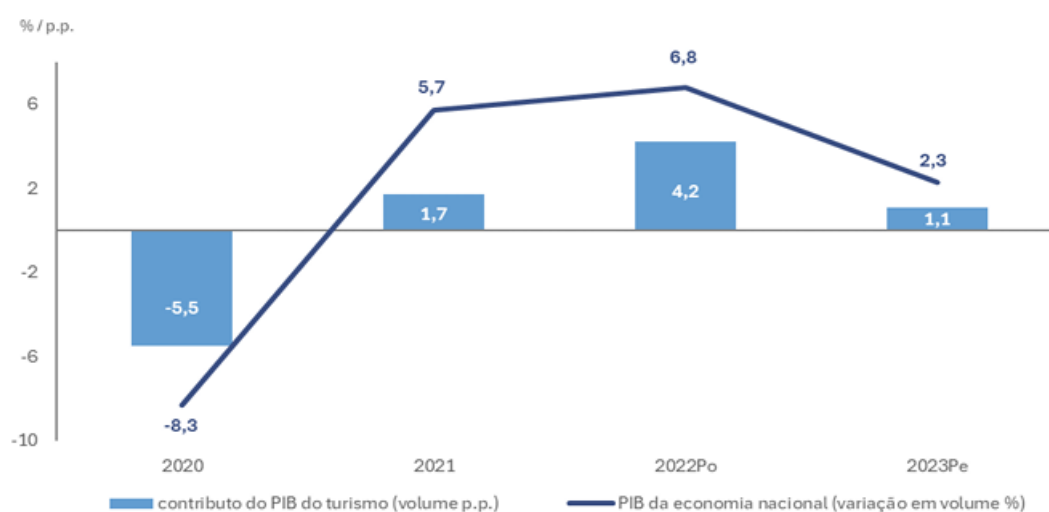
Os dados mais recentes confirmam esta importância económica. Em 2023, o turismo teve uma contribuição estimada de 3% para o Produto Interno Bruto (PIB) global, atingindo os níveis anteriores à pandemia pela primeira vez. Segundo a OMT, as receitas geradas por viagens internacionais chegaram a 1,5 biliões de dólares, enquanto as receitas de exportação do turismo (que incluem os pagamentos às companhias aéreas nacionais) somaram 1,7 biliões de dólares (World Bank Group, 2024).

O gráfico mostra a evolução do turismo (“Travel”) em comparação com o comércio de serviços (“Services”) e mercadorias (“Merchandise”) entre o primeiro trimestre de 2020 (Q1-20) e o quarto trimestre de 2023 (Q4-23). O turismo sofreu a maior queda no segundo trimestre de 2020, refletindo o impacto da pandemia, enquanto os setores de serviços e mercadorias tiveram uma redução menos acentuada. A partir do terceiro trimestre de 2020, observa-se uma recuperação gradual, com crescimento contínuo até 2023. No quarto trimestre de 2023, os três indicadores convergem, o que sugere que o turismo

alcançou ou até superou os níveis pré-pandemia. Esse crescimento pode estar relacionado ao aumento dos gastos por viagem, indicando uma forte retomada do setor.

Esse fluxo impulsiona a economia local por meio de gastos em áreas como alojamento, alimentação e transporte, o que leva a melhorias na infraestrutura urbana, incluindo transportes públicos e novas instalações (World Bank Group, 2024). Apesar da desaceleração em alguns serviços não relacionados ao turismo, o comércio de mercadorias tem mostrado resiliência, especialmente nas economias emergentes. Assim, o crescimento contínuo no setor de viagens não só sinaliza uma recuperação sólida, mas também apresenta diversos desafios e oportunidades para as cidades, que precisam equilibrar a competitividade com práticas sustentáveis.

Gráfico 5 *PIB da economia nacional e contributo do PIB do turismo no PIB nacional (2020 – 2023)*



Fonte: INE (Conta Satélite do Turismo e Contas Nacionais), 2024.

Entre 2020 e 2023, o turismo teve um papel crucial no crescimento económico de Portugal, sendo responsável por uma parte significativa tanto na queda do PIB em 2020 devido à pandemia quanto na sua recuperação posterior. Em 2022 e 2023, o turismo contribuiu de forma relevante para o aumento do PIB, especialmente no ano de 2023, quando o setor representou cerca de metade do crescimento real do PIB. Além disso, o Valor Acrescentado Bruto do Turismo (VABGT) cresceu de forma mais expressiva do que a economia nacional, com um destaque notável em 2017, quando o VABGT cresceu 17,3%, muito acima do crescimento do VAB nacional (INE, 2024). Estes dados mostram a relevância do turismo urbano no crescimento económico do país, especialmente nas áreas mais turísticas, com impacto direto na recuperação e no desenvolvimento do setor.

Os estudos mostram que as cidades com uma base económica diversificada tendem a se beneficiar mais do turismo, enquanto aquelas que dependem fortemente dele podem ter dificuldades em capitalizar os seus benefícios (Sheng, 2011). Essa observação sugere que o turismo, embora possa gerar receitas substanciais, não é uma solução universal para o desenvolvimento urbano e para a economia.

Contudo, apesar destes benefícios económicos, o turismo urbano também acarreta impactos negativos consideráveis, especialmente quando não é gerido de forma sustentável. A intensificação dos fluxos turísticos, estimulada pela mobilidade internacional, o crescimento de segundas residências e a proliferação de eventos culturais e festivais, pode causar tensões sociais e económicas. Novy e Colomb (2021) alertam para o risco de contestações sociais em contextos de transformação física e económica das cidades, onde os residentes veem o seu quotidiano afetado por decisões tomadas sem o seu envolvimento.

Além disso, García-Hernández et al. (2017) destacam a pressão que o turismo exerce sobre os centros históricos das cidades, enfatizando a importância de considerar a sustentabilidade e preservar o património dos destinos turísticos. A sustentabilidade, neste contexto, envolve não só a preservação física do património, mas também uma gestão eficiente do turismo, de forma a evitar que ele sobrecarregue os recursos disponíveis, prejudique o meio ambiente ou impacte negativamente a vida dos moradores locais. O turismo pode exercer uma grande pressão sobre essas áreas, pois o fluxo constante de visitantes pode danificar os bens culturais ou até modificar as características originais da cidade, como a construção de novas infraestruturas para acomodar os turistas, o que pode comprometer a identidade e a autenticidade dos centros históricos (Henriques C. , 2003).

Uma das consequências mais debatidas é a gentrificação, isto é, a substituição de populações locais por visitantes ou novos residentes com maior poder económico. Edensor e Jayne (2012) relacionam este fenómeno com o crescimento do turismo, enquanto Estevens et al. (2023) analisam o caso de Lisboa, onde políticas neoliberais e projetos de reabilitação urbana favoreceram investidores e populações móveis — como nómadas digitais e estudantes estrangeiros — em detrimento dos residentes locais, que viram os preços da habitação aumentar e as proteções sociais reduzidas.

Muitas cidades não foram desenhadas para acolher o turismo em grande escala, sendo que poucas áreas urbanas têm infraestruturas especificamente dedicadas a esse fim,

expeto em locais como complexos turísticos. Nesse contexto, os eventos e festivais passaram a ser uma estratégia para atrair visitantes, materializando o conceito de “*Eventful City*” (Richards & Palmer, 2012). No entanto, essas iniciativas trazem consequências sociais, económicas e ambientais, como o endividamento e a marginalização social e cultural. Um exemplo disso é o aumento de protestos por parte dos moradores contra os efeitos do turismo descontrolado, como o “overtourism”, que geram problemas de gestão e criam pressões sobre as cidades e os seus habitantes.

Em relação aos impactos ambientais, o desenvolvimento de infraestruturas destinadas ao turismo urbano frequentemente provoca a degradação de espaços naturais, como parques e áreas verdes, o que leva à perda de biodiversidade. Page e Duignan (2023) destacam a tensão entre a promoção de destinos turísticos e a preservação ambiental, alertando para os danos que o turismo pode causar aos ecossistemas urbanos. Outro efeito importante do turismo urbano é o aumento do consumo de recursos, como água e energia, necessários para acomodar turistas e manter as operações comerciais locais. Cristiano e Gonella (2020) afirmam que o turismo, muitas vezes, atua como uma indústria extrativa, pois desvia recursos que seriam destinados aos residentes e cria um desequilíbrio entre as necessidades dos turistas e das comunidades locais.

O turismo urbano também tem impactos sociais complexos, que variam de acordo com as perceções dos residentes locais. Muitos moradores de destinos turísticos urbanos expressam atitudes negativas em relação aos turistas, considerando-os barulhentos, desrespeitosos e perturbadores (Stumpf et al., 2022). Além disso, há preocupações com o aumento do trânsito, os custos elevados de habitação e a perda da identidade local. No entanto, também existem reconhecimentos de que o turismo pode trazer benefícios, como a melhoria da qualidade de vida dos residentes, o que pode levar a uma atitude mais favorável em relação ao setor (Yayla, Koç, & Dimanche, 2023). Quando as comunidades locais percebem que o turismo traz benefícios económicos, como a criação de empregos e melhorias na infraestrutura, elas tendem a apoiar o seu desenvolvimento, contribuindo para a sua sustentabilidade. Por outro lado, a oposição ao turismo é mais comum quando os residentes se sentem excluídos dos processos de decisão ou quando a qualidade de vida é prejudicada (Wise, 2016).

A literatura sublinha a complexidade da relação entre residentes e turistas. Os moradores que dependem do setor turístico ou o consideram relevante para a sua ocupação tendem a ter atitudes mais positivas em relação ao turismo, enquanto os não dependentes do

turismo manifestam percepções mais negativas. Além disso, os residentes urbanos não têm uma percepção homogénea sobre os impactos do turismo. A Teoria Social de Troca (SET, em inglês) sugere que as atitudes dos moradores em relação ao turismo estão intimamente relacionadas à sua dependência económica do setor (Andereck & Vogt, 2000).

Finalmente, embora os benefícios económicos do turismo urbano, como o crescimento do PIB, a criação de emprego e a redução de desigualdades, sejam amplamente reconhecidos, subsistem preocupações significativas no plano social e cultural. Nunkoo e Ramkissoon (2007), por exemplo, apontam para o aumento da criminalidade e da prostituição em cidades como Port Louis, bem como a erosão da cultura local, como alguns dos efeitos colaterais do turismo. Estes dados reforçam a necessidade de uma abordagem equilibrada, que valorize tanto o crescimento económico quanto a sustentabilidade social e ambiental.

Em suma, o turismo urbano revela-se uma alavanca poderosa para o desenvolvimento económico das cidades, mas os seus impactos são multifacetados e nem sempre positivos. A criação de estratégias integradas e sustentáveis é essencial para maximizar os benefícios económicos e minimizar os efeitos adversos sobre as comunidades e o ambiente urbano.

4. Overtourism

4.1 Definição e Conceitos

O fenómeno do “overtourism”, embora recentemente popularizado, reflete preocupações antigas relativas à pressão exercida pelo turismo sobre as comunidades locais e à capacidade de carga dos destinos. Desde a década de 1970, estudiosos já discutiam os impactos da atividade turística sobre os limites físicos, sociais e ambientais dos territórios, antecipando problemas que hoje se tornaram mais visíveis e urgentes (Peeters, et al., 2021).

A Organização Mundial do Turismo define “overtourism” como “o impacto do turismo num destino, ou partes dele, que influencia excessivamente a qualidade de vida dos cidadãos e/ou a qualidade da experiência dos visitantes de forma negativa” (Chaney & Séraphin, 2023). Este fenómeno surge, em grande parte, de estratégias de desenvolvimento turístico orientadas pelo crescimento contínuo da procura, frequentemente sustentadas pela redução dos custos de transporte, pela promoção intensiva através de redes sociais e pela concentração de fluxos em períodos e locais específicos (Peeters, et al., 2021).

Segundo Koens et al. (2018), o “overtourism” vai além da simples sobrelotação, configurando-se como uma situação em que o número de visitantes ultrapassa a capacidade de resposta das infraestruturas e serviços locais, afetando negativamente o quotidiano dos residentes. Os autores acrescentam que, embora amplamente utilizado nos debates públicos sobre os impactos do turismo, o conceito ainda carece de uma base teórica robusta, o que limita a sua aplicação analítica.

A preocupação com o “overtourism” não se restringe às áreas urbanas, estendendo-se a zonas rurais, litorais e patrimónios culturais, onde os efeitos do excesso de visitantes podem igualmente comprometer os equilíbrios locais. O Parlamento Europeu reforça esta visão ao definir o fenómeno como a situação em que os impactos do turismo excedem os limiares físicos, ecológicos, sociais e económicos dos destinos (Peeters, et al., 2021). De acordo com Goodwin (2017) e Milano, Novelli e Cheer (2020), esta realidade opõe-se ao ideal do turismo responsável, que procura simultaneamente valorizar os locais visitados e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes.

Para além dos fatores económicos e tecnológicos, o “overtourism” está igualmente associado a dinâmicas políticas — tanto globais como nacionais — que moldam a forma

como o turismo é planeado e regulado. É, portanto, essencial encarar esta atividade como uma componente económica complexa, que envolve não apenas o lazer dos turistas, mas também os interesses comerciais dos profissionais e empresas do setor (Peterson & DiPietro, 2021; Walmsley, Koens, & Milano, 2022; Ghoochani, Ghanian, Khosravipour, & Crotts, 2020).

Face a este cenário, torna-se imperativo adotar abordagens integradas e colaborativas na gestão do turismo urbano. O Secretário-Geral da OMT, Zurab Pololikashvili, sublinha que o turismo nas cidades é um fenómeno multifacetado, exigindo estratégias abrangentes que envolvam todos os atores — cidadãos, autoridades, investidores e visitantes — para garantir que o desenvolvimento turístico contribua para cidades sustentáveis, inclusivas e resilientes (UNWTO, 2019).

Neste contexto, os residentes assumem um papel central nas dinâmicas do turismo, particularmente no contexto do “overtourism”, na medida em que são os principais agentes culturais e sociais diretamente afetados pela crescente afluência de visitantes. De acordo com Perkumienė e Pranskūnienė (2019), os moradores são considerados guardiões da cultura local, sendo, por isso, as suas perceções relativamente aos impactos do turismo essenciais para compreender a viabilidade da sua sustentabilidade. Com frequência, os residentes percecionam o turismo excessivo como um elemento perturbador da qualidade de vida, associando-o à sobrelotação dos espaços, ao aumento da poluição e à perda de autenticidade cultural, fatores que contribuem para um distanciamento emocional em relação ao seu território.

Este sentimento de insatisfação tende a intensificar-se quando os efeitos do turismo massificado desrespeitam normas sociais e ambientais, podendo gerar tensões e conflitos entre turistas e populações locais. Neste âmbito, Alvarez-Sousa (2018) destaca que a proliferação de plataformas de economia colaborativa, como o Airbnb, tem contribuído para dividir a opinião pública residente: por um lado, existem aqueles que apoiam este tipo de iniciativas, pelo potencial económico que oferecem; por outro, surgem vozes críticas que denunciam práticas ilegais e alertam para os efeitos da gentrificação induzida pela *turistificação* dos bairros.

Estes conflitos evidenciam uma perceção ambígua por parte das comunidades locais, que oscilam entre o reconhecimento dos benefícios económicos do turismo e a vivência dos seus impactos negativos no quotidiano. Assim, torna-se evidente que, na ausência de uma

gestão sustentável e inclusiva, o “overtourism” compromete não apenas a qualidade de vida dos residentes, mas também a autenticidade e a coesão social das comunidades afetadas.

4.2 Causas, Consequências e Impactos

O “overtourism” resulta de um conjunto de fatores estruturais complexos e interdependentes, que sustentam o crescimento acelerado do turismo global desde meados do século XX, tornando-se difíceis de resolver (Dodds & Butler, 2019). Entre os principais *facilitadores* deste fenómeno destaca-se o crescimento demográfico mundial, aliado ao aumento das classes média e alta, cujos membros possuem maior capacidade financeira e disponibilidade temporal para o lazer e as viagens (Dodds & Butler, 2019; Goodwin, 2017; Milano, Novelli, & Cheer, 2020). Recentemente, o custo das viagens tem diminuído, tanto em termos relativos quanto absolutos, permitindo que mais pessoas viajem com maior frequência e para mais destinos, impulsionadas também pelos avanços tecnológicos e na comunicação, que facilitam o planeamento flexível e de curto prazo (Han & Cheer, 2018).

Este aumento na procura impulsionou o alargamento da oferta dos transportes turísticos, incluindo meios aéreos de maior capacidade e navios de cruzeiro, bem como a rápida expansão das companhias aéreas de baixo custo — como Ryanair, EasyJet e Wizz — que, articuladas com os avanços nas tecnologias digitais e nas reservas online, democratizaram o acesso às viagens de curta duração. A relevância destas dinâmicas é ilustrada por Oklevik et al. (2020), ao demonstrarem que a falência da companhia aérea *low-cost* WOW levou a uma redução de 5% nas chegadas de turistas à Islândia, mas também a um aumento da duração média das estadias e das receitas por visitante.

Paralelamente ao crescimento da procura turística, surgiram inovações significativas no setor do alojamento, com destaque para plataformas digitais como o Airbnb. Estas ferramentas contribuíram para a descentralização da oferta turística, ao permitir a inserção de turistas em zonas residenciais anteriormente fora do circuito hoteleiro tradicional. Embora este modelo tenha tornado o turismo mais acessível, os seus impactos negativos sobre as comunidades locais têm vindo a tornar-se evidentes, nomeadamente no que diz respeito à habitabilidade, à pressão sobre o mercado imobiliário e à qualidade de vida dos residentes (Nunkoo, Seetanah, & Agrawal, 2019). Este fenómeno é impulsionado por investidores e promotores imobiliários que visam apenas maximizar lucros, enquanto as

autoridades locais frequentemente mostram falhas na regulação desses mercados, aprofundando o problema (Peeters, et al., 2021; Lee, 2016). Assim, a concentração de turistas em determinados destinos surge de uma cadeia causal que combina interesses económicos de curto prazo com a ausência de políticas eficazes de gestão urbana e de turismo sustentável.

Os residentes relatam preocupações com a perda da identidade local, o desaparecimento do comércio tradicional e o surgimento de conflitos de convivência, considerando que o uso habitacional está a ser desvirtuado em prol do lucro turístico. Embora não haja consenso de que o turismo seja a causa única da gentrificação, a percepção dominante é que os apartamentos turísticos agravam problemas urbanos e sociais que, segundo os entrevistados, deveriam ser geridos a nível municipal e não apenas local (Milano, González-Reverté, & Benet Mòdico, 2023).

Neste contexto, verifica-se uma transformação no perfil dos visitantes, na duração e localização das estadias, bem como nas expectativas dos turistas e na percepção dos habitantes locais. Estas alterações são ainda mais relevantes quando analisadas em articulação com outros fatores que potenciam o fenómeno do “overtourism”, como a crescente acessibilidade às viagens, pela redução das tarifas aéreas e pela influência das redes sociais e plataformas de avaliação online, que moldam o comportamento do consumidor turístico (Gutiérrez, García-Palomares, Romanillos, & Salas-Olmedo, 2017). O efeito cumulativo destes elementos intensifica a pressão sobre destinos populares e levanta preocupações quanto à sustentabilidade do setor (Gutiérrez-Taño, Garau-Vadell, & Díaz-Armas, 2019). Em resultado, diversas partes interessadas — desde residentes e empresas até os próprios turistas — começam a questionar se o crescimento contínuo do turismo é, de facto, desejável.

Além disso, muitos destinos apresentam uma dependência económica quase exclusiva do turismo, o que reforça a pressão para manter o crescimento turístico mesmo quando os limites ambientais e sociais são ultrapassados. Esta lógica de crescimento contínuo é frequentemente incentivada por políticas públicas e subsídios governamentais, que negligenciam a capacidade de carga dos destinos e favorecem o volume em detrimento da sustentabilidade (Peeters, et al., 2021).

Outro fator que contribui significativamente para o “overtourism” é a sobre-exposição dos destinos turísticos, amplificada pela visibilidade nas redes sociais e nos meios de

comunicação. Muitos viajantes partilham fotografias das suas viagens online, o que não só serve como registo pessoal, mas também como fonte de inspiração para outros turistas. Esta exposição digital complementa as campanhas promocionais tradicionais realizadas por organismos oficiais de turismo, aumentando de forma exponencial a visibilidade dos destinos (Avond, et al., 2019). A imagem que os turistas constroem de um destino é fundamental para a sua atratividade, sendo influenciada por três tipos de fontes: agentes induzidos (como a publicidade), agentes orgânicos (experiências pessoais, geralmente mais confiáveis) e agentes autónomos (meios de comunicação ou cultura popular, como filmes e séries), sendo estes últimos os mais impactantes por poderem alterar rapidamente a perceção de um destino (Gartner, 1994; Séraphin, Butcher, & Korstanje, 2017).

Neste contexto, destinos turísticos tornam-se muitas vezes vítimas colaterais do seu próprio sucesso mediático. A procura por locais “instagramáveis” ou associados à cultura popular leva a fluxos turísticos intensos e por vezes descontrolados. Exemplos emblemáticos incluem locais de filmagem da série *Game of Thrones*, como a Islândia, Croácia, Irlanda e Escócia, onde o turismo tem sido impulsionado pela fama internacional da série e explorado estrategicamente por entidades turísticas locais. Da mesma forma, a praia tailandesa onde foi filmado *The Beach* (2000), protagonizado por Leonardo DiCaprio, continua a atrair grandes volumes de visitantes, o que, embora beneficie a promoção do destino, também acarreta impactos negativos — ilustrando a natureza complexa e muitas vezes contraditória da indústria turística (Gowreesunkar & Dixit, 2017).

Além disso, a gestão insuficiente das perceções sociais e ambientais dos residentes também reforça o impacto do “overtourism”. De acordo com Gravari-Barbas e Jacquot (2016), a falta de atenção às discórdias socioculturais e às emoções relacionadas com as transformações provocadas pelo turismo geram ressentimentos e resistência nas comunidades locais. O estudo de Gössling, McCabe e Chen (2020) explica que residentes tendem a atribuir problemas como aglomeração, aumento dos preços dos bens ou deslocamento às atividades turísticas, desencadeando reações negativas que perpetuam o conflito entre turistas e habitantes. Portanto, as causas do “overtourism” não se limitam às dinâmicas de mercado, mas também envolvem a forma como as comunidades percebem e reagem às alterações provocadas pelo crescimento turístico descontrolado.

No âmbito ambiental, o fenómeno de “overtourism” tem provocado impactos significativos sobre os ecossistemas dos destinos turísticos, nomeadamente através da

degradação de espaços públicos e do aumento do consumo de recursos naturais. De acordo com Kuščer e Mihalič (2019), tais efeitos são agravados pela ausência de políticas eficazes de gestão sustentável, comprometendo a capacidade de regeneração dos ambientes naturais. A sobre-exploração de recursos como a água, a energia e os espaços ao ar livre tem conduzido à degradação de ecossistemas frágeis, à perda de biodiversidade e à diminuição da qualidade ambiental, criando um ciclo de deterioração que ameaça a sustentabilidade a longo prazo dos destinos turísticos.

Além disso, a infraestrutura insuficiente em muitos destinos populares agrava os problemas de poluição, destruição de habitats naturais e emissões de gases de efeito estufa, intensificados por atividades como o turismo de cruzeiros e o uso intensivo de transportes motorizados (Bresson & Logossah, 2011; Kuščer & Mihalič, 2019). Essas pressões ambientais afetam especialmente áreas de elevada sensibilidade ecológica, como ilhas e reservas naturais. Para mitigar tais impactos, torna-se imprescindível a adoção de estratégias de gestão ambiental sustentável, que envolvam o controle dos fluxos turísticos, a racionalização do uso de recursos e a implementação de infraestruturas ecologicamente responsáveis (Veríssimo, et. al, 2020).

Também se observa uma crescente perda de vocação funcional das cidades, que passam a orientar-se quase exclusivamente para as necessidades dos turistas, em detrimento das dos residentes. Este fenómeno conduz à dependência unidimensional e à redução da diversidade funcional urbana (Russo & Sans, 2009). Do ponto de vista da saúde pública, a superlotação pode comprometer o acesso a serviços essenciais, como transportes e cuidados médicos, especialmente em contextos de crise ou emergência (McKercher & Ho, 2011).

Por fim, importa salientar que o próprio turista também é afetado por esta saturação. A experiência turística torna-se menos autêntica e mais desconfortável, levando à insatisfação, à degradação da imagem dos destinos e, por vezes, à sua exclusão futura das preferências de viagem (Tussyadiah, Jung, & Tom Dieck, 2018).

4.3 Overtourism na Perspetiva dos Habitantes: Análise de Casos Urbanos

Este capítulo analisa as perceções dos residentes face ao “overtourism” urbano, abordando experiências, causas, impactos sociais e ambientais, e estratégias locais de mitigação. A análise baseia-se em três cidades europeias que enfrentaram este fenómeno e implementaram soluções para promover um turismo mais sustentável.

4.4 A Perceção dos Residentes Face ao Turismo

Nem todos os residentes de cidades turísticas populares são contra o turismo, apesar da atenção mediática dada ao fenómeno do “overtourism” e aos protestos associados. Segundo a UNWTO (2019), uma sondagem realizada a cerca de 12.000 pessoas de 15 países revelou que os residentes continuam, em geral, a ter uma perceção positiva do turismo urbano. Este resultado é compreensível, especialmente entre aqueles que também são turistas internacionais, pois tendem a valorizar mais os impactos positivos do turismo do que quem viaja menos.

Entre as soluções apontadas pelos inquiridos para lidar com o aumento do turismo nas cidades estão a melhoria das infraestruturas e a criação de atrações que beneficiem tanto residentes como visitantes. No entanto, apesar de bem-intencionadas, estas medidas têm impacto limitado e pouco contribuem para resolver os problemas mais graves causados pelo excesso de visitantes em zonas específicas das cidades. Em muitos casos, servem mais para justificar a continuação do crescimento do turismo urbano do que para mitigar os seus efeitos negativos (Dodds & Butler, 2019).

A forma como os residentes percecionam o turismo influencia diretamente a viabilidade e a sustentabilidade dos destinos turísticos. Quando o número de visitantes ultrapassa os limites da tolerância social e interfere com o quotidiano local, surgem reações adversas que comprometem a aceitação do turismo como fenómeno positivo. Como salientam Martín, Martínez e Fernandez (2018), os impactos percebidos pelo excesso de turismo — como a pressão sobre serviços, a dificuldade de mobilidade, a perda de autenticidade e o aumento dos preços — afetam a qualidade de vida dos residentes, bem como a sua disposição para acolher visitantes e apoiar o crescimento futuro do setor. Em muitos destinos europeus, onde turistas e residentes partilham intensamente os mesmos espaços, estas fricções tornam-se particularmente evidentes, sobretudo quando o turismo altera a dinâmica local e transforma o território numa zona prioritariamente dedicada ao consumo externo.

Além disso, os residentes não são um grupo homogêneo: fatores demográficos (como idade, rendimento e tempo de residência) influenciam a forma como o turismo é percebido. Por exemplo, residentes mais jovens e com rendimentos mais baixos podem sentir-se mais afetados pelos impactos sociais e económicos negativos do turismo (Mason & Cheyne, 2000). As atitudes face ao turismo também tendem a evoluir com o tempo, seguindo o nomeado “ciclo de vida da perceção dos residentes”, em que o entusiasmo inicial pode dar lugar à apatia, frustração ou até hostilidade à medida que os impactos negativos se acumulam (Akdu & Ödemiş, 2018).

Gonzalez, Coromina e Galí (2018) sublinham que, mesmo perante benefícios económicos, o sentimento de alienação pode levar ao afastamento da comunidade em relação à atividade turística. Essa perceção de exclusão, conforme apontam García-Buades, García-Sastre e Alemany-Hormaeche (2022), pode resultar na perda de identidade territorial, levando os residentes a sentirem-se como estranhos no seu próprio espaço. Este distanciamento manifesta-se de várias formas: desde o vandalismo e os protestos, até à tristeza e nostalgia associada à descaracterização do ambiente local. Em destinos marcados por turismo massivo, a relação entre anfitriões e visitantes tende a reduzir-se a uma lógica puramente comercial, onde os residentes desempenham o papel de prestadores de serviços e os turistas o de consumidores, com a qualidade dessa relação muitas vezes dependente do comportamento e perfil sociocultural dos visitantes.

Perante este cenário, o envolvimento da população local no planeamento turístico revela-se essencial. Como defendem Perdue, Long e Allen (1990), e também King, Pizam e Milman (1993), a participação ativa dos residentes nas decisões estratégicas reforça o sentimento de justiça e pertença, contribuindo para uma gestão mais equilibrada e sustentável. No entanto, tal como Butler (1975) já indicava, a perceção do turismo não é homogênea: enquanto alguns valorizam os benefícios económicos, outros ressentem-se dos impactos sociais e ambientais. Efeitos como ruído, lixo e transformação urbana tendem a gerar oposição, sobretudo quando o crescimento turístico é abrupto e não acompanhado por medidas de mitigação.

A proliferação de plataformas como o Airbnb tem intensificado o conflito, ao competir com os residentes pelo acesso à habitação e fomentar práticas informais (Gutiérrez, García-Palomares, Romanillos, & Salas-Olmedo, 2017). Esta realidade levou várias cidades — como Edimburgo, Palma e Paris — a implementar regulações para conter os efeitos negativos. Em contextos urbanos de pequena e média dimensão, onde o espaço

público é mais limitado e partilhado de forma intensa, os impactos são particularmente visíveis (Dodds & Butler, 2019). Grafitis que apelam ao regresso da cidade aos seus habitantes, são sintomáticos de um mal-estar crescente e de uma exigência por políticas públicas que promovam um turismo mais justo e respeitador das dinâmicas locais — um desafio que, como observa Goodwin (2019), continua longe de estar resolvido.

Figura 1 Um manifestante em Barcelona segura um cartaz com a mensagem "turistas, vão para casa".



Fonte: PaxNews (2024).

Em conclusão, a perceção dos residentes sobre o turismo revela-se complexa e multifacetada, oscilando entre o reconhecimento dos seus benefícios económicos e a crescente preocupação com os seus impactos negativos na vida quotidiana e na identidade local. Assim, o futuro do turismo urbano sustentável depende do envolvimento genuíno das comunidades locais na sua gestão, garantindo que o desenvolvimento turístico respeite os limites sociais e preserve a qualidade de vida dos que habitam os destinos.

4.5 Como Identificar e Medir o Fenómeno do Overtourism?

A medição do fenómeno do “overtourism” continua a representar um desafio relevante dada a sua complexidade multidimensional, que envolve fatores sociais, espaciais, económicos e ambientais. A literatura aponta para a inexistência de metodologias consensuais e amplamente adotadas que permitam quantificar de forma objetiva e

comparável o excesso de turismo entre diferentes contextos (Buitrago & Yñiguez, 2021). Tradicionalmente, muitos estudos têm-se apoiado exclusivamente em indicadores absolutos, como o número total de visitantes, pernoites, capacidade de alojamento ou taxas de crescimento turístico. No entanto, estes dados, por si só, não captam adequadamente a pressão real sobre os destinos, uma vez que ignoram variáveis como a distribuição espacial, a sazonalidade ou a perceção dos residentes (Buitrago & Yñiguez, 2021; Smith, Sziva, & Olt, 2021).

Neste contexto, a literatura defende uma abordagem metodológica integrada, que combine indicadores quantitativos e qualitativos. Os indicadores relativos, como turistas por habitante, densidade de visitantes por quilómetro quadrado ou pernoites por residente, são considerados mais eficazes na avaliação da pressão turística, por permitirem contextualizar o volume de visitantes face à capacidade efetiva do território (Buitrago & Yñiguez, 2021; Weber, Eggli, Meier-Crameri, & Stettler, 2020). Complementarmente, instrumentos qualitativos como entrevistas, inquéritos e painéis participativos junto de residentes, turistas e *stakeholders* são fundamentais para captar os limites sociais e culturais da atividade turística (Koens, Postma, & Papp, 2018). A análise de redes sociais e o uso de ferramentas digitais emergem também como meios relevantes para monitorizar, em tempo real, as perceções e sentimentos da comunidade local e dos visitantes.

Estudos recentes analisados por Weber et al. (2020) reforçam a necessidade de combinar metodologias diversas: das 53 publicações avaliadas, 22 recorrem a abordagens qualitativas, 14 a quantitativas, 8 a métodos mistos e 9 são de natureza teórica. A maioria baseia-se em estudos de caso aplicados a destinos sobrecarregados como Barcelona ou Veneza, mas também a cidades emergentes como Dubrovnik, Budapeste e o Porto. As metodologias incluem desde a análise de media, uso de estatísticas secundárias e mapeamento do uso do solo até à aplicação de inquéritos e entrevistas dirigidas a residentes e entidades locais.

A nível teórico, destaca-se a aplicação da Teoria da Troca Social (*Social Exchange Theory* – SET), que permite analisar como diferentes segmentos da população local percecionam os custos e benefícios do turismo. Esta abordagem é frequentemente associada à noção de capacidade de carga, sobretudo na sua dimensão social, e articula-se com modelos clássicos do turismo como o ciclo de vida das áreas turísticas de Butler e o índice de irritação de Doxey, ambos centrados na evolução e nas reações da comunidade aos impactos negativos do turismo (Kuščer & Mihalič, 2019).

Apesar da crescente sofisticação dos métodos de análise, continua a verificar-se uma aplicação limitada de limiares operacionais (*thresholds*) que indiquem claramente quando um destino ultrapassa a sua capacidade de suporte. A ausência de definições concretas destes limites compromete a eficácia das estratégias de mitigação do “overtourism” e dificulta a implementação de políticas públicas informadas e coerentes. Neste sentido, destaca-se o papel da Rede Internacional de Observatórios de Turismo Sustentável (INSTO, em inglês), criada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 2004, que promove a monitorização sistemática dos impactos do turismo e apoia os destinos na adoção de práticas mais sustentáveis. Esta rede fornece orientações analíticas e promove a partilha de boas práticas, contribuindo para uma gestão mais equilibrada e resiliente (UNWTO, 2019).

Em suma, a medição do “overtourism” exige uma abordagem multidimensional que vá além dos indicadores convencionais, incorporando variáveis sociais, territoriais e percecionais, bem como um compromisso contínuo com a monitorização e adaptação das políticas públicas. A articulação entre dados objetivos e subjetivos, aliada ao uso de tecnologias de informação e à definição clara de limites operacionais, revela-se essencial para garantir uma gestão sustentável dos destinos turísticos.

4.6 Casos de Estudo Urbanos: Três Exemplos de Destinos Afetados

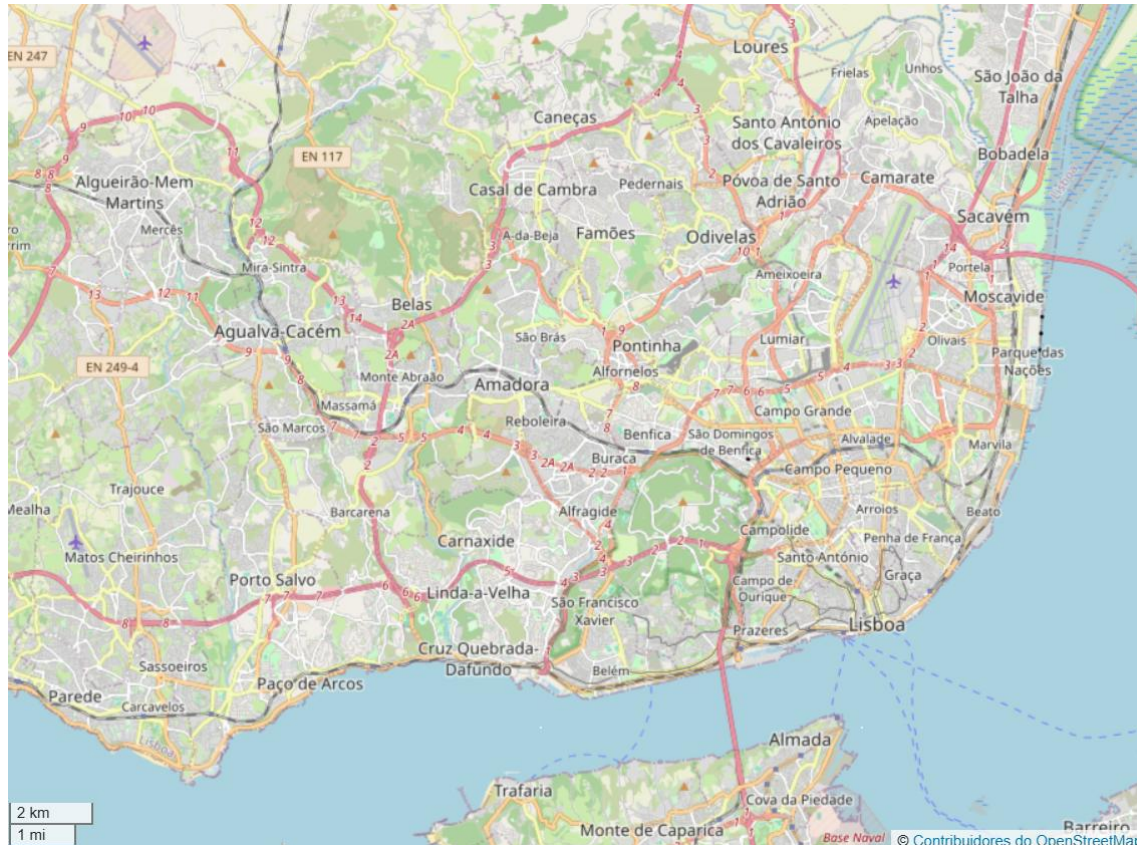
O turismo urbano tem-se intensificado de forma significativa nas últimas décadas, transformando profundamente as dinâmicas sociais, económicas e espaciais das cidades (Novy & Colomb, 2021). Lisboa, Barcelona e Veneza destacam-se como exemplos paradigmáticos deste fenómeno. Embora apresentem contextos geográficos e culturais distintos, estas cidades enfrentam desafios semelhantes decorrentes do turismo de massas: gentrificação, pressão sobre o mercado de habitação, transformação do comércio local e perda de identidade territorial. Este subcapítulo analisa os impactos do turismo nestas três cidades, procurando assim compreender os efeitos sobre o tecido urbano e as estratégias adotadas para lidar com estas pressões.

a) Lisboa

Lisboa, capital de Portugal, localizada nas margens do estuário do Tejo, é uma cidade marcada pela sua história, identidade cultural e crescente atratividade turística. Após o terramoto de 1755, a cidade foi reconstruída com uma visão urbanística moderna para a época, visível na atual Baixa Pombalina, que se tornou um polo de vida comercial e

cultural. Bairros emblemáticos como Alfama, Mouraria, Bairro Alto, Chiado e Cais do Sodré, com os seus cafés históricos, casas de fado e vida noturna intensa, representam simultaneamente a alma tradicional e o apelo turístico contemporâneo da cidade (VisitLisboa, 2025). Estes espaços, outrora centrais para a vida dos lisboetas, são hoje também epicentros da atividade turística, refletindo a forma como o turismo se integrou no tecido urbano.

Figura 2 *Mapa Centro da Cidade de Lisboa*



Fonte: OpenStreetMap (2025).

Segundo Mendes (2020), o turismo impulsionou a revitalização de zonas como Alfama, Mouraria e Bairro Alto, promovendo a reabilitação de edifícios degradados e atraindo investimentos externos. Esta reestruturação urbana, embora traga ganhos económicos e contribua para a competitividade internacional da cidade, também é responsável por uma série de efeitos negativos que comprometem a coesão social e o equilíbrio territorial.

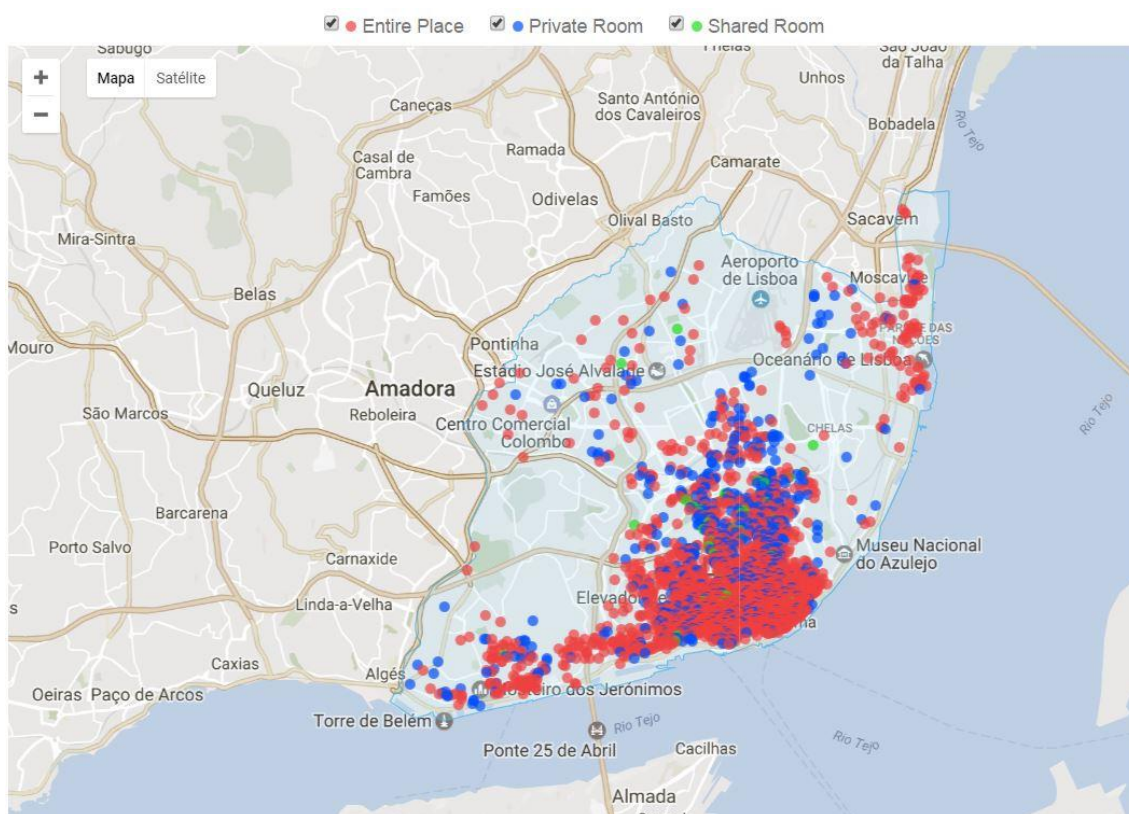
Tabela 1 Dormidas em Estabelecimentos de Alojamento Turístico, em Lisboa

<i>Ano</i>	<i>Nº de Dormidas</i>	<i>Varição vs 2019</i>
2020	3.481.886	-75,1%
2021	5.138.469	-63,3%
2022	13.334.237	-14,5%
2023	15.158.632	+8,4%
2024	15.707.025	+12,3%
2025	18.867.266	+13,8%

Fonte: Elaboração própria adaptada do TravelBI by Turismo de Portugal (2025).

Entre os principais impactos negativos destaca-se a gentrificação turística, ou seja, a substituição gradual da população residente por turistas e novos residentes com maior poder económico, fenómeno fortemente associado ao crescimento do Alojamento Local e das plataformas digitais como o Airbnb (Figura 3). Mendes (2020) sublinha que esta dinâmica transforma áreas residenciais em espaços de consumo e lazer, provocando deslocamentos forçados, aumento das rendas e encerramento de estabelecimentos tradicionais. Este processo é impulsionado por políticas de natureza neoliberal, que facilitam a especulação imobiliária e a comercialização da habitação, tal como discutido por Gravari-Barbas e Guinand (2017). A Tabela 1 mostra uma clara tendência de crescimento do turismo em Lisboa, intensificando problemas como a pressão sobre a habitação e os serviços urbanos, e a exclusão dos residentes face à expansão do alojamento de curta duração.

Figura 3 *Distribuição de alojamentos locais em Lisboa*



Fonte: SAPO (Imagem atribuída a AirDNA) (2017).

Para além das implicações socioeconómicas, o turismo tem gerado consequências ambientais significativas. O estudo de Bernardo et al. (2017) identifica problemas como a poluição, o ruído, a sobrelotação dos espaços públicos e o aumento do trânsito automóvel nas zonas mais visitadas da cidade. Estas alterações afetam diretamente a qualidade de vida dos residentes e a sustentabilidade ambiental dos bairros históricos. A crescente privatização do espaço público, associada à reabilitação imobiliária orientada para fins turísticos, tem conduzido à substituição do comércio de proximidade por serviços dirigidos aos visitantes, resultando numa homogeneização da paisagem urbana (Sequera & Nofre, 2020).

No plano sociocultural, os impactos são igualmente relevantes. Os bairros mais afetados, como Alfama e a Mouraria, têm assistido à erosão das suas redes comunitárias e à descaracterização da vida de bairro. De acordo com Bernardo et al. (2017), os residentes relatam que a presença constante de turistas provoca disrupção no quotidiano, sensação de insegurança e perda da identidade local. Este processo de *turistificação* compromete a autenticidade cultural dos espaços, substituindo tradições e práticas locais por experiências formatadas para o consumo turístico (Pavel, 2016; Sequera & Nofre, 2020).

Adicionalmente, os processos de gentrificação, embora tragam melhorias infraestruturais e valorização imobiliária, muitas vezes excluem as comunidades originárias, esvaziando os bairros da sua dimensão social e simbólica. Mendes (2013) e Maxwell (2010) alertam que estas transformações levam ao enfraquecimento das raízes culturais e ao sentimento de alienação por parte dos residentes. A substituição do comércio tradicional por estabelecimentos de luxo ou temáticos contribui para o fenómeno da “clonagem” urbana — uma perda da singularidade dos bairros, como afirma Daly, Dias e Patuleia (2021).

Contudo, surgiram diversas respostas políticas e cívicas para mitigar os impactos negativos desta atividade, especialmente nos bairros históricos da cidade. Em resposta à crescente pressão do Alojamento Local, a Câmara Municipal de Lisboa implementou medidas regulatórias que visam controlar a expansão do turismo na cidade. Uma das principais ações foi a criação de zonas de contenção, em que foi limitado o licenciamento de novos estabelecimentos de Alojamento Local. Bairros como o Bairro Alto, Alfama e Mouraria foram incluídos nestas zonas, com o objetivo de evitar a saturação de turistas e proteger as comunidades locais, permitindo, no entanto, exceções para projetos de reabilitação de edifícios devolutos e de interesse social ou cultural (Publico, 2019).

Além disso, foi implementada uma taxa turística municipal, cobrada por noite de estadia, com o intuito de financiar infraestruturas e serviços urbanos, aliviando a pressão sobre os recursos da cidade (Câmara Municipal de Lisboa, 2024). A Câmara Municipal também tem incentivado a reabilitação urbana, promovendo o uso habitacional de edifícios devolutos, embora os resultados dessa política sejam ainda mistos e dependa da eficácia na sua implementação.

Por outro lado, a crescente gentrificação e a *turistificação* de áreas centrais de Lisboa têm gerado fortes reações da sociedade civil. Movimentos como o “Morar em Lisboa” e o “Stop Despejos” têm denunciado os efeitos negativos do turismo, defendendo o direito à cidade e à habitação. Estes movimentos alertam para o impacto da especulação imobiliária, que tem provocado o aumento das rendas e a expulsão de moradores históricos, além de enfraquecer o tecido social e cultural de bairros como o Bairro Alto e Alfama (A Mensagem, 2023). Em conjunto com outras organizações, estes movimentos têm pressionado as autoridades para que adotem políticas públicas mais eficazes que priorizem a preservação da identidade local e o direito dos residentes à habitação.

Por fim, essas respostas políticas e cívicas revelam a complexidade da gestão do turismo em Lisboa, onde, apesar das medidas regulatórias implementadas, ainda persistem desafios significativos na manutenção do equilíbrio entre o desenvolvimento económico e a preservação da coesão social e cultural da cidade.

b) Barcelona

Barcelona, situada na costa do Mar Mediterrâneo, é a capital da Catalunha e uma das cidades mais emblemáticas de Espanha. Com uma história rica que remonta à época romana, a cidade é famosa pela sua arquitetura modernista, incluindo as obras de Antoni Gaudí, como a Sagrada Família e o Parque Güell. Além disso, Barcelona destaca-se pela sua vibrante cultura, praias, gastronomia e vida noturna. A cidade combina tradição e inovação, sendo um destino turístico de renome, mas também enfrenta desafios relacionados com o turismo de massas e os efeitos da gentrificação (Câmara Municipal de Barcelona, 2025).

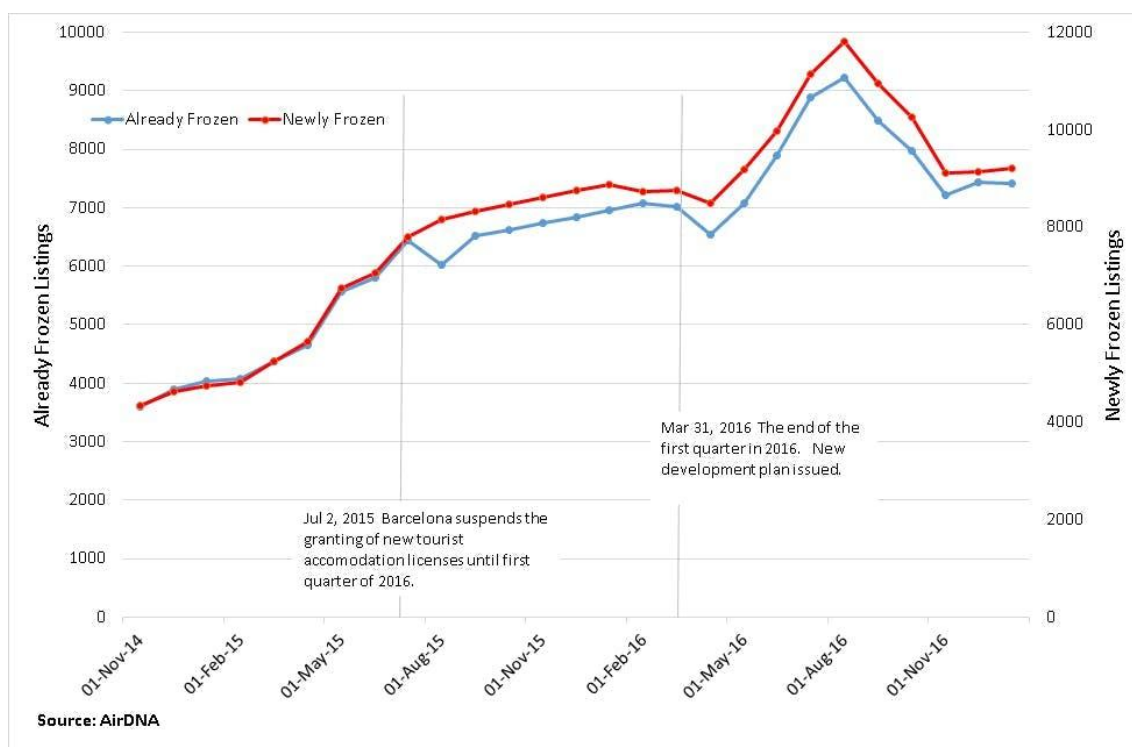
Barcelona transformou-se, ao longo das últimas décadas, num dos principais destinos turísticos da Europa e do mundo. Esse processo intensificou-se a partir da década de 1990, quando a cidade se preparou para receber os Jogos Olímpicos de 1992. Tal evento representou um marco urbanístico significativo, no qual a administração municipal apostou fortemente em políticas de requalificação do espaço urbano, revitalizando a frente marítima, criando praias artificiais com areia importada e promovendo a cidade internacionalmente como destino turístico e de investimento (Duran, 2005).

A partir desse momento, o turismo passou a desempenhar um papel central na economia local, alinhando-se ao conceito de cidade criativa, em que o património cultural, a arquitetura e a gastronomia foram explorados como motores de desenvolvimento económico. Como destaca Balibrea (2003), Barcelona começou a direcionar os seus esforços para rentabilizar as zonas históricas e emblemáticas, valorizando a estética urbana com intervenções assinadas por arquitetos de renome. O crescimento exponencial do turismo refletiu-se nos rankings internacionais, com a cidade a subir da 11.^a posição entre os destinos mais visitados da Europa antes dos Jogos Olímpicos para a 6.^a em 2001 (Reid, 2012). Em 2018, o aeroporto de El Prat ultrapassou os 50 milhões de passageiros, colocando assim Barcelona entre as 20 cidades mais visitadas do mundo (Catalonia, 2019).

Contudo, este crescimento turístico acelerado teve repercussões sociais e urbanas profundas. A chamada “turismofobia” – termo que descreve o descontentamento dos residentes face à invasão massiva de turistas – tornou-se cada vez mais presente no discurso e nas manifestações da população local (Milano, Novelli, & Cheer, 2019). O congestionamento urbano, a subida do custo de vida e da habitação, e a expulsão indireta de moradores das zonas centrais são alguns dos impactos negativos mais sentidos. Estes fenómenos estão intimamente ligados à *turistificação* e à gentrificação dos bairros históricos, onde a crescente procura turística converteu moradias tradicionais em alojamentos temporários, maioritariamente através de plataformas como o Airbnb (Blanco-Romero, Blázquez-Salom, & Cànoves, 2018).

Em julho de 2015, a presidente da câmara de Barcelona, Ada Colau, suspendeu a emissão de novas licenças para alojamentos turísticos, abrangendo tanto o alojamento local como hotéis e hostels. A medida visava travar o crescimento descontrolado do turismo e permitiu à cidade desenvolver um novo plano de ordenamento, apresentado em março de 2016, com regras específicas por zonas. Antes disso, alguns bairros já estavam sujeitos a restrições devido à forte pressão turística, como L’Eixample e Vila de Gràcia. Um estudo com dados do Airbnb entre 2014 e 2017 mostra que, até à suspensão, o número de anúncios crescia de forma semelhante em toda a cidade (Gráfico 6). Contudo, após julho de 2015, observa-se uma redução acentuada do crescimento em zonas com licenciamento congelado, demonstrando o impacto direto das novas políticas municipais de controlo do turismo (DuBois, Airbnb Regulation: How is Legislation Impacting the Growth of Short-Term Rentals?, 2017).

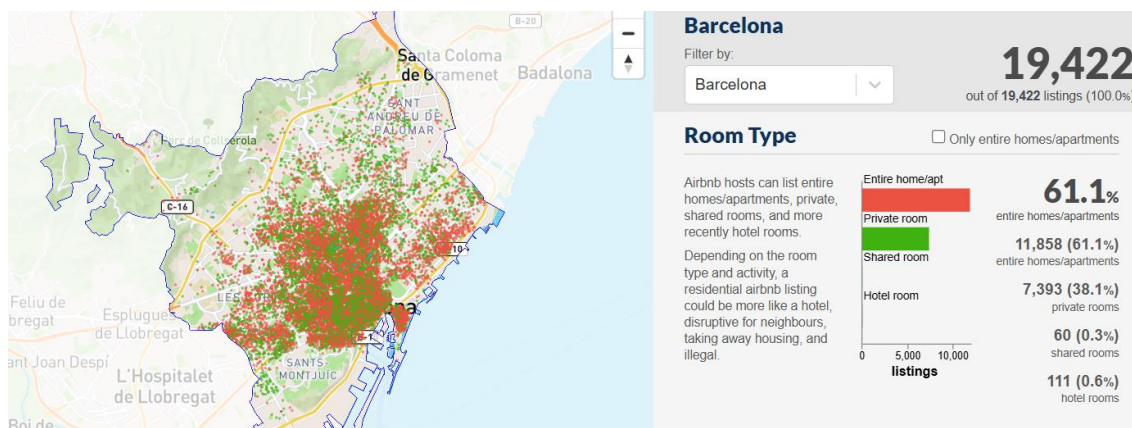
Gráfico 6 Número de alojamentos no Airbnb em zonas com licenças já suspensas e recentemente suspensas em Barcelona, de novembro de 2014 a janeiro de 2017.



Fonte: AirDNA (2017).

Segundo dados do Inside Airbnb (2025), o número de alojamentos turísticos em Barcelona cresceu de apenas 804 em 2011 para mais de 18.000 em 2019. Embora a legislação catalã exigisse o registo oficial dessas unidades junto ao gabinete de turismo, em 2016 cerca de 78% ainda operavam de forma ilegal, o que levou à aplicação de multas a plataformas como o Airbnb e Homeaway (30.000€, em agosto de 2016). No entanto, ambas continuaram a promover alojamentos sem licença, o que levou a presidente da câmara, Ada Colau, a justificar a aplicação de novas multas mais pesadas, no valor de 600.000 euros. Este cenário agravou a escassez habitacional e contribuiu para a especulação imobiliária, obrigando muitos residentes a abandonarem os bairros centrais em busca de habitação mais acessível nas periferias (Blanchar, 2016).

Figura 4 Mapa Interativo da Distribuição dos Anúncios do Airbnb, em Barcelona.

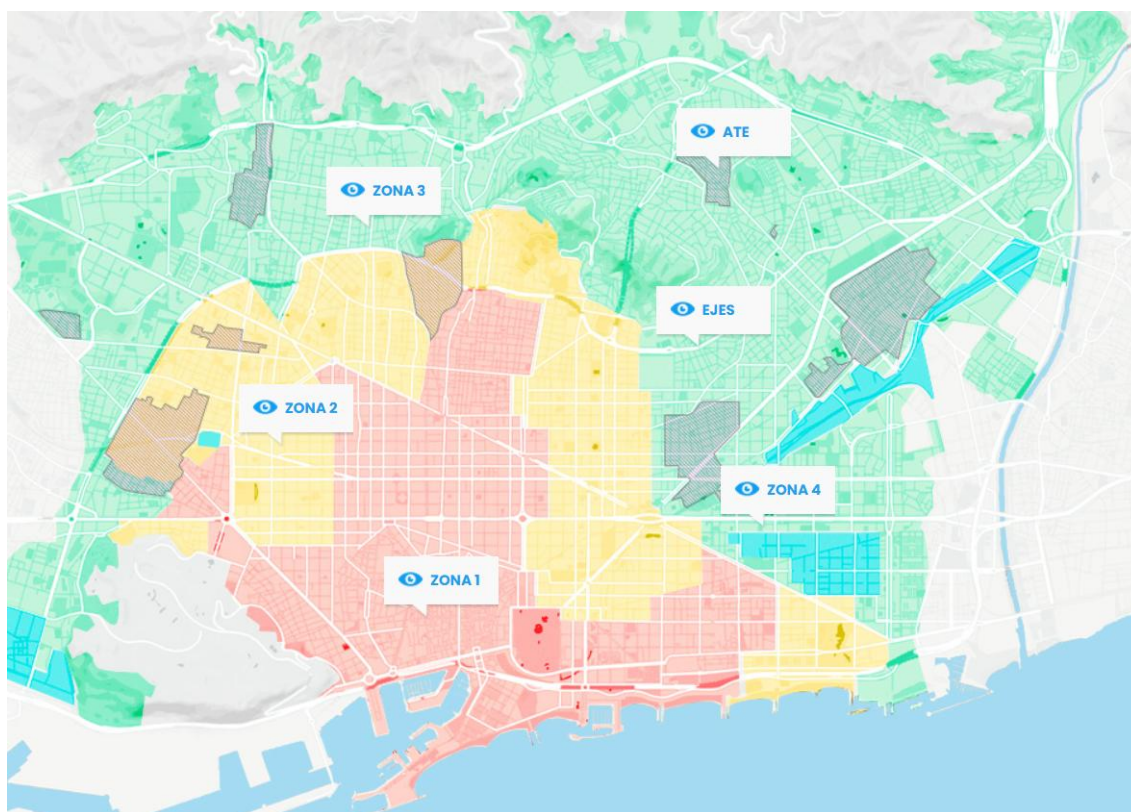


Fonte: AirDNA (2025)

Nota: É de salientar que o elevado nº de casas/apartamentos inteiros (61,1%) revela como o Airbnb tem contribuído diretamente para a *turistificação* da cidade, promovendo assim a expulsão de residentes, podendo agravar a crise habitacional e impactar negativamente a vida nos bairros.

Em resposta à crescente pressão turística, a Câmara Municipal de Barcelona, liderada por Ada Colau desde 2015, implementou o Plano Especial Urbanístico de Alojamentos Turísticos (PEUAT), um instrumento que regula a instalação de diferentes tipos de alojamento turístico, como hotéis, habitações de uso turístico, albergues de juventude, casas partilhadas e residências temporárias em zonas educativas. O plano visa compatibilizar a atividade turística com um modelo urbano sustentável, protegendo o espaço público, garantindo o direito à habitação e melhorando a qualidade de vida dos residentes. Para tal, a cidade foi dividida em quatro zonas com diferentes níveis de restrição, sendo que nas mais saturadas, como o centro histórico e a frente marítima, está proibida a criação de novos estabelecimentos turísticos ou a expansão dos existentes. Inicialmente aprovado em março de 2017, o PEUAT foi revisto e o novo texto aprovado a 23 de dezembro de 2021, tendo entrado em vigor a 26 de janeiro de 2022, com a sua publicação no Boletim Oficial da Província de Barcelona (BOPB) (Câmara Municipal de Barcelona, 2025).

Figura 5 Zonas do Plano Especial Urbanístico de Alojamentos Turísticos



Fonte: Câmara Municipal de Barcelona (2025).

Assim sendo, o PEUAT foi criado com o objetivo de responder aos desafios causados pelo crescimento desordenado do turismo em Barcelona. Pretende aliviar a pressão turística nas zonas mais saturadas da cidade, dar resposta às preocupações dos cidadãos face aos impactos negativos da atividade turística, e promover um equilíbrio urbano sustentável que integre os alojamentos turísticos com outras funções da cidade. Além disso, defende o direito à habitação, garantindo que os imóveis destinados ao turismo não substituam habitações permanentes, preservando o bem-estar, o descanso e a qualidade de vida dos residentes (Câmara Municipal de Barcelona, 2025). Além disso, foram lançadas campanhas de denúncia pública para rastrear e fiscalizar moradias ilegais, com a colaboração dos próprios residentes e turistas. Em janeiro de 2024, foi imposta uma multa recorde de 420.000 euros a um proprietário de um edifício no bairro Gòtic por operar alojamentos turísticos ilegais (González G., 2024).

O descontentamento popular tem-se traduzido também em ações diretas. Em 2017, um autocarro turístico foi atacado por manifestantes mascarados, que cortaram os pneus e picharam a frase “El Turisme Mata Els Barris” (O turismo mata os bairros). Grafitis com mensagens como “Turistas, voltem para casa” ou apelidos como “Carcelona” (uma junção

de "Barcelona" com "prisão") tornaram-se frequentes, simbolizando o mal-estar social (Público, 2017). Em julho de 2024, cerca de 3.000 pessoas participaram de uma manifestação em Barcelona contra o excesso de turismo. Durante o protesto, hotéis e esplanadas de restaurantes encerraram como forma de apoio, e os manifestantes gritaram "turistas, vão para casa". O porta-voz da associação de Vizinhos do Bairro Gótico, Martí Cusó, afirmou que o objetivo era que o modelo económico da cidade desse prioridade a outras economias mais justas, e que isso implicava diminuir o turismo (Euronews, 2024).

Por fim, desde 2012, os visitantes de Barcelona são obrigados a pagar uma taxa turística por noite de estadia, mas nos últimos anos este valor tem vindo a aumentar de forma progressiva. A cidade cobra duas taxas distintas — uma regional, que varia consoante o tipo de alojamento (como hotéis ou plataformas como Airbnb), e uma taxa municipal, aplicável até sete noites. A partir de outubro de 2024, a taxa municipal aumentará de 3,25€ para 4€, podendo o valor total, ao somar ambas as taxas, atingir cerca de 7,50€ por noite. Esta medida, justificada pelo elevado número de turistas que a cidade recebe anualmente, visa promover um modelo de turismo mais sustentável e contribuir para o financiamento de serviços públicos, como a limpeza urbana, transportes e habitação acessível (Lopes, 2024).

Dessa forma, Barcelona tornou-se um caso paradigmático das tensões entre turismo, habitação e direitos urbanos. A cidade representa hoje um espaço de disputa entre interesses económicos, direitos dos residentes e propostas de desenvolvimento urbano mais justas e sustentáveis. O exemplo de Barcelona mostra que o turismo, quando desregulado, pode ser tão nocivo quanto vantajoso, exigindo políticas públicas eficazes e participação cidadã ativa para garantir o equilíbrio entre atratividade turística e qualidade de vida urbana.

c) Veneza

Veneza é um território único dividido entre o continente e a lagoa. Fundada no século V como refúgio contra invasões bárbaras, cresceu a partir de pequenas comunidades insulares até se tornar uma poderosa cidade-estado graças ao comércio marítimo e à sua posição estratégica. No século XV, atingiu o auge do seu esplendor económico e cultural. Apesar do seu posterior declínio e anexação ao Reino de Itália em 1866, Veneza mantém-se hoje como um símbolo mundial de identidade cultural e histórica. Pela sua riqueza

histórica e beleza única, Veneza sempre atraiu multidões de turistas (Città Metropolitana di Venezia. , 2024).

Figura 6 *Mapa da Cidade de Veneza*



Fonte: Maps Venice (2025)

Segundo González (2018), o aumento do turismo tem provocado uma acentuada diminuição da população local em Veneza, que, desde o século passado, caiu para dois terços do número original, refletindo processos de gentrificação e uma crescente perda de identidade cultural. Em 31 de dezembro de 2024, o número de residentes no centro histórico de Veneza era de 48.489 pessoas, representando uma queda contínua ao longo dos anos (Gráfico 7). À data deste trabalho, esse número já tinha diminuído para 48.342 habitantes (Venessia, 2025).

Este fenómeno é agravado pela chegada massiva de turistas, especialmente os provenientes de cruzeiros marítimos, que sobrecarregam os recursos sociais, ambientais e arquitetónicos da cidade. Em 2024, o Sistema Statistico Regionale da Região do Véneto indicou que Veneza recebeu cerca de 21,8 milhões de turistas, gerando um total de 73,5 milhões de presenças turísticas (Statistica Regione de Veneto , 2025). Podemos concluir que o número de turistas ultrapassa significativamente o número de residentes.

Gráfico 7 Residentes Centro de Veneza de 31/12/2013 até 31/12/2024



Fonte: Venessia (2025).

Embora a atividade turística represente uma importante fonte de emprego e rendimento para a cidade, o crescimento exponencial do número de visitantes — impulsionado sobretudo por cruzeiros e plataformas de alojamento de curta duração como o Airbnb — tem provocado sérias consequências ao nível social, urbano e ambiental. Segundo Gordon (2002), o turismo de massas constitui um desafio histórico para cidades como Veneza, que enfrentam a difícil tarefa de equilibrar os benefícios económicos com os custos sociais e ambientais associados. O elevado fluxo de turistas tem causado uma sobrecarga nas infraestruturas locais, gerando congestionamentos, aumento do lixo, ruído e pressão sobre os serviços públicos. Estes efeitos são particularmente visíveis durante a época alta, quando a cidade, com os seus espaços públicos estreitos e delicados, se torna praticamente intransitável.

A perceção de que Veneza se transformou num “produto turístico” em detrimento da sua função de espaço habitável é partilhada por diversos autores. Huete e Mantecón (2018) analisam este fenómeno, referindo o aumento da “turismofobia” por parte da população local, resultante da crescente dificuldade em manter uma vida quotidiana normal num espaço cada vez mais orientado para o consumo turístico. Esta alteração do uso do espaço urbano acarreta uma perda da autenticidade cultural e da vivência comunitária tradicional.

Quinn (2007) reforça esta visão, sublinhando que o turismo massivo tem agravado a crise habitacional através da especulação imobiliária e do aumento dos preços das rendas,

empurrando os residentes permanentes para fora do centro histórico. O êxodo da população é, assim, tanto uma consequência como um catalisador da gentrificação e da descaracterização da cidade.

No plano ambiental, os danos são igualmente visíveis. A presença de navios de cruzeiro de grande porte, que frequentemente entram na lagoa veneziana, representa uma ameaça séria às estruturas históricas da cidade. González (2018), aponta que estas embarcações não só provocam poluição atmosférica e sonora, como também aceleram a erosão das fundações submersas dos edifícios e das pontes, colocando em risco a integridade do património edificado.

Em 2025, Veneza implementou um novo sistema de Taxa de Acesso com reserva obrigatória online através do portal da comunidade, válida em 54 dias específicos entre abril e julho. A taxa é de 5 euros se reservada com antecedência e 10 euros se for nos últimos três dias antes da visita. Estão previstas isenções para várias categorias, como trabalhadores locais, residentes, familiares de residentes, participantes em eventos desportivos e inquilinos com contrato não turístico. O sistema exige identificação digital para quem não reside no Véneto (Città di Venezia, 2025).

Outra das medidas adotadas pela cidade de Veneza para combater os efeitos do turismo massivo é a campanha #EnjoyRespectVenezia, lançada em 2017, durante o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. Inspirada na iniciativa da Organização Mundial do Turismo *Travel.Enjoy.Respect*, esta campanha tem como objetivo sensibilizar os visitantes para uma conduta mais responsável, respeitadora do património natural e cultural de Veneza e mais harmoniosa com a vida quotidiana dos seus residentes. Através de um “manual” com 12 recomendações práticas, incentiva-se uma forma de turismo consciente, que valoriza a autenticidade local, promove o respeito pelas tradições e encoraja o visitante a explorar a cidade de forma mais lenta e atenta, para além dos circuitos turísticos habituais. Esta abordagem procura transformar o turista num habitante temporário, mais integrado na dinâmica local, contribuindo assim para a preservação da identidade veneziana e para a sustentabilidade do destino (Città di Venezia, 2024).

Desde agosto de 2021, o governo italiano proibiu a entrada de navios de cruzeiro de grande porte no centro histórico de Veneza, nomeadamente na Bacia de San Marco e no Canal da Giudecca. Esta medida foi adotada em resposta à crescente pressão internacional

— incluindo alertas da UNESCO — e aos protestos locais contra os impactos ambientais e patrimoniais causados por estas embarcações. Como alternativa, os navios passaram a ser desviados para o porto industrial de Marghera, fora da zona mais sensível da cidade, numa tentativa de proteger a integridade cultural e estrutural de Veneza (Público, 2021).

Face a este cenário, têm também surgido outras medidas administrativas para mitigar os efeitos do “overtourism”, como a limitação do acesso a certas zonas e restrições à abertura de novos estabelecimentos turísticos. No entanto, como referem Bertocchi e Camatti (2022), essas medidas serão insuficientes se não forem acompanhadas por políticas públicas sustentáveis e de longo prazo, que priorizem o equilíbrio entre os interesses económicos e a preservação da identidade local. Assim, Veneza encontra-se num dilema crítico: ou opta por uma gestão equilibrada e responsável do turismo, ou arrisca-se a perder o seu carácter único, tornando-se uma mera réplica cultural destinada ao consumo efémero de visitantes.

Conclusões

A análise dos casos de Lisboa, Barcelona e Veneza evidencia que o fenómeno do “overtourism” ultrapassa a simples dimensão numérica de visitantes: trata-se, acima de tudo, de encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento económico e a sustentabilidade social, cultural e ambiental das cidades. As experiências destas três cidades demonstram que as respostas mais eficazes surgem quando as políticas públicas são integradas, articuladas e, sobretudo, participativas. Ouvir e envolver os residentes é essencial para garantir que as soluções propostas não apenas mitiguem os impactos do turismo de massas, mas também reforcem o direito à cidade e à preservação da identidade local. O futuro das cidades turísticas depende, assim, da sua capacidade de combinar atratividade global com bem-estar local.

4.7 Possíveis soluções e alternativas

Antes de explorar soluções e alternativas para compatibilizar o desenvolvimento turístico com a sustentabilidade, é essencial compreender as causas da persistência do fenômeno do “overtourism” e os obstáculos enfrentados na sua mitigação. Este capítulo analisa medidas de intervenção e destaca abordagens bem-sucedidas em destinos sujeitos a forte pressão turística.

Dodds e Butler (2010) explicam as razões para a falta de ação em melhorar a sustentabilidade do turismo, e a adaptação do seu diagrama é usada para explicar a falha em mitigar o “overtourism”:

Figura 7 *Falha em superar o Overtourism*



Fonte: Elaboração própria adaptada de Dodds e Butler (2010)

A persistência do “overtourism” resulta de obstáculos estruturais e institucionais que dificultam a adoção de soluções eficazes, como a fraca integração do turismo nas políticas públicas, a baixa coordenação entre setores, a ausência de envolvimento dos *stakeholders* e o foco em estratégias económicas de curto prazo (Dodds & Butler, 2010). A gestão centrada apenas no aumento do número de visitantes, aliada à indefinição de limites de carga turística e à falta de vontade política, agrava os impactos negativos do fenômeno. Neste contexto, o “overtourism” evidencia uma prática turística insustentável, incompatível com os princípios do desenvolvimento sustentável (Mihalic & Kuščer, 2021). Apesar de décadas de debate, o turismo sustentável continua raro, em parte devido

à falta de uma definição clara e universal, o que permite o *greenwashing* e o uso superficial do conceito (Lew, 2020).

Apesar de décadas de debate em torno da sustentabilidade, o setor turístico continua a apresentar dificuldades em adotar práticas verdadeiramente sustentáveis, tornando improvável a superação do “overtourism” sem reformas estruturais significativas. No entanto, segundo Sharpley e Telfer (2015), é possível reorientar o turismo para modelos mais alinhados com a responsabilidade ambiental e social. Para enfrentar o problema, é necessário aplicar soluções que considerem não só o número de turistas, mas também os impactos sobre as comunidades locais e os destinos. Embora desafiante, o “overtourism” pode ser uma oportunidade para repensar o modelo atual, promovendo práticas como o turismo sustentável, a descentralização espacial e temporal e a partilha mais equitativa dos benefícios do setor (Agyeiwaah, 2020).

Assim sendo, o planeamento e a regulação urbana são essenciais para a gestão do turismo sustentável, sobretudo em cidades com forte pressão turística. Estes instrumentos permitem às autoridades locais controlar os usos do solo, estabelecer regras específicas para as atividades turísticas e proteger tanto os bairros residenciais como o património urbano. Para mitigar os impactos negativos do turismo de massas, é fundamental criar políticas que conciliem o desenvolvimento económico com a preservação do ambiente urbano e a qualidade de vida das populações locais (Calle-Vaquero, Garcia-Hernandez, & Mendoza de Miguel, 2020).

Apesar disso, muitas cidades ainda têm dificuldade em aplicar medidas eficazes, sobretudo no que toca à regulação do alojamento turístico, como os arrendamentos de curta duração (Gottlieb, 2013). As mudanças rápidas no turismo nem sempre são acompanhadas por respostas igualmente rápidas das instituições. O planeamento urbano deve ser complementado por estratégias mais amplas, como a gestão da mobilidade, o uso de tecnologias inteligentes e a redistribuição dos fluxos turísticos para zonas menos pressionadas.

Uma das medidas adotadas é o controlo da quantidade de unidades habitacionais convertidas para fins turísticos, como em Barcelona, que através do PEUAT, regula a quantidade de apartamentos turísticos para evitar que o turismo afete a habitação local (Câmara Municipal de Barcelona, 2025). Outra medida é a definição de zonas turísticas com restrições específicas, como em Veneza, onde áreas do centro histórico têm restrições

para controlar a pressão do turismo de massa (Wright & Symons, 2024). Em Lisboa, a regulação do alojamento local e das plataformas digitais como o Airbnb visa equilibrar a oferta e garantir a acessibilidade à habitação para os residentes permanentes (Publico, 2019). Além disso, várias cidades, incluindo Lisboa, implementam planos de mobilidade para descongestionar as áreas centrais e promover o uso de transportes públicos e bicicletas (Lemondé, Arsenio, & Henriques, 2021).

Essas ações de planeamento e regulação urbana são fundamentais para garantir que o turismo seja sustentável, beneficiando tanto os turistas quanto os residentes. Conclui-se que, embora essencial, o planeamento urbano precisa de evoluir e adaptar-se melhor ao ritmo das transformações no turismo, exigindo políticas de longo prazo para garantir um desenvolvimento equilibrado e sustentável.

Posteriormente, é de extrema relevância executar uma gestão dos fluxos turísticos que seja contínua e participada, tendo por base a opinião da população residente, sobretudo em destinos com forte carga cultural. Os autores Tudorache et al. (2017) e Modica et al. (2018) defendem que os métodos tradicionais de recolha de informação — como inquéritos e entrevistas —, embora ainda úteis, apresentam várias limitações, nomeadamente o elevado custo, a lentidão na recolha de dados e, muitas vezes, a superficialidade das respostas. Face a estas fragilidades, os autores propõem o aperfeiçoamento dos indicadores clássicos (como, por exemplo, o nº de turistas), sugerindo novas abordagens que permitam uma leitura mais dinâmica e precisa dos impactos sociais do turismo.

Como alternativa, apresentam uma metodologia inovadora baseada na análise de conteúdos partilhados nas redes sociais, permitindo avaliar em tempo real o descontentamento dos residentes face ao fluxo turístico. Esta abordagem revela-se mais eficaz por captar de forma espontânea os temas que preocupam os habitantes locais, tornando a gestão turística mais alinhada com as suas perceções. Nesse sentido, Acampa et al. (2020), destacam que o estudo das redes sociais pode ser uma ferramenta poderosa para detetar tendências e mudanças rápidas nas atitudes da população em relação ao turismo.

Uma das formas de gerir a pressão turística passa por limitar o número de visitantes, recorrendo a medidas como taxas de acesso, como em Barcelona, ou a definição de quotas diárias. Estas abordagens ajudam a controlar a afluência em locais muito procurados.

Outra solução passa pela criação de sistemas de reserva obrigatória, que permitem organizar melhor a distribuição dos visitantes ao longo do tempo e do espaço. Este tipo de gestão tem sido adotado em destinos como Machu Picchu (Pollicino & Maddison, 2004) ou Veneza (Città di Venezia, 2025), onde a elevada concentração de turistas representa um risco para o património e a experiência de visita

A dispersão geográfica do turismo, promovendo zonas menos visitadas, alivia a pressão sobre destinos principais e incentiva o desenvolvimento de outras áreas. Além disso, a gestão temporal, incentivando visitas fora da época alta, ajuda a distribuir o fluxo de turistas ao longo do ano, evitando a concentração excessiva de visitantes em determinados períodos (Rogowski, Zawilińska, & Hibner, 2025).

Adicionalmente, a presença ativa da comunidade local nas decisões ligadas ao turismo é um fator-chave para garantir um desenvolvimento equilibrado e sustentável deste setor. A literatura aponta para diferentes formas de envolvimento comunitário, que variam entre níveis mais superficiais até modelos mais profundos de participação. Tosun (2006) distingue três tipos principais: a participação coercitiva, onde os habitantes locais não possuem qualquer influência real; a participação induzida, caracterizada por consultas formais sem poder decisório; e a participação espontânea, que representa o grau mais avançado, permitindo aos cidadãos exercer controlo direto sobre as decisões turísticas. Esta última configura-se como a forma mais genuína de inclusão, reforçando a democracia local (Volgger, Pechlaner, & Pichler, 2017).

Segundo Murphy & Murphy (2004), uma abordagem que integre os diversos interesses dos atores envolvidos – incluindo os residentes – tende a resultar numa gestão turística mais equitativa. Quando a população tem voz ativa nas decisões, aumenta-se a legitimidade dos processos, fortalece-se a autonomia local e protegem-se os valores culturais da comunidade. Além disso, essa inclusão pode mitigar conflitos e reduzir tensões sociais, frequentemente causadas por práticas de turismo impostas de forma *top-down* (Jamal & Getz, 1995).

No âmbito da gestão do turismo, a inclusão comunitária deve ser parte integrante de um modelo mais amplo e colaborativo de planeamento. Volgger, Pechlaner e Pichler (2017) argumentam que uma gestão eficaz no turismo precisa de estruturas de colaboração entre diferentes setores – como o poder público, empresas e sociedade civil – pautadas pela transparência, pela partilha de responsabilidades e pelo diálogo contínuo. No caso de

Barcelona, por exemplo, a tentativa de implementar mecanismos participativos enfrentou obstáculos significativos, em grande parte devido à ausência de uma estrutura de governança bem institucionalizada, o que dificultou a execução efetiva das políticas propostas (Martins, 2018).

Além disso, Almeyda-Ibáñez e George (2017) destacam que a gestão participativa contribui também para a construção da imagem e identidade do destino turístico. Modelos de governança que priorizam a inclusão social e o diálogo entre os diversos segmentos da sociedade – especialmente os menos representados – contribuem para reforçar o sentimento de pertença dos residentes. Isso, por sua vez, ajuda a combater o sentimento de rejeição ao turismo (por vezes designado como “turismofobia”) e a promover uma convivência mais harmoniosa entre visitantes e moradores (Martins, 2018).

Campanhas dirigidas a visitantes e operadores turísticos desempenham um papel importante na transformação de atitudes e comportamentos, incentivando práticas mais conscientes. Em Lisboa, por exemplo, iniciativas como a campanha “Lisboa, ReclAMO-TE” utilizam elementos culturais e humor para envolver tanto turistas quanto residentes na valorização da cidade como espaço vivido, aproximando visitantes e comunidade e reforçando a ideia de um turismo mais integrado (TNews, 2025).

Para além disso, autores como Weaver (2007) destacam a educação como pilar para o desenvolvimento do turismo sustentável, enquanto Krasny e Roth (2010) enfatizam o papel da aprendizagem ambiental em experiências turísticas para estimular mudanças de comportamento. A capacitação de guias também tem sido apontada como estratégica para a sustentabilidade (Sandaruwani & Gnanapala, 2016), tornando-os intermediários essenciais entre o turista e o destino. O programa de capacitação de guias turísticos no Parque Nacional de Tortuguero, na Costa Rica, foi concebido como resposta ao crescimento acentuado da atividade turística na região, com o intuito de mitigar os impactos ambientais associados a esse aumento. Simultaneamente, a iniciativa procurou integrar as comunidades locais na gestão dos recursos naturais e promover a disseminação de conhecimentos sobre conservação ambiental entre os residentes, fortalecendo o vínculo entre turismo e educação ambiental (Jacobson & Robles, 1992).

Também é importante acrescentar que à medida que destinos populares enfrentam problemas de superlotação, a capacidade de contar e prever o movimento de multidões em tempo real torna-se fundamental para garantir a segurança e o conforto dos visitantes,

bem como para otimizar a utilização de recursos. Autores como Timmermans (2009) e Zachariadis (2005) destacam a importância de modelos que permitem a análise comportamental e a simulação de fluxos de pessoas, fundamentais na elaboração de estratégias que minimizem os efeitos do excesso de turistas. Além disso, estudos mais recentes, como os de Vera et al. (2016), demonstram a viabilidade de utilizar sensores de profundidade e câmaras para contar multidões com precisão, possibilitando uma gestão proativa e adaptada às dinâmicas reais de cada local. Assim, a integração dessas tecnologias no planejamento urbano pode ajudar na implementação de soluções de controlo de multidões, contribuindo para combater os negativos impactos associados ao “overtourism” (Martani, et al., 2017).

Por fim, segundo Mihalic (2020), a sustentabilidade deve ser o núcleo de qualquer estratégia de gestão, enfatizando a necessidade de equilibrar o fluxo turístico com a preservação do meio ambiente e o bem-estar das comunidades locais. Para enfrentar este problema, o artigo de Skiniti et al. (2024) propõe uma abordagem holística e multidimensional que combina avaliações ambientais, percepções dos visitantes e opiniões dos *stakeholders*. Entre as soluções sugeridas, destacam-se medidas como a realização de limpezas frequentes nas praias e o controlo do número de veículos, que podem ajudar a reduzir a sobrecarga e os impactos ambientais, promovendo um turismo mais sustentável. Assim, integrar diferentes perspetivas e aplicar ações de gestão baseadas em dados é fundamental para combater eficazmente o “overtourism”, garantindo a preservação dos ecossistemas costeiros ao mesmo tempo que se apoia o desenvolvimento turístico responsável.

Em suma, perante os desafios do “overtourism”, impõe-se a adoção de respostas integradas e ajustadas às especificidades de cada território. A mitigação dos impactos exige boas práticas baseadas em evidência científica, participação comunitária e governança colaborativa. Medidas como o ordenamento do território, a regulação eficaz e a sensibilização pública, quando articuladas, contribuem para um turismo mais sustentável. É, pois, essencial que a sustentabilidade seja o eixo central das políticas turísticas, assegurando o equilíbrio entre desenvolvimento económico, preservação patrimonial e qualidade de vida das populações locais

Medida	Objetivo	Exemplo Real	Fonte
Regulação do alojamento turístico	Controlar o impacto do turismo na habitação local	PEUAT em Barcelona limita apartamentos turísticos	Câmara Municipal de Barcelona (2025)
Zonas com restrições específicas	Reduzir a pressão do turismo em áreas sensíveis	Restrição no centro histórico de Veneza	Wright & Symons (2024)
Planeamento urbano e mobilidade	Proteger bairros e património; descongestionar áreas	Planos de mobilidade em Lisboa promovem transportes públicos e bicicletas	Lemonde, Arsenio, & Henriques (2021); Publico (2019)
Gestão participativa e envolvimento comunitário	Fortalecer a legitimidade e reduzir conflitos sociais	Tentativas em Barcelona de implementar mecanismos participativos	Martins (2018); Tosun (2006); Volgger, Pechlaner, & Pichler (2017)
Limitação do número de visitantes	Controlar fluxos e preservar património	Sistema de quotas em Machu Picchu e reservas em Veneza	Pollicino & Maddison (2004); Città di Venezia (2025)
Dispersão geográfica e gestão temporal	Desconcentrar fluxos e distribuir turistas ao longo do ano	Promoção do turismo fora da alta temporada	Rogowski, Zawilińska, & Hibner (2025)
Uso de tecnologia para monitorização	Contar e prever fluxo turístico em tempo real	Sensores e câmaras para controlo de multidões	Timmermans (2009); Vera et al. (2016)

Educação e capacitação	Promover comportamentos conscientes e conservação ambiental	Programa de guias turísticos em Tortuguero, Costa Rica	Jacobson & Robles (1992); Weaver (2007)
Campanhas de sensibilização	Incentivar atitudes responsáveis entre turistas e residentes	Campanha “Lisboa, ReclAMO-TE”	TNews (2025)
Gestão integrada baseada em dados e <i>stakeholders</i>	Priorizar ações e equilibrar turismo com sustentabilidade	Avaliação multidimensional em áreas sensíveis	Skiniti et al. (2024); Mihalic (2020)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 *Resumo das Soluções para o "Overtourism"*

5. Contextualização do Turismo na Cidade do Porto

Localizada junto ao rio Douro, a cidade do Porto ocupa uma posição geoestratégica relevante no contexto atlântico europeu. Segundo Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal, trata-se da cidade mais meridional de um eixo urbano atlântico que se estende desde o norte de Espanha até ao norte da Europa, sendo uma das mais representativas deste espaço, apesar de não ser a maior em dimensão (Azevedo, 2010). Esta centralidade simbólica e geográfica, aliada à riqueza patrimonial e histórica do seu centro urbano, tem sustentado uma transformação profunda da cidade nas últimas décadas, marcada pelo reconhecimento internacional e pela crescente atratividade turística.

O processo de valorização do Porto como destino turístico teve início nas décadas de 1970 e 1980, quando o seu centro histórico começou a ser reconhecido como um património de valor local e nacional. Um dos marcos fundamentais foi o projeto “Porto a Património Mundial”, publicado em 1993, que preparou a candidatura à UNESCO. A distinção oficial chegou em 1996, com a inscrição do Centro Histórico do Porto, da ponte Luiz I e do Mosteiro da Serra do Pilar na Lista do Património Mundial, tendo sido destacada a excecional qualidade do tecido urbano e o legado arquitetónico acumulado ao longo dos séculos. (Câmara Municipal do Porto, 2025). Este reconhecimento projetou a cidade no panorama turístico internacional e reforçou a importância da sua preservação cultural como ativo económico e simbólico.

A partir dos anos 2000, o Porto assistiu a uma transformação urbana profunda, impulsionada por uma estratégia articulada de reabilitação da Baixa e da zona ribeirinha, investimentos em infraestruturas e exploração turística. Paralelamente, a modernização do Aeroporto Francisco Sá Carneiro — com obras entre 2000 e 2007 — e a entrada massiva de companhias aéreas *low-cost* como Ryanair e EasyJet tornaram o Porto uma porta de entrada acessível para turistas europeus (Costa & Almeida, 2018). Os mesmos autores mostram que o tráfego aéreo no Porto cresceu cerca de 260% entre 2005 e 2012, impulsionado pelas rotas *low-cost*, com impactos positivos no emprego e no setor turístico regional.

Além das melhorias na conectividade, o Porto beneficiou da realização de grandes eventos (como o Euro 2004) e de uma clara aposta na promoção do turismo cultural e gastronómico. Pesquisas académicas indicam que estas ações contribuíram para reforçar

a imagem do Porto como destino de city-break, consolidando a revitalização dos espaços públicos e do comércio (Fernandes, et. al., 2023).

A cidade do Porto recebeu múltiplos reconhecimentos internacionais que destacam o seu lugar de relevo como destino europeu. Entre estes, foi eleita “Melhor Destino Europeu” em 2012, 2014 e 2017 pela European Consumers Choice (Público, 2017), e recebeu pela terceira vez o título de “Europe’s Leading City Break Destination” em 2023, atribuído pelo prestigiado World Travel Awards (Câmara Municipal do Porto, 2023). Vale salientar também que em 2022, foi distinguida como “Europe’s Leading City Destination” e “World’s Leading City Destination”, reforçando a sua posição no circuito global de turismo urbano (Porto, 2022).

Estes prémios são reflexo da crescente atração turística do Porto. Segundo dados do aeroporto Francisco Sá Carneiro, o tráfego de passageiros aumentou de cerca de 13,1 milhões em 2019 para mais de 15,2 milhões em 2023, alcançando 12,6 milhões em 2022, o que representa um crescimento de 116 % face a 2021 (ANA, 2024). Já em 2024, o crescimento do setor turístico manteve-se. O alojamento turístico nacional registou 31,6 milhões de hóspedes e 80,3 milhões de dormidas no acumulado do ano, o que representa aumentos de 5,2% e 4,0%, respetivamente, face ao período homólogo. Estes indicadores refletem não só a retoma pós-pandemia, mas também a resiliência e atratividade dos destinos urbanos portugueses, com o Porto entre os mais beneficiados (TravelBI, 2025).

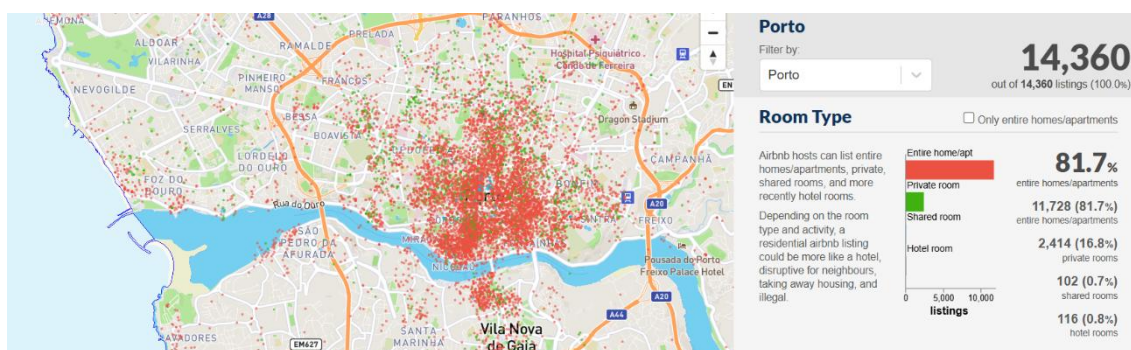
No entanto, este crescimento rápido e desregulado trouxe também uma série de desafios urbanos. O Porto tem enfrentado alguns sintomas de “overtourism”, caracterizado pela sobrecarga do centro histórico, sobretudo nas zonas da Sé e Baixa. Em 2022, o rácio foi de cerca de 9 turistas por habitante, um dos mais elevados do mundo, resultado do aumento para quase 44 000 camas disponíveis — o dobro relativamente a 2012 — e da expansão acelerada do alojamento local (Afonso, 2023). Isto gera pressões significativas sobre a mobilidade, com ruas congestionadas por autocarros turísticos e *tuk-tuks*, o que tem levado a restrições de circulação e protestos de residentes e operadores do setor (Vieira, 2024). Estes indicadores apontam para uma erosão da qualidade de vida urbana e da coesão comunitária, evidenciando a necessidade de políticas de turismo sustentável que considerem limites de capacidade, regulação do alojamento local e gestão participativa do espaço público.

Além disso, o turismo de massas no Porto tem gerado impactos cada vez mais visíveis na vida quotidiana dos residentes, sobretudo nos bairros centrais. Entre os efeitos mais referidos destacam-se o ruído, a congestão na mobilidade urbana, a sobrecarga dos espaços públicos, o desaparecimento de estabelecimentos tradicionais e o agravamento de pressões ambientais. A concentração da atividade turística em áreas específicas da cidade contribui não só para a saturação dos serviços e infraestruturas locais, mas também para alterações profundas na configuração socio-urbana dos bairros históricos. Este processo resulta frequentemente na privatização informal do espaço urbano, com a substituição progressiva de usos residenciais por usos turísticos e comerciais orientados para o consumo externo. A sobrecarga dos espaços de lazer e comércio, associada à perda de identidade local, compromete o equilíbrio ecológico e social da cidade. Como destaca a literatura, a gestão desta pressão exige estratégias equilibradas que evitem a *turistificação* descontrolada e a degradação dos ambientes urbanos (Stevic, et al., 2024).

Um dos impactos mais relevantes prende-se com a gentrificação e substituição progressiva dos residentes permanentes por visitantes e investidores, fenómeno que altera a função habitacional da cidade e enfraquece o tecido social. O estudo revela que a perda de autenticidade e a degradação sociocultural, incluindo a diminuição das oportunidades de moradia para residentes locais, estão entre os impactos mais sentidos pelos habitantes. Além disso, os residentes que vivem na área central percebem de forma mais aguda esses impactos, incluindo a gentrificação e o aumento da insegurança e criminalidade (Cardoso & Silva, 2018)

Este processo de *turistificação*, associado ao crescimento do AL (Alojamento Local) e à liberalização do mercado imobiliário, tem sido amplamente debatido por autores que alertam para a exclusão dos moradores históricos e o desaparecimento de redes comunitárias. O aumento de residências turísticas e o crescimento desregulado do mercado imobiliário contribuem para a gentrificação, levando à expulsão de moradores tradicionais e à fragmentação do tecido social (Carvalho, Chamusca, Fernandes, & Pinto, 2019).

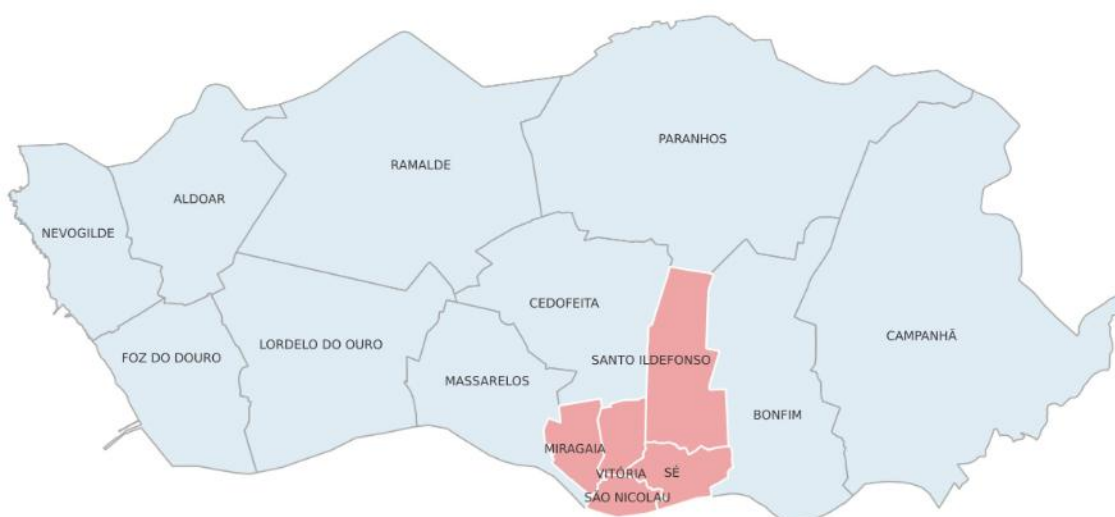
Figura 8 Alojamento Local no Porto



Fonte: Inside Airbnb (2025).

A análise dos dados disponibilizados pela plataforma Inside Airbnb revela uma forte concentração dos alojamentos locais na zona histórica do Porto, especialmente nas freguesias da Sé, Santo Ildefonso e Miragaia. Predominam os apartamentos completos, indicando uma significativa conversão de habitações permanentes em alojamento turístico. Esta concentração espacial tem impacto direto no mercado residencial local, contribuindo para a escalada dos preços das rendas e para a gentrificação, pressionando os moradores tradicionais a abandonarem estas áreas centrais. Além disso, a variação dos preços médios por zona evidencia a valorização do centro histórico como destino turístico privilegiado, o que reforça a dinâmica de transformação urbana impulsionada pela economia do alojamento local (InsideAirbnb, 2025).

Figura 9 AL, Habitação e Rácio do Porto



Fonte: Porto (2025).

No contexto da crescente pressão turística sobre o tecido urbano do Porto, o Município desenvolveu o Sistema de Informação Integrado do Alojamento Local (SIIAL), uma

plataforma digital que permite acompanhar, em tempo real, a distribuição dos estabelecimentos de AL na cidade. Esta ferramenta surgiu no âmbito do novo Regulamento Municipal para o Crescimento Sustentável do AL, procurando oferecer maior transparência e controlo sobre esta atividade. De acordo com os dados disponibilizados pelo SIAL à data de 31 de outubro de 2022, é possível verificar que em algumas zonas da cidade, a percentagem de alojamento local ultrapassa os 15% do total de alojamentos habitacionais, evidenciando níveis elevados de concentração. Estes dados, apresentados de forma desagregada por freguesia, revelam uma distribuição desigual da atividade turística, com maior intensidade nas áreas históricas e mais centrais, como a Sé, Cedofeita ou Vitória. A existência destes “mapas de pressão” ajuda a sustentar preocupações sobre a saturação habitacional, substituição da função residencial e a necessidade de políticas públicas que promovam o equilíbrio entre turismo e direito à habitação (Porto, 2025).

Por fim, o Porto tem vindo a destacar-se negativamente no panorama europeu do turismo urbano ao surgir como a nona cidade mais sobrelotada de turistas por habitante, com uma média superior a 10 visitantes por residente, segundo dados do “Euromonitor International” (Porto Canal, 2024). Este fenómeno, impulsionado por companhias aéreas *low-cost*, redes sociais e plataformas digitais de alojamento, tem agravado significativamente a pressão sobre os espaços urbanos da cidade. As consequências desta massificação turística não se refletem apenas em indicadores estatísticos, mas também no quotidiano dos moradores, que se mobilizaram em setembro de 2023 numa manifestação que reuniu cerca de 8 000 pessoas na Rua de Santa Catarina, exigindo o direito à habitação e denunciando o papel do turismo excessivo na escalada dos preços imobiliários (Veludo, 2023). Frases como “Agora o Porto é como Maiorca” ecoaram entre residentes e até turistas, que testemunharam com espanto a dimensão do protesto. A perceção de que o turismo está a transformar a cidade num destino exclusivamente orientado para o consumo e a especulação foi partilhada por moradores e visitantes estrangeiros, que identificaram a substituição do uso habitacional por alojamentos turísticos como uma das causas principais da crise habitacional que afeta o Porto.

Para responder aos desafios urbanos impostos pelo crescimento turístico e pela pressão habitacional, a estratégia da cidade do Porto em matéria de urbanismo assenta em três eixos fundamentais. Em primeiro lugar, destaca-se o compromisso com a sustentabilidade do desenvolvimento urbano, privilegiando-se a reabilitação de edifícios existentes e a

ocupação de espaços vazios dentro do tecido consolidado, em detrimento da expansão para novas áreas. Em segundo lugar, a política urbana procura respeitar as identidades locais, promovendo um equilíbrio entre desenvolvimento económico, estímulo à criatividade e preservação do património histórico e cultural. Por fim, assume-se como prioridade a promoção da coesão sócio territorial, com foco na redução das assimetrias existentes entre diferentes zonas da cidade e na melhoria das condições de vida, sobretudo em bairros marcados por processos de exclusão ou estigmatização (Câmara Municipal do Porto , 2025).

Adicionalmente, desde 1 de dezembro de 2024, entrou em vigor o novo Regulamento da Taxa Municipal Turística do Porto, que atualizou o valor da contribuição para 3€ por dormida em empreendimentos turísticos e alojamentos locais, reforçando o objetivo de compensar o desgaste gerado pela atividade turística. Esta medida visa promover a sustentabilidade do destino, permitindo ao município uma resposta mais eficaz aos impactos turísticos, ao mesmo tempo que contempla isenções específicas para casos sociais, de saúde, ou peregrinação religiosa (Câmara Municipal do Porto , 2025).

5.1 Impactos do Turismo na Freguesia da Sé

O núcleo original da cidade do Porto surgiu no morro de Pena Ventosa, hoje conhecido como morro da Sé. Com cerca de 78 metros de altitude, oferecia uma localização estratégica com boa visibilidade sobre o Douro e difícil acesso, ideal para defesa. Escavações na zona, especialmente na Rua de D. Hugo, revelaram vestígios de ocupação desde o início do 1.º milénio a.C., incluindo objetos domésticos e estruturas habitacionais dos séculos IV-III a.C. A Sé Catedral, construída neste local, é hoje um dos principais monumentos da cidade, ligando diretamente a história do Porto às suas origens. Este conjunto histórico é um dos maiores pontos de interesse turístico da cidade (Câmara Municipal do Porto, 2025).

A antiga freguesia da Sé constituía um dos núcleos mais antigos e emblemáticos da cidade do Porto, com elevado valor patrimonial, simbólico e turístico. Esta área histórica integra monumentos de grande relevo, como a Sé Catedral do Porto, a Igreja de São Lourenço (popularmente conhecida como "Igreja dos Grilos"), a Praça da Batalha e segmentos remanescentes da muralha fernandina. A sua configuração urbana reflete a evolução histórica da cidade, sendo reconhecida como parte integrante do Centro Histórico do

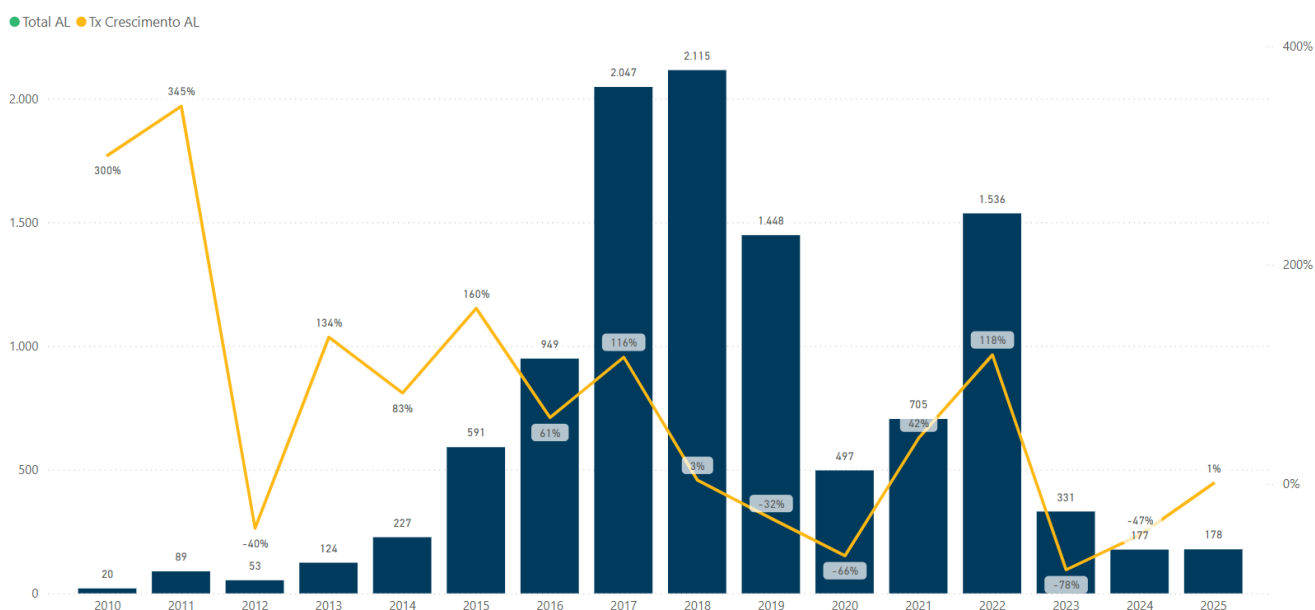
Porto, classificado como Património Mundial pela UNESCO desde 1996 (UNESCO, 2014).

No âmbito da reorganização administrativa do território das freguesias urbanas, operada pela Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro, a freguesia da Sé foi extinta. A sua área passou a integrar a União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, em consonância com os objetivos de racionalização administrativa e otimização da gestão territorial (Diário da República, 2013).

Segundo dados dos Censos 2011, a freguesia da Sé contabilizava cerca de 3.060 habitantes, uma descida significativa face aos 4.264 residentes registados nos Censos de 2001 (INE, 2001; INE, 2011). Esta redução populacional acompanha uma tendência observada em muitas áreas centrais de cidades históricas, marcada por fenómenos de despovoamento, envelhecimento populacional e substituição demográfica.

Como já havíamos mencionado anteriormente, nos últimos anos, estes processos têm sido intensificados por fatores como a gentrificação e a crescente transformação de habitações de uso permanente em alojamento local destinado ao turismo, nomeadamente através de plataformas como o Airbnb. Estes fenómenos têm vindo a alterar profundamente a estrutura social e funcional da freguesia, contribuindo para a deslocação de moradores históricos e a homogeneização do tecido urbano (Mendes, 2020).

Gráfico 8 N.º de Registos de Alojamento Local



Fonte: TravelBI (2025).

A evolução do Alojamento Local na União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória demonstra claramente o impacto do turismo no centro histórico do Porto. Entre 2010 e 2017, registou-se um crescimento acentuado, com um pico de 2.115 novos registos em 2018, impulsionado pela liberalização do setor e pela crescente atratividade turística da cidade. A partir de 2019, iniciou-se um declínio acentuado, agravado pela pandemia em 2020, seguido de uma recuperação temporária em 2022. No entanto, os anos mais recentes (2023 a 2025) indicam uma estagnação, sugerindo um mercado saturado ou sujeito a maior regulação. Esta trajetória reflete a tensão crescente entre o uso turístico e a função residencial no centro urbano, sendo um indicador relevante dos efeitos do “overtourism” no Porto.

Na Sé, a conversão de habitações tradicionais em unidades de alojamento local motivou um aumento expressivo dos preços das rendas e do valor de mercado dos imóveis, tornando-se difícil para idosos e famílias de baixos rendimentos permanecerem no bairro. De fato, cerca de 43,7 % das habitações da Sé estavam registadas (ou ativas) como AL em agosto de 2024. Este fenómeno, associado à diminuição de serviços locais — como mercearias e farmácias — agrava a desertificação residencial da freguesia (Porto, 2025).

Tabela 3 Habitação vs Alojamento Local por Freguesia

Freguesia	Nº Habitação	Nº Estab. de AL
ALDOAR	5988	27
BONFIM	15826	1457
CAMPANHÃ	17167	213
CEDOFEITA	15845	1721
FOZ DO DOURO	5831	186
LORDELO DO OURO	11152	133
MASSARELOS	4512	413
MIRAGAIA	1630	378
NEVOGILDE	2502	29
PARANHOS	28415	371
RAMALDE	19639	148
SANTO ILDEFONSO	7025	2695
SÃO NICOLAU	1129	556
SÉ	2588	1131
VITÓRIA	1610	1028

Fonte: Porto (2025)

Assim sendo, podemos concluir que a freguesia da Sé, enquanto núcleo fundador da cidade do Porto, representa não apenas um património material de grande relevância, mas também um tecido social profundamente enraizado na memória urbana. Contudo, nas últimas décadas, esta zona tem sido fortemente impactada por processos de

reconfiguração urbana induzidos pelo turismo, especialmente através da proliferação do Alojamento Local. A crescente pressão imobiliária, a gentrificação e o despovoamento fragilizaram a coesão social da freguesia e colocaram em risco a sua autenticidade e vivência comunitária. A elevada percentagem de habitações convertidas em alojamento turístico evidencia o desequilíbrio entre a função residencial e turística, alertando para a necessidade urgente de políticas públicas que garantam o direito à cidade e a sustentabilidade social e cultural do centro histórico.

6. Metodologia e Desenvolvimento da Parte Prática

6.1 Introdução ao Capítulo

Após a revisão teórica sobre o turismo urbano, o fenómeno do “overtourism” e os seus impactos sociais, económicos e ambientais (Capítulos 2 a 4), este capítulo visa aplicar esse conhecimento ao contexto real da cidade do Porto, mais concretamente à freguesia da Sé.

A componente prática desta dissertação tem como principal objetivo analisar a perceção dos moradores da zona histórica da Sé relativamente ao crescimento do turismo, com especial atenção às consequências sentidas nas suas rotinas, qualidade de vida e identidade local.

A investigação pretende responder a questões levantadas nos capítulos anteriores, como:

- De que forma os residentes percebem os impactos do turismo nas suas vidas?
- Sentem que a presença turística melhorou ou deteriorou o seu bem-estar?
- Existe perceção de perda de comunidade, aumento do custo de vida ou pressão habitacional?

Este capítulo assume, portanto, um carácter exploratório, procurando compreender como os efeitos do “overtourism” se manifestam localmente a partir da voz daqueles que ainda habitam a freguesia. Com base nos dados recolhidos, será feita uma análise crítica e integrada com a literatura académica, permitindo assim avaliar até que ponto a realidade local confirma ou contrasta com os fenómenos discutidos anteriormente.

6.1.1 Objetivos da Etapa Prática

A etapa prática desta dissertação tem como principal finalidade compreender de que forma os residentes da freguesia da Sé percebem os impactos do turismo urbano, num contexto marcado por processos de *turistificação*, gentrificação e despovoamento.

De forma mais específica, pretende-se:

- Analisar a perceção dos moradores quanto às transformações provocadas pelo turismo nas suas rotinas, qualidade de vida e dinâmicas;
- Identificar os principais impactos sociais, económicos e urbanos percebidos pelos residentes, como aumento do custo de vida, ruído ou pressão sobre a habitação;

- Compreender o sentimento de pertença e permanência dos habitantes num território em mudança acelerada;

Este conjunto de objetivos permitirá avaliar se a realidade vivida pelos residentes da Sé confirma os impactos discutidos teoricamente nos capítulos anteriores.

6.2 Descrição da Metodologia e Justificação

A presente investigação adota uma abordagem de natureza qualitativa e exploratória, com componentes quantitativas descritivas, enquadrando-se como um estudo de métodos mistos. Esta escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender em profundidade as perceções dos residentes da freguesia da Sé relativamente aos impactos do turismo urbano, num contexto marcado por forte despovoamento, gentrificação e reconversão do uso habitacional para fins turísticos. Segundo Creswell e Clark (2017), os estudos de métodos mistos são particularmente úteis quando se pretende obter uma compreensão abrangente de fenómenos sociais complexos, combinando a profundidade interpretativa da análise qualitativa com a objetividade da análise quantitativa.

A abordagem qualitativa permite captar significados, experiências subjetivas e narrativas pessoais, aspetos fundamentais quando o foco recai sobre os efeitos sociais e quotidianos do turismo numa comunidade local. A integração de elementos quantitativos – através de escalas de Likert e estatística descritiva – possibilita, por sua vez, a sistematização e a análise comparativa das tendências de opinião. Esta estratégia metodológica, que combina diferentes técnicas, segue boas práticas em estudos sobre perceção de residentes e turismo urbano (Perkins & Thorns, 2017; Veal, 2017).

Optou-se pela aplicação de entrevistas por questionário estruturado (Anexo 1), compostos maioritariamente por perguntas fechadas e complementados com questões abertas. Esta combinação permite, simultaneamente, recolher dados quantificáveis e explorar dimensões mais subjetivas e contextuais. O instrumento foi desenhado com base na literatura especializada sobre a perceção dos residentes face ao turismo (Novy & Colomb, 2017; Yrigoy, 2016), sendo posteriormente adaptado ao contexto específico da cidade do Porto.

A amostra é composta por 32 residentes permanentes das ruas de São Sebastião, Pena Ventosa e das Aldas, selecionados através de amostragem por conveniência, dada a reduzida população residente. Estima-se que existam cerca de 41 moradores permanentes nas três ruas, o que confere à amostra uma representatividade significativa dentro do

universo possível. O critério de inclusão principal foi a residência contínua na zona há pelo menos um ano, sendo que a maioria dos inquiridos vive na área há mais de 50 anos, com idades compreendidas entre os 40 e os 70 anos.

A recolha de dados foi realizada presencialmente, em junho de 2025, por contacto direto com os moradores, privilegiando o horário da tarde para garantir maior disponibilidade. A aplicação dos questionários decorreu nas próprias ruas, mediante consentimento informado, adotando-se uma abordagem empática e respeitosa, adequada ao perfil envelhecido da população local.

No que respeita ao tratamento da informação, as perguntas fechadas foram analisadas através de estatística descritiva simples, enquanto as respostas abertas foram sujeitas a análise de conteúdo, permitindo identificar temas recorrentes e perceções dominantes. O tratamento dos dados foi realizado no Google Forms, não se justificando o uso de software estatístico avançado dada a dimensão da amostra.

Foram recolhidas 32 respostas válidas, número que, embora reduzido, reflete fielmente o fenómeno de desertificação habitacional verificado na zona histórica da Sé. Grande parte dos edifícios encontra-se desocupada ou reconvertida para alojamento turístico, especialmente através de plataformas como o Airbnb, o que dificultou o contacto com residentes permanentes. Esta limitação, longe de ser um entrave, constitui em si um dado empírico relevante que confirma a tendência de *turistificação*.

Trata-se, assim, de um estudo de caso localizado, centrado na experiência vivida dos poucos residentes ainda presentes. A opção metodológica visou dar-lhes voz e gerar conhecimento útil para uma gestão urbana mais equilibrada e sensível aos impactos sociais do turismo, sem pretensões de representatividade estatística, mas com foco na profundidade e riqueza das perceções recolhidas.

6.3 Descrição do Contexto de Aplicação e Amostra

A Figura 10, apresentada nesta secção, mostra o mapa de uso e ocupação dos edifícios na área em estudo, situada na freguesia da Sé, no centro histórico do Porto. Este mapa é uma elaboração própria, desenvolvida com base em observação direta e trabalho de campo, recorrendo ao software Adobe Photoshop para a sua construção e representação gráfica. O objetivo foi representar visualmente a diversidade de usos do edificado, de forma a identificar padrões de ocupação, abandono e reconversão funcional num dos bairros mais afetados pela pressão turística na cidade.

O mapa distingue os edifícios conforme a sua função atual: uso habitacional (não turístico), alojamento local, comércio/serviços, devolutos ou inativos, e outras categorias específicas. Entre os edifícios assinalados a verde, dois casos merecem especial atenção. Um deles alberga atualmente o Porto Tourism Office, ponto central de informação e apoio ao visitante, cuja localização estratégica junto a monumentos de referência reforça o papel da Sé como epicentro turístico da cidade. O segundo edifício verde está afeto à Câmara Municipal do Porto (CMP), embora não se encontre atualmente em uso ativo, apresentando sinais de abandono. Esta situação levanta questões sobre a gestão do património público em áreas centrais, especialmente num contexto urbano marcado por escassez de habitação acessível e rápida transformação funcional do edificado.

No mapa destaca-se a presença de alojamento local (AL), sobretudo nas zonas mais turísticas, muitas vezes resultante da reconversão de antigas habitações. Este fenómeno tem levado à substituição de residentes por visitantes temporários, afetando a coesão social. Em alguns casos, há edifícios com uso misto, onde coexistem moradores e ALs não identificados oficialmente, mas visíveis no terreno pela presença de cadeados eletrónicos típicos de plataformas como o Airbnb (assinalado a azul claro, na Figura 10).

Simultaneamente, o mapa evidencia um número significativo de edifícios devolutos ou sem qualquer uso identificado, frequentemente situados entre unidades turísticas ou comerciais. Esta coexistência de abandono e exploração intensiva reflete uma fragmentação profunda do tecido urbano, marcada por desigualdade funcional e descontinuidade social. A presença destes vazios urbanos, em pleno centro histórico e classificado como património mundial pela UNESCO, reforça a perceção de desinvestimento e desvalorização das necessidades da população residente.

Apesar do avanço do turismo, o mapa revela ainda a existência de alguns edifícios de uso habitacional tradicional, habitados por residentes permanentes, muitos dos quais são pessoas idosas com longos vínculos ao território. No entanto, estes habitantes representam atualmente uma minoria, frequentemente cercados por ALs ou imóveis desocupados, o que contribui para o isolamento social e a deterioração das redes comunitárias locais.

Assim, a análise da Figura 10 — desenvolvida especificamente para esta investigação — permite compreender com maior clareza a reorganização espacial e funcional da freguesia da Sé. A convivência entre edifícios turísticos, devolutos, institucionais e habitacionais demonstra um território em desequilíbrio, onde o turismo se tornou o motor dominante de transformação, muitas vezes à margem de um planeamento urbano sensível às necessidades da população residente. O mapa constitui, assim, uma ferramenta de leitura crítica sobre os impactos do “overtourism” e sobre as tensões entre valorização económica, uso do solo e permanência comunitária no centro histórico do Porto.

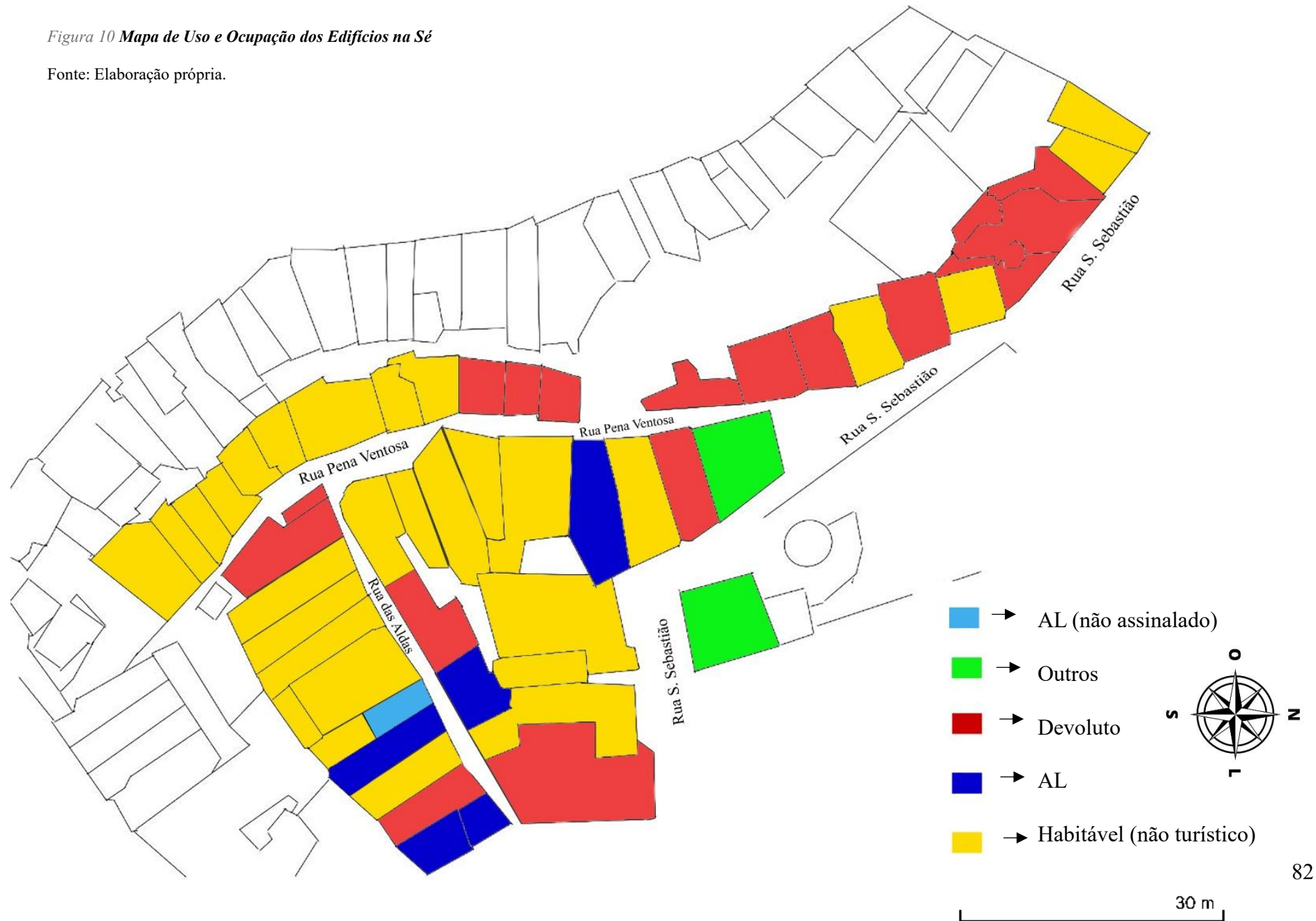
No que diz respeito a nossa amostra, revela um total de aproximadamente 41 habitantes residentes permanentes, dos quais foram realizadas 32 entrevistas. Essa amostra representa uma grande parte da população local, permitindo uma compreensão aprofundada das perceções dos residentes.

As principais características da amostra são as seguintes:

- **Tempo de residência:** A maioria dos entrevistados reside na área há mais de 50 anos, indicando um forte vínculo com o território.
- **Distribuição etária:** Os residentes têm idades compreendidas principalmente entre 40 e 70 anos, com uma predominância de adultos na meia-idade e idosos, o que coincide com o perfil de uma comunidade envelhecida, reforçando os aspetos discutidos na revisão de literatura sobre o envelhecimento populacional e as suas implicações.
- **Dimensão da amostra em relação à população total:** Com 32 entrevistas realizadas num universo de aproximadamente 41 habitantes, a amostragem cobre cerca de 78% da população residente nas três ruas, o que confere robustez e representatividade às perceções recolhidas.

Figura 10 Mapa de Uso e Ocupação dos Edifícios na Sé

Fonte: Elaboração própria.



A Figura 11 representa o estado de conservação e uso atual dos edifícios na área de estudo, complementando a análise feita na Figura 10. Este mapa, tal como o anterior, foi uma elaboração própria realizada com base em observação direta e sistematizada do território. O objetivo deste exercício foi identificar não apenas os usos funcionais dos edifícios, mas também o seu estado físico, revelando as condições estruturais e os diferentes ritmos de transformação urbana na freguesia da Sé.

A legenda do mapa distingue três categorias principais. Os edifícios representados a azul (escuro) correspondem a construções que foram alvo de intervenções recentes, estando visivelmente reabilitados e, na maioria dos casos, integrados em dinâmicas associadas ao turismo, ao comércio ou à habitação de alto valor. Estes edifícios simbolizam o processo de renovação urbana em curso, muitas vezes orientado para a atratividade económica e turística, e não necessariamente para a fixação de população residente.

Por outro lado, os edifícios assinalados a laranja correspondem a estruturas antigas, algumas ainda em funcionamento e outras com sinais de parcial abandono (devoluto) ou uso intermitente. Esta categoria inclui uma grande diversidade de situações: desde pequenos comércios de bairro ainda ativos, até prédios com ocupação irregular, em mau estado de conservação, ou fechados há vários anos. A sua presença generalizada no mapa reflete o carácter envelhecido do edificado da Sé e a dificuldade em consolidar uma estratégia pública eficaz de reabilitação para fins sociais ou habitacionais.

A categoria mais preocupante é representada pela cor azul ciano, que assinala os edifícios em ruínas ou em avançado estado de degradação, muitos dos quais já se encontram devolutos há décadas. Estes vazios urbanos acentuam a fragmentação do tecido edificado e são um indicador claro do processo de declínio habitacional e de esvaziamento populacional que afetou esta zona histórica ao longo das últimas décadas.

A sobreposição de edifícios em ruínas, antigos e reabilitados evidencia a complexidade da transformação urbana na Sé. Neste espaço cruzam-se tempos e dinâmicas distintas, onde património e turismo coexistem com abandono e fragilidade habitacional. O mapa mostra uma mudança desigual, marcada mais pelo mercado do que por uma resposta clara às necessidades dos residentes.

Figura 11 Análise do Estado de Conservação e Uso dos Edifícios

Fonte: Elaboração própria.



6.4 Desenvolvimento da Etapa Prática

A implementação da investigação empírica foi conduzida por etapas bem definidas e de forma sistemática, procurando garantir a coerência entre os objetivos do estudo e a fiabilidade dos dados recolhidos. Numa primeira fase, foi realizada a delimitação do universo de estudo, optando-se por três ruas específicas da freguesia – Rua de São Sebastião, Rua Pena Ventosa e Rua das Aldas – selecionadas pela sua localização central na zona histórica do Porto e pela sua relevância no contexto da *turistificação* e da transformação urbana. A presença ainda visível de moradores permanentes nestas ruas, apesar do acentuado despovoamento, justificou a sua escolha como território de análise.

De seguida, procedeu-se à construção do questionário, elaborado com base na literatura especializada sobre perceção dos residentes relativamente ao turismo urbano. O instrumento foi estruturado em três secções principais: dados sociodemográficos; avaliação dos impactos do turismo, com recurso a escalas de Likert; e perguntas abertas, destinadas a captar opiniões mais detalhadas e subjetivas. O questionário foi revisto pelos orientadores de forma a assegurar a clareza das perguntas, a pertinência dos temas abordados e a adequação da linguagem ao público-alvo.

Antes da aplicação definitiva, foi realizado um pré-teste informal junto de dez antigos moradores da zona (não incluídos na amostra final), de modo a avaliar o tempo de preenchimento, detetar eventuais ambiguidades e verificar a compreensão geral das questões. As observações recolhidas permitiram realizar pequenos ajustes na redação de alguns itens.

A recolha de dados foi realizada diretamente no terreno, pela própria investigadora, através de abordagem presencial e respeitosa. Cada contacto iniciou-se com uma explicação clara sobre os objetivos da investigação e com a garantia de anonimato e confidencialidade. Foi sempre solicitado consentimento informado oral antes do preenchimento do questionário.

Os questionários foram preenchidos em papel e posteriormente digitalizados e organizados na plataforma Google Forms. Os dados das perguntas fechadas foram inseridos em gráficos, permitindo o tratamento estatístico simples através do cálculo de percentagens e médias. As respostas às perguntas abertas foram analisadas através de análise de conteúdo, de modo a identificar temas recorrentes, perceções dominantes e comentários relevantes para a compreensão das experiências vividas pelos residentes.

O tratamento dos dados foi realizado manualmente, tendo em conta a reduzida dimensão da amostra, o que possibilitou uma leitura aprofundada e individualizada de cada contributo. Este processo procurou respeitar a lógica qualitativa e exploratória do estudo, permitindo uma análise sensível ao contexto e às vozes dos moradores ainda presentes na freguesia da Sé.

6.5 Análise dos Resultados

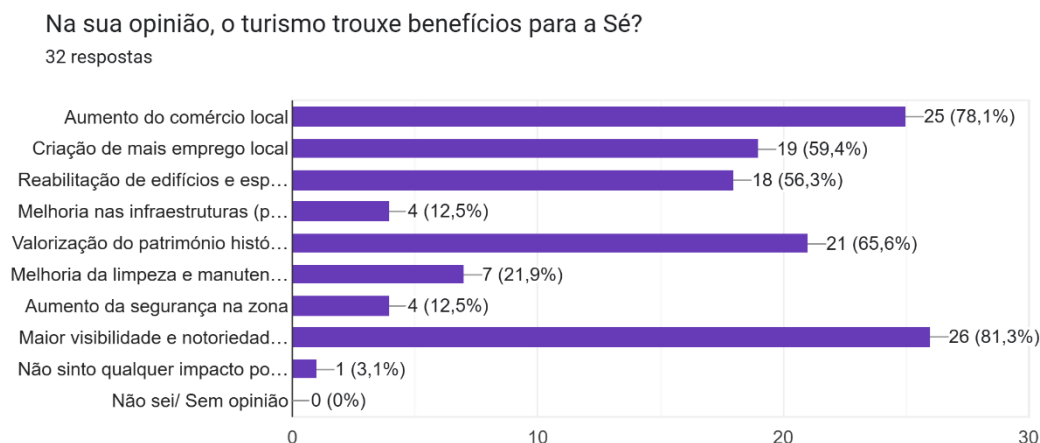
Neste capítulo são apresentados e analisados os principais resultados obtidos através dos questionários aplicados aos residentes da freguesia da Sé. A análise segue a estrutura do inquérito, agrupando os dados em três grandes eixos: perceções sobre os impactos do turismo urbano, opiniões abertas relativas à convivência com o fenómeno turístico e características sociodemográficas dos inquiridos.

Impactos do turismo urbano

Os dados obtidos através do inquérito realizado evidenciam que os inquiridos reconhecem benefícios significativos associados à presença do turismo na zona da Sé. O aumento do comércio local surge como o aspeto mais valorizado (78,1%), seguido da maior visibilidade e notoriedade da zona (81,3%) e da valorização do património histórico e cultural (65,6%). Estes dados evidenciam a perceção de que o turismo tem um papel importante na dinamização económica e na promoção da identidade local. A criação de emprego (59,4%) e a reabilitação de edifícios e espaços públicos (56,3%) são também referidas por mais de metade dos inquiridos, reforçando a ideia de que o turismo pode ser um catalisador para a revitalização urbana e social. No entanto, benefícios como a melhoria nas infraestruturas públicas e a segurança são mencionados por apenas 12,5% dos participantes, sugerindo que o retorno do turismo não é uniformemente distribuído por todas as dimensões do espaço urbano. Apenas uma pessoa (3,1%) afirmou não sentir qualquer impacto positivo, e nenhuma indicou não ter opinião, o que reforça a ideia de

que, mesmo com os inconvenientes, o turismo é percecionado como um fenómeno com efeitos positivos visíveis e concretos na zona da Sé.

Gráfico 9 *Benefícios do Turismo para a Sé*



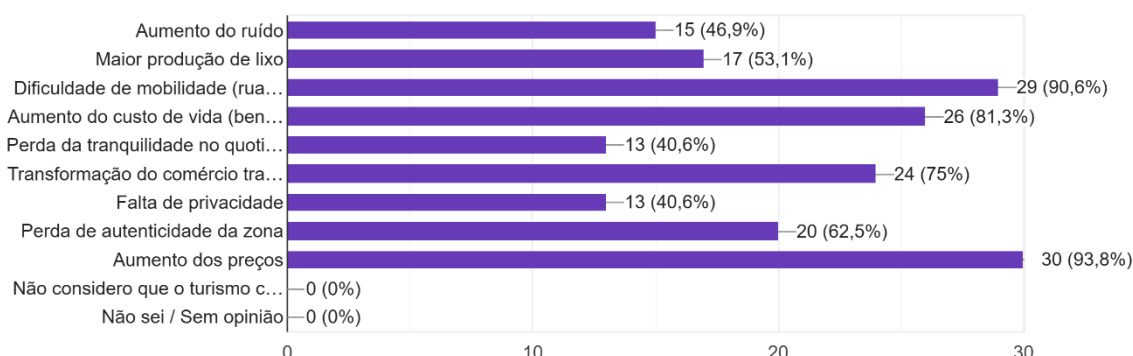
Fonte: Elaboração própria.

Apesar dos benefícios reconhecidos, os inquiridos também apresentam uma análise crítica robusta. As principais preocupações manifestadas prendem-se com o aumento dos preços (93,8%) e a dificuldade de mobilidade provocada pela elevada concentração de visitantes (90,6%), seguidos pelo aumento generalizado do custo de vida (81,3%) e pela transformação do comércio tradicional (75%). Estes resultados apontam para uma crescente sensação de descaracterização e perda de autenticidade da zona (62,5%), revelando que os efeitos do turismo ultrapassam a esfera económica, atingindo também dimensões culturais e sociais. Embora questões como o ruído, a produção de lixo e a falta de privacidade sejam também referidas, surgem com menor destaque, o que reforça a ideia de que a principal inquietação dos residentes está ligada à alteração profunda do quotidiano e à pressão sobre os recursos locais. A total ausência de respostas nas opções “Não considero que o turismo cause problemas” e “Não sei / Sem opinião” reforça ainda mais a unanimidade das preocupações identificadas, refletindo um sentimento coletivo de desconforto perante os efeitos do turismo de massas.

Gráfico 10 *Impactos Negativos do Turismo na Sé*

Quais são, na sua opinião, os principais problemas ou incómodos associados ao turismo na Sé?

32 respostas



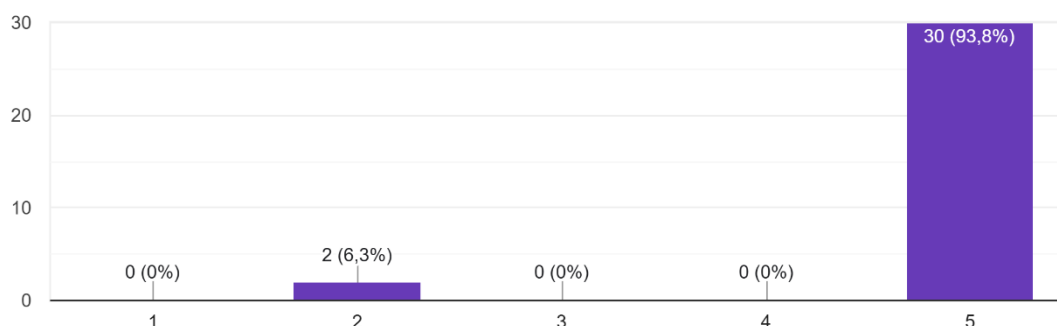
Fonte: Elaboração própria.

Dando continuidade à investigação, procede-se à análise das questões de cariz fechado, nas quais a escala de respostas varia de 1 a 5, correspondendo respetivamente a: 1 – discordo totalmente, 2 – discordo, 3 – nem concordo nem discordo, 4 – concordo e 5 – concordo totalmente. Primeiramente, observa-se que a grande maioria dos residentes (93,8%) concorda totalmente que existe um elevado número de turistas na freguesia da Sé, enquanto apenas 6,3% (2 inquiridos) discordam dessa afirmação. A elevada concordância dos residentes quanto à presença significativa de turistas na freguesia da Sé evidencia que o turismo é um fenómeno marcante e inegável na vivência quotidiana da comunidade local.

Gráfico 11 *Considera que há muitos turistas na Sé?*

Considera que há muitos turistas na Sé?

32 respostas

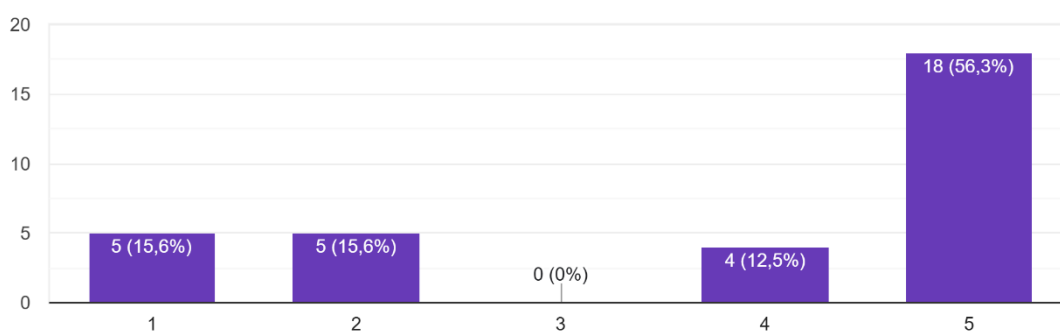


Fonte: Elaboração própria.

O gráfico relativo à influência do turismo no uso dos espaços públicos da freguesia da Sé evidencia uma perceção amplamente negativa do impacto do fenómeno turístico. A maioria dos inquiridos (56,3%) concorda totalmente que o turismo alterou a forma como utilizam as praças, ruas ou cafés da freguesia, sendo que outros 12,5% manifestam concordância parcial. Em contrapartida, 31,2% discorda dessa influência, e não se verificaram respostas neutras. Estes dados sugerem uma reconfiguração sentida da vivência do espaço urbano, com possíveis implicações na qualidade de vida dos residentes e no sentido de pertença ao território.

Gráfico 12 *O turismo influencia a forma como utiliza os espaços públicos na Sé?*

O turismo influencia a forma como usa os espaços públicos na Sé (ex: praças, ruas, cafés)?
32 respostas



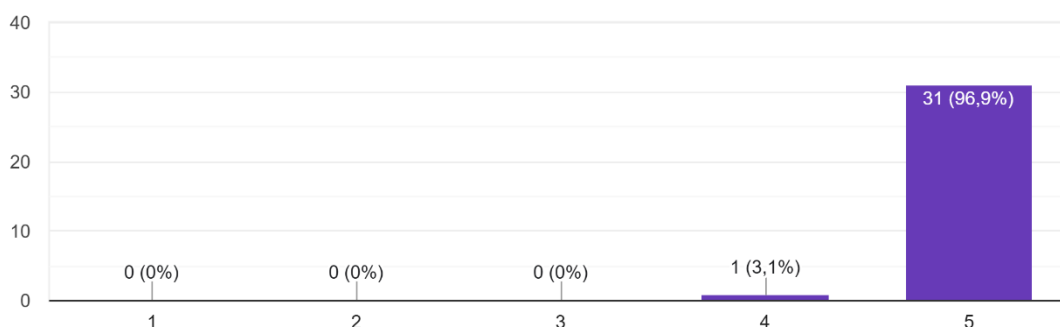
Fonte: Elaboração própria.

Posteriormente, destaca-se o forte sentimento de pertença à Sé, não apenas enquanto residentes, mas também como parte integrante e extensão do bairro. Cerca de 96,6% dos inquiridos continuam a sentir-se profundamente ligados à Sé, expressando esse vínculo com orgulho. Durante as entrevistas presenciais, foi notável a mudança de tom ao falarem deste aspeto, evidenciando que o turismo, apesar dos seus impactos, não diminuiu esse sentimento de orgulho e identificação com o território.

Gráfico 13 *Continua a sentir-se ligado(a) à Sé como residente?*

Continua a sentir-se ligado(a) à Sé como residente?

32 respostas



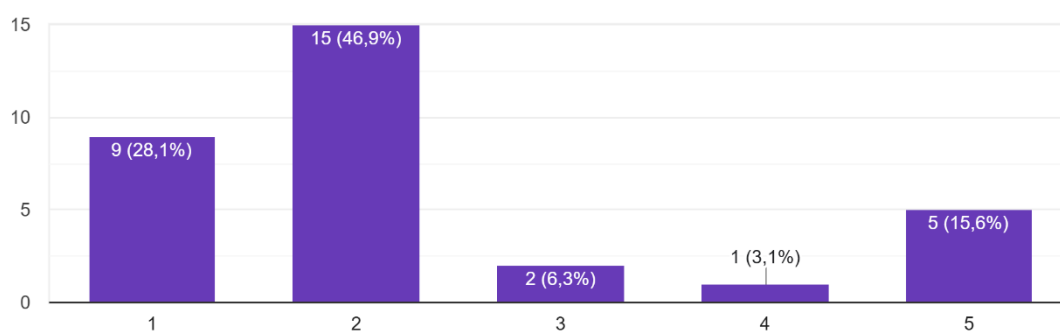
Fonte: Elaboração própria.

O gráfico que analisa a percepção da influência do turismo nas relações de vizinhança e no espírito de comunidade da Sé mostra uma tendência para a percepção de impacto negativo. Embora 15 inquiridos (46,9%) tenham atribuído a nota 2, indicando um impacto moderado, e 9 (28,1%) tenham discordado totalmente (nota 1), apenas 5 pessoas (15,6%) consideram que o turismo influencia esse espírito comunitário. Estes dados sugerem que, para a maioria dos residentes, o turismo contribui para um certo enfraquecimento dos laços entre vizinhos, afetando negativamente a vivência tradicional da freguesia.

Gráfico 14 *Relação entre vizinhos e comunidade da Sé*

Acredita que o turismo influencia a relação entre vizinhos e o espírito de comunidade da Sé?

32 respostas



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico relativo à percepção do impacto do turismo na habitação, revela uma opinião amplamente consensual entre os inquiridos. A grande maioria, 81,3% (26 pessoas), atribuiu a nota máxima (5) à afirmação de que o turismo tem dificultado o acesso ou a

permanência na habitação na freguesia da Sé, enquanto 6,3% atribuíram a nota 4. Em contraste, apenas 9,4% (3 pessoas) manifestaram discordância ao atribuir a nota 1, sendo que as classificações 2 e 3 foram escolhidas por apenas 3,1% e 0% dos participantes, respetivamente. Estes resultados evidenciam uma perceção dominante de que o turismo exerce uma forte pressão sobre o mercado habitacional local, o que poderá estar associado à valorização dos preços das rendas, à substituição de habitação permanente por unidades de alojamento local e à redução da oferta habitacional acessível para os residentes.

Gráfico 15 *Turismo tem dificultado o acesso ou permanência na habitação na Sé?*



Fonte: Elaboração própria.

Opiniões abertas relativas à convivência com o fenómeno turístico

Foram recolhidas 32 respostas à questão “Considera-se a favor ou contra o crescimento do turismo na Sé? Porquê?”, que revelam uma diversidade de opiniões entre os residentes. Uma parte significativa reconhece os benefícios do turismo, sobretudo no que diz respeito ao aumento do comércio local e à criação de postos de trabalho, considerados fundamentais para a revitalização da zona histórica. Alguns residentes referem que o turismo “cria mais emprego e é bom ver pessoas de todo o mundo a encher as ruas da Sé”. Outros destacam que o turismo traz “mais vida e alegria” ao bairro, contribuindo para a sua visibilidade e dinamismo. Vários participantes salientam que, sem turistas, “as ruas ficavam vazias” e a Sé perderia o seu movimento e vitalidade. Contudo, há quem defenda que o crescimento do turismo deve ser acompanhado de uma gestão controlada, de modo a evitar efeitos indesejados.

Por outro lado, vários residentes manifestam preocupações significativas relativamente aos impactos negativos do turismo. A principal crítica prende-se com o fenómeno do

“overtourism” e a consequente perda de identidade local, expressa em comentários como “estão a roubar as nossas raízes e tradições” e “o turismo está a expulsar os moradores”. A pressão exercida pelo alojamento local é destacada como um fator determinante no deslocamento da população tradicional, gerando um sentimento de exclusão e ameaça à continuidade da comunidade residente. A saturação de pessoas e o aumento dos preços são também motivos de insatisfação, ilustrados por expressões como “demasiadas pessoas” e “os preços aumentaram e está cheio de alojamentos locais”.

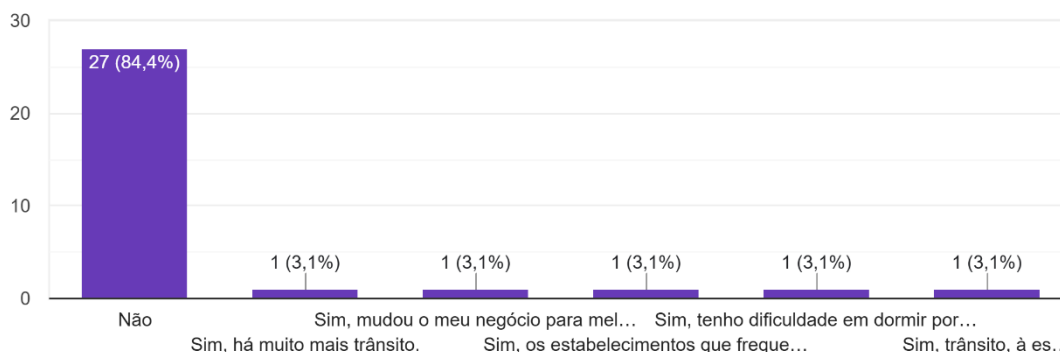
Por fim, uma pequena parte dos inquiridos assume uma posição neutra ou indiferente, reconhecendo tanto aspetos positivos como negativos, ou referindo não ter opinião clara sobre o tema. Alguns afirmam estar “nem contra nem a favor”, mas admitem que, na ausência do turismo, “as ruas ficariam vazias”. Esta neutralidade reflete uma perceção ambivalente, resultado da complexidade do fenómeno e das múltiplas consequências na vida local. Em suma, estas opiniões refletem a natureza multifacetada do turismo urbano na Sé, evidenciando que, apesar dos benefícios económicos e sociais, persistem preocupações legítimas relacionadas com a gentrificação, perda de identidade e pressão sobre a habitação, reforçando a necessidade de um equilíbrio sustentável entre turismo e vida local.

Relativamente à questão sobre se o turismo provocou alguma mudança na rotina ou qualidade de vida dos residentes, 27 dos inquiridos responderam negativamente (84,4%), indicando que, na sua perspetiva, a sua vida quotidiana não foi significativamente alterada pelo fenómeno turístico. No entanto, algumas respostas apontam para impactos específicos e negativos sentidos por uma minoria. Foram mencionados aspetos como o aumento do trânsito, dificuldade em dormir devido ao barulho, alterações no comércio local — nomeadamente o encerramento de estabelecimentos frequentados pelos residentes e a predominância de negócios direcionados exclusivamente para turistas —, bem como a superlotação de transportes públicos e supermercados. Estas respostas indicam que, embora a maioria não percecionasse mudanças substanciais na sua rotina, existem efeitos concretos que afetam a qualidade de vida de alguns moradores, sobretudo relacionados com a sobrecarga dos serviços e a transformação do espaço comercial e urbano.

Gráfico 16 O turismo provoca mudanças na rotina ou qualidade de vida?

O turismo provocou alguma mudança na sua rotina ou qualidade de vida? Se sim, qual?

32 respostas



Fonte: Elaboração própria.

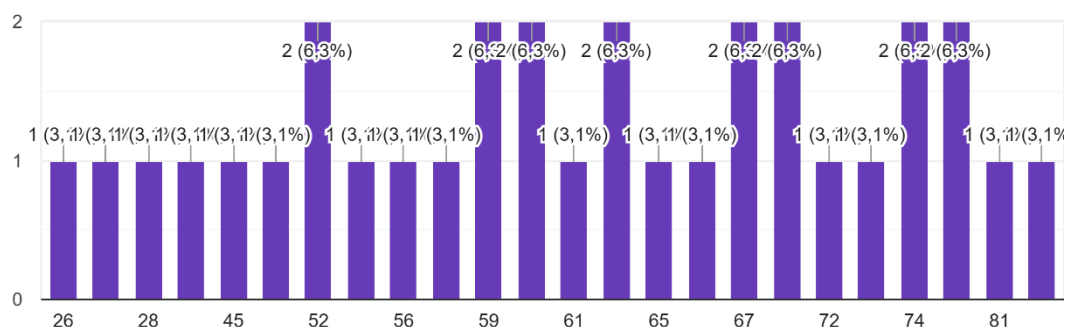
Características sociodemográficas

A amostra apresenta idades entre os 26 e os 86 anos, com predominância de participantes acima dos 50 anos. Esta concentração em faixas etárias mais elevadas pode indicar uma maior ligação ao território e uma percepção mais crítica das mudanças provocadas pelo turismo. A presença de alguns inquiridos entre os 26 e os 40 anos traz alguma diversidade geracional, embora a ausência de jovens até aos 25 anos possa ser vista como uma limitação na representação da população mais jovem.

Gráfico 17 Idade

Idade

32 respostas

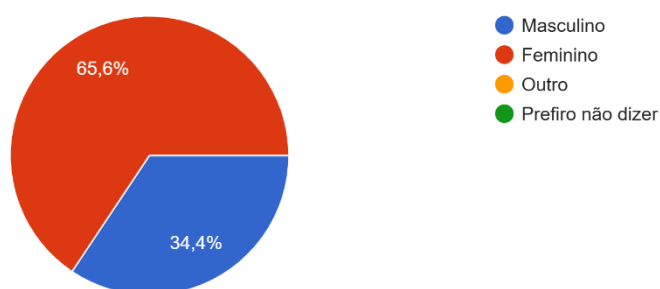


Fonte: Elaboração própria.

Conforme representado no gráfico circular, observa-se que a maioria dos inquiridos se identifica com o género feminino, representando 65,6% da amostra. Por sua vez, 34,4% identificam-se com o género masculino. Não foram registadas respostas nas categorias “Outro” ou “Prefiro não dizer”, o que revela uma identificação binária predominante entre os participantes.

Gráfico 18 **Género**

Género
32 respostas

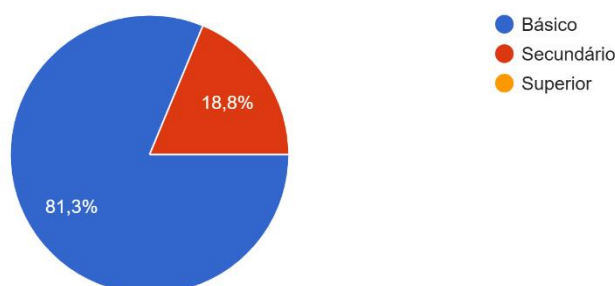


Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito ao nível de escolaridade, a esmagadora maioria dos participantes, 81,3%, declarou ter como habilitação máxima o ensino básico. Apenas 18,8% indicaram ter completado o ensino secundário, enquanto nenhum dos inquiridos referiu possuir formação de nível superior. Estes dados evidenciam um perfil educacional maioritariamente concentrado nos níveis mais elementares de ensino.

Gráfico 19 **Nível de Escolaridade**

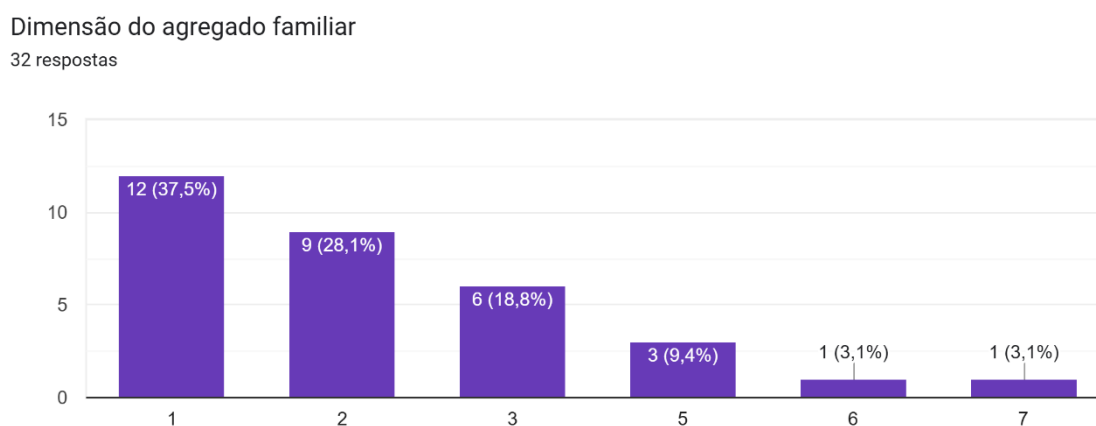
Nível de escolaridade
32 respostas



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico de barras verticais revela que a maioria dos 32 inquiridos vive em agregados familiares de pequena dimensão, destacando-se os núcleos unipessoais (37,5%) e os de duas pessoas (28,1%). Agregados com três elementos representam 18,8%, enquanto os restantes 15,6% distribuem-se por famílias de quatro a sete membros, sendo estas situações menos comuns. Estes dados evidenciam uma prevalência de lares reduzidos ou individuais.

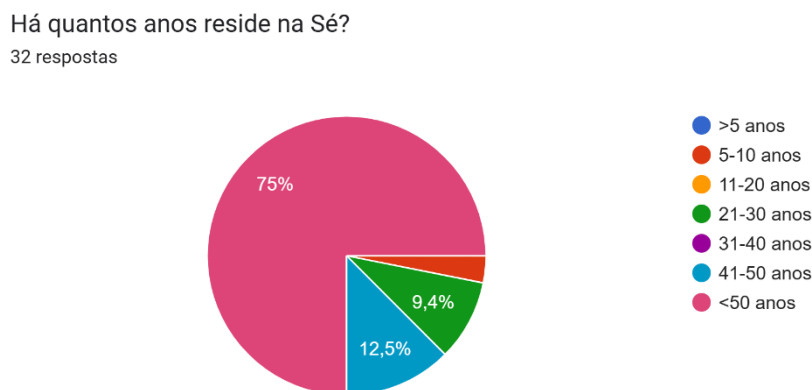
Gráfico 20 *Dimensão do agregado familiar*



Fonte: Elaboração própria.

O último gráfico, mostra que os 32 inquiridos apresentam um elevado grau de estabilidade residencial na freguesia da Sé: 75% residem no local há mais de 50 anos, 12,5% há entre 41 e 50 anos, 9,4% entre 31 e 40 anos e apenas 3,1% há 21 a 30 anos, não se registando qualquer caso de residência inferior a 20 anos. Este padrão evidencia uma forte ligação ao território e um enraizamento comunitário significativo, sugerindo uma população maioritariamente envelhecida e socialmente consolidada.

Gráfico 21 *Há quantos anos reside na Sé?*



6.5.1 Discussão dos Resultados

A análise dos dados recolhidos pelos questionários aplicados na freguesia da Sé, apresentada na secção 6.5, deve ser interpretada à luz da revisão de literatura, em especial dos capítulos 3 e 4, que abordam os impactos do “overtourism” e a perceção dos residentes relativamente a esses fenómenos. Esta leitura cruzada permite confirmar ou contrastar as perceções expressas com os efeitos identificados na literatura, nomeadamente em relação à gentrificação, qualidade de vida, pressão imobiliária, desertificação e perda de identidade local.

A perceção generalizada de dificuldade no acesso à habitação (87,6% dos inquiridos atribuíram nota 4 ou 5 a essa afirmação) confirma os alertas teóricos sobre os efeitos da *turistificação* na função habitacional dos centros históricos. Muitos residentes relataram aumentos no custo de vida e dificuldades de acesso à habitação, confirmando os impactos discutidos por Colomb e Novy (2017), bem como por Yrigoy (2016), relativamente à gentrificação e à pressão imobiliária. A conversão de residências para Alojamento Local — frequentemente por via de plataformas como o Airbnb — reflete uma perda de habitação acessível e a substituição da função residencial por fins lucrativos, tendência evidente em contextos urbanos sujeitos a forte *turistificação*.

A escassez de respostas obtidas (32 válidas) constitui, por si só, um dado empírico ilustrativo do fenómeno de desertificação habitacional. Esta limitação quantitativa não é meramente técnica, mas reflexo da escassez de residentes permanentes — realidade confirmada pelas perceções recolhidas. A maioria dos inquiridos vive na zona há mais de 50 anos, o que denuncia um bairro envelhecido e em declínio demográfico, vulnerável à expulsão silenciosa das suas comunidades tradicionais. Como apontam Perkins e Thorns (2017), a *turistificação* compromete a continuidade cultural dos territórios e contribui para a erosão da identidade local. As respostas revelam ainda que muitos edifícios foram reconvertidos para fins turísticos, acentuando a desertificação e descaracterização da freguesia.

O impacto do turismo na qualidade de vida foi igualmente salientado. Cerca de 90,6% dos residentes indicaram aumento do ruído, maior circulação de pessoas e dificuldades acrescidas de mobilidade, fatores que perturbam o quotidiano e comprometem a vivência comunitária. A perda de comércio tradicional e a sensação de descaracterização

(mencionada por 62,5% dos inquiridos) apontam para uma deterioração dos modos de vida e das redes de vizinhança. Estes efeitos alinham-se com as conclusões de Koens et al. (2018), que identificam o “overtourism” como um agente de fragmentação social e de distanciamento emocional face ao território.

Contudo, nem todas as perceções foram exclusivamente negativas. Alguns residentes destacaram benefícios do turismo, como o aumento do comércio local (78,1%), a valorização do património (65,6%) e a criação de emprego (59,4%). Estas opiniões ilustram a dualidade apontada pela Teoria da Troca Social (SET), segundo a qual os residentes ponderam custos e benefícios na sua avaliação do turismo. O sentimento de pertença à freguesia da Sé, reforçado por 96,6% dos inquiridos, também revela resiliência identitária, mesmo perante as pressões da *turistificação*.

As implicações destes resultados para as políticas públicas e estratégias de gestão urbana são claras. A literatura e os dados empíricos apontam para a necessidade de uma gestão participativa e sensível aos contextos locais. Colomb e Novy (2017) defendem a inclusão ativa dos residentes na definição das políticas turísticas, como forma de mitigar os efeitos adversos da *turistificação*. A regulação do alojamento local surge como medida prioritária para evitar a expulsão dos residentes tradicionais.

Além disso, é fundamental adotar medidas que promovam a preservação da identidade cultural local, promovendo um turismo mais respeitador e sustentável. O capítulo 4 da presente dissertação sublinha a importância de estabelecer limites operacionais, assegurar a monitorização contínua dos impactos sociais e adaptar as políticas em função das mudanças observadas. A integração de indicadores sociais, económicos e percecionais (conforme proposto por redes como a INSTO (da OMT) permite uma avaliação mais abrangente e dinâmica dos efeitos do turismo urbano.

Em suma, a análise empírica confirma de forma consistente os efeitos negativos do “overtourism” discutidos na literatura especializada. A freguesia da Sé encontra-se num ponto crítico, onde o crescimento turístico — se não for devidamente regulado — poderá acelerar a substituição social, cultural e económica da sua população. Torna-se, assim, essencial adotar uma abordagem de planeamento urbano integrada, participativa e adaptativa, orientada para o equilíbrio entre dinamização económica e justiça territorial.

6.6 Limitações e Desafios

A fase empírica desta investigação enfrentou vários desafios, sobretudo ao nível do acesso aos residentes e da recolha efetiva de dados no terreno. A aplicação dos questionários decorreu nas ruas de São Sebastião, Pena Ventosa e das Aldas, zonas marcadas por uma população envelhecida, com reduzida densidade habitacional e forte retraimento face a abordagens externas. A existência de laços familiares na zona revelou-se decisiva para a viabilidade do estudo. Sem esse elemento de proximidade, a recolha de informação teria sido extremamente difícil, dada a desconfiança inicial demonstrada por muitos moradores, alguns dos quais chegaram a supor que se tratava de uma ação promovida pela Câmara Municipal do Porto. Só após uma explicação cuidada é que foi possível clarificar que o trabalho se inseria numa investigação académica.

O contacto direto com os residentes revelou-se um processo sensível e exigente, sobretudo porque grande parte da população é idosa e vive há mais de 50 anos na mesma casa, num contexto marcado pela forte ligação ao território. Notou-se uma certa resistência à participação, mitigada pelo reconhecimento de vínculos familiares com a investigadora, o que facilitou a criação de um ambiente de confiança. Ainda assim, o processo exigiu uma abordagem paciente, tendo sido necessário deslocar-me em dias diferentes para encontrar moradores disponíveis, o que prolongou o tempo de aplicação do questionário. Embora a maioria dos residentes tenha compreendido bem as perguntas, foi necessário, em alguns casos, adaptar a linguagem do questionário, especialmente junto de pessoas com menor literacia ou idade avançada.

No plano temático, apesar de alguns moradores se manifestarem claramente contra o turismo e os seus efeitos no bairro, não houve resistência em expressar opiniões — pelo contrário, alguns aproveitaram a oportunidade para partilhar experiências pessoais e desabafos. O tema do alojamento local, por exemplo, não gerou constrangimentos na abordagem, o que facilitou a recolha de dados ricos e reveladores.

Outra limitação relevante deste estudo prende-se com a ausência de interação direta com o poder institucional local, nomeadamente a Câmara Municipal do Porto, a Junta de Freguesia e entidades ligadas ao turismo, como a Turismo Porto e Norte de Portugal (TPNP). Apesar de termos tentado estabelecer contacto com a União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, não obtivemos resposta às nossas solicitações, e quando nos dirigimos presencialmente às instalações, não

conseguimos obter o apoio ou a informação necessária para a investigação. Estes atores desempenham um papel central na gestão e regulação do território e do fenómeno turístico, pelo que a sua participação teria enriquecido a análise, sobretudo no que respeita às políticas públicas e estratégias de desenvolvimento local. Para além disso, teria sido importante incluir no estudo entrevistas ou questionários dirigidos aos proprietários de alojamento local, de modo a compreender melhor os processos de chegada, instalação e impacto da atividade no bairro. A sua ausência limita a perceção global do fenómeno, restringindo o foco às perspetivas dos residentes, embora essenciais, e deixando de fora a visão dos agentes diretamente envolvidos na transformação do território.

Em síntese, embora o número reduzido de residentes represente uma limitação estrutural — já que a amostra é necessariamente condicionada pela realidade demográfica local — o estudo beneficiou de um envolvimento direto e próximo com a comunidade, possibilitando um retrato qualitativo fiel das perceções locais face ao turismo. Estes desafios metodológicos, longe de fragilizarem o estudo, permitiram também compreender a dificuldade de acesso ao território em contextos marcados pela erosão comunitária e desconfiança— elementos que, por si só, ilustram os efeitos sociais do fenómeno turístico que aqui se analisa.

6.7 Conclusão do Capítulo

A etapa prática da presente investigação consistiu na aplicação de um questionário a 32 residentes permanentes das ruas de São Sebastião, Pena Ventosa e das Aldas, freguesia da Sé, no Porto. Esta amostra, representando uma parte significativa do universo total estimado (cerca de 41 moradores), foi recolhida com recurso a amostragem por conveniência, viabilizada através de laços familiares e proximidade com a comunidade local. As perguntas, maioritariamente fechadas e complementadas com questões abertas, permitiram recolher dados relevantes sobre a perceção dos residentes em relação aos impactos do turismo urbano.

A análise combinou estatística descritiva simples com análise de conteúdo qualitativa, possibilitando uma leitura detalhada das opiniões expressas. Esta abordagem de métodos mistos, como defendem Creswell e Plano Clark (2017), revelou-se essencial para compreender tanto a amplitude como a profundidade do fenómeno estudado, permitindo cruzar os dados empíricos com os pressupostos teóricos abordados na revisão da literatura.

A etapa empírica revelou-se determinante na estrutura global da investigação, ao oferecer um retrato próximo e autêntico das vivências de uma comunidade fortemente marcada pelo despovoamento, envelhecimento e transformação urbana induzida pelo turismo. A percepção dos moradores da Sé é, na sua maioria, crítica em relação aos efeitos do turismo, apontando problemas como a gentrificação, o aumento do custo de vida, a reconversão habitacional para Alojamento Local, a perda de vizinhança e identidade local, bem como o aumento do ruído e da movimentação diária, fatores que afetam diretamente a qualidade de vida.

Apesar de haver consenso quanto à existência de impactos negativos, alguns residentes reconhecem benefícios pontuais, como o aumento do comércio, a reabilitação de edifícios ou a criação de postos de trabalho. Esta dualidade de opiniões confirma o que a literatura aponta como percepção dual, segundo a Teoria da Troca Social (SET), onde os indivíduos pesam os custos e os ganhos na sua avaliação global do turismo.

Assim, esta etapa prática não só permitiu validar empiricamente muitos dos efeitos discutidos na literatura, como também deu voz a uma comunidade frequentemente ignorada nos processos de planeamento urbano. Os dados recolhidos sustentam a necessidade urgente de uma abordagem mais integrada, participativa e territorialmente justa na gestão do turismo urbano, constituindo uma ponte direta para as conclusões gerais da dissertação, onde serão propostas diretrizes estratégicas com base nas evidências obtidas.

7. Conclusão

A presente dissertação teve como objetivo central compreender a percepção dos moradores da freguesia da Sé, no Porto, sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida. A partir desta pergunta de investigação, e com base numa abordagem qualitativa de carácter exploratório, procurou-se dar voz a uma comunidade residente profundamente afetada pelas dinâmicas do turismo urbano e pelos efeitos do fenómeno de “overtourism”.

Os dados recolhidos revelam que a maioria dos residentes reconhece uma presença elevada e crescente de turistas na freguesia, percecionando efeitos diretos no seu quotidiano. Estes impactos manifestam-se sobretudo na alteração da rotina diária, na pressão sobre os espaços públicos, no aumento do custo de vida e na perda de vínculos comunitários. Muitos participantes expressaram ainda sentimentos de desconforto, saturação e até abandono por parte das autoridades, considerando que as necessidades dos moradores têm sido sistematicamente desvalorizadas face aos interesses do setor turístico.

Verificaram-se tanto consensos como divergências nas perceções recolhidas. Se por um lado existe um reconhecimento generalizado dos efeitos negativos do turismo – particularmente ao nível da habitação e da vivência local – por outro, algumas respostas destacam também benefícios associados, como a revitalização do comércio, a melhoria de infraestruturas ou o sentimento de orgulho em ver o bairro valorizado externamente. Esta dualidade reforça a complexidade do fenómeno, e a importância de adotar uma leitura situada e plural das experiências dos moradores.

Estes resultados vão ao encontro da literatura científica sobre “overtourism”, que sublinha a necessidade de integrar as perspetivas das comunidades locais na formulação de estratégias turísticas sustentáveis. A percepção dos residentes não é apenas um indicador subjetivo, mas constitui uma ferramenta essencial para aferir a capacidade de carga social dos territórios e para antecipar tensões, conflitos ou rejeições futuras ao turismo. Tal como defendem autores como Novy e Colomb (2017) ou Milano et al. (2020), sem o envolvimento ativo das comunidades, dificilmente se alcançará um modelo turístico justo e resiliente.

Com base nos testemunhos recolhidos, surgem algumas recomendações importantes. Entre elas destaca-se a necessidade de uma regulação mais equilibrada do alojamento local, o controlo da especulação imobiliária, a proteção do comércio tradicional e a criação de mecanismos que promovam a participação dos moradores nas decisões sobre

o futuro da freguesia. Algumas propostas concretas apontadas pelos entrevistados incluem a definição de limites ao número de turistas e o incentivo à fixação de população permanente através de apoios à habitação.

Este estudo contribui, assim, para o aprofundamento do debate académico em torno do “overtourism”, ao centrar-se num território específico, marcado por fragilidades demográficas e simbólicas. Ao privilegiar a escuta dos residentes, oferece uma perspetiva que, muitas vezes, é marginalizada nas análises tradicionais sobre turismo urbano. Através da análise empírica da freguesia da Sé, a dissertação propõe uma leitura crítica do turismo como fenómeno ambivalente e sugere caminhos para uma gestão mais participativa, sensível ao território e orientada para o bem-estar coletivo.

Como qualquer investigação, este estudo apresenta também limitações. Desde logo, a dimensão reduzida da amostra, condicionada pelo despovoamento da zona e pela dificuldade de acesso a alguns moradores, impõe cautela na generalização dos resultados. A opção metodológica por entrevistas e questionários presenciais privilegia a profundidade, mas não permite extrapolar tendências estatísticas mais amplas. Além disso, não foram considerados neste trabalho os pontos de vista dos agentes turísticos ou das autoridades locais, o que poderá ser explorado em investigações futuras.

Nesse sentido, recomenda-se o alargamento do estudo a outras freguesias do Porto ou a outras cidades afetadas pelo “overtourism”, integrando múltiplos atores urbanos e diferentes escalas de análise. Seria também pertinente desenvolver estudos longitudinais que acompanhem a evolução das perceções dos residentes ao longo do tempo, bem como projetos de investigação-ação que envolvam diretamente as comunidades locais na construção de soluções para os desafios do turismo urbano.

Em suma, esta dissertação pretende contribuir para um debate mais equilibrado e informado sobre o turismo nas cidades, colocando no centro da análise as vozes daqueles que habitam os territórios transformados pela lógica turística. Reconhecer essas vozes é um passo fundamental para garantir que o turismo, enquanto atividade económica e cultural, possa ser não apenas fonte de desenvolvimento, mas também de justiça urbana e de coesão social.

Referências Bibliográficas

- A Mensagem. (30 de Março de 2023). *Crise da habitação em Lisboa leva movimentos cívicos à rua. “Temos de agir agora”*. Obtido de <https://amensagem.pt/2023/03/30/habitacao-crise-lisboa-casas-jovens-movimentos-civicos-grupos-manifestacao-pessoas-futuro-sair-rua>
- Acampa, G., Grasso, M., Marino, G., & Parisi, C. (2020). Tourist flow management: Social impact evaluation through social network analysis. . *Sustainability*, 12(2), 731.
- Afonso, D. (03 de Novembro de 2023). *Porto: Cidade de Turismo*. Obtido de Norte: <https://norte.pt/index.php/2023/11/03/porto-cidade-de-turismo/>
- Agyeiwaah, E. (2020). Over-tourism and sustainable consumption of resources through sharing: The role of government. *International Journal of Tourism Cities*, 6(1), 99-116.
- Akdu, U., & Ödemiş, M. (2018). Examining the impacts of tourism on Gumushane residents according to the Doxey Index. . *Turizm Akademik Dergisi*, 5(2), 33-45.
- Alegre, J., Cladera, M., & Sard, M. (2011). Analysing the influence of tourist motivations on tourist expenditure at a sun-and-sand destination. . *Tourism economics*, 17(4), 813-832. .
- Almeida, F., & Silva, O. (2020). The impact of COVID-19 on tourism sustainability: Evidence from Portugal. *Advances in Hospitality and Tourism Research (AHTR)*, 8(2), 440-446.
- Almeida-García, F., Cortés-Macías, R., & Parzych, K. (2021). Tourism impacts, tourism-phobia and gentrification in historic centers: The cases of Málaga (Spain) and Gdansk (Poland). . *Sustainability*, 13(1), 408. .
- Almeyda-Ibáñez, M., & George, B. (2017). The evolution of destination branding: A review of branding literature in tourism. . *Journal of Tourism, Heritage & Services Marketing*, 3(1), 9-17.
- Alvarez-Sousa, A. (2018). The problems of tourist sustainability in cultural cities: Socio-political perceptions and interests management. . *Sustainability*, 10(2), 503.

- Alves, L. R. (2016). Região, urbanização e polarização. . *Economia & desenvolvimento regional*, 41-45. .
- ANA. (13 de Março de 2024). *Aeroporto do Porto volta a ser premiado como melhor aeroporto europeu pelos passageiros*. Obtido de NewsRoom ANA : <https://pt.newsroom.ana.pt/news/aeroporto-do-porto-volta-a-ser-premiado-pelos-passageiros-c99d-4a6c7.html>
- Andereck, K., & Vogt, C. (2000). The relationship between residents' attitudes toward tourism and tourism development options. . *Journal of Travel research*, 39(1), 27-36.
- Aquino, E., Silveira, I., Pescarini, J., Aquino, R., Souza-Filho, J., Rocha, A., & Lima, R. (2020). Social distancing measures to control the COVID-19 pandemic: potential impacts and challenges in Brazil. *Ciencia & saude coletiva*, 25, 2423-2446.
- Avond, G., Bacari, C., Limea, I., Seraphin, H., Gowreesunkar, V., & Mhanna, R. (2019). Overtourism: a result of the Janus-faced character of the tourism industry. . *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 11(5), 552-565.
- Azevedo, F. (2010). O papel do sector do turismo na reabilitação urbana da baixa do Porto. .
- Balibrea, M. (2003). Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial. *Revista crítica de ciências sociais*, (67), 31-54.
- Barbier, E., & Burgess, J. (2020). Sustainability and development after COVID-19. . *World development*, 135, 105082. .
- Bernardo, F., Almeida, J., & Martins, C. (2017). Urban identity and tourism: different looks, one single place. . *Proceedings of the Institution of Civil Engineers-Urban Design and Planning*, 170(5), 205-216.
- Bertocchi, D., & Camatti, N. (2022). Tourism in Venice: mapping overtourism and exploring solutions. *In A research agenda for urban tourism* , (pp. 107-125). Edward Elgar Publishing.
- Blanchar, C. (25 de Novembro de 2016). *Barcelona ramps up pressure on Airbnb with €600,000 fine*. Obtido de English El Pais :

https://english.elpais.com/elpais/2016/11/25/inenglish/1480078364_397625.htm
l?

- Blanco-Romero, A., Blázquez-Salom, M., & Cànoves, G. (2018). Barcelona, housing rent bubble in a tourist city. Social responses and local policies. . *Sustainability*, 10(6), 2043.
- Bogart, D., You, X., Alvarez-Palau, E. J., Satchell, M., & Shaw-Taylor, L. (2022). Railways, divergence, and structural change in 19th century England and Wales. *Journal of Urban Economics*, 128, 103390.
- Brendon, P. (1991). Thomas Cook: 150 years of popular tourism. (p. 372pp).
- Bresson, G., & Logossah, K. (2011). Crowding-out effects of cruise tourism on stay-over tourism in the Caribbean: Non-parametric panel data evidence. . *Tourism Economics*, 17(1), 127-158.
- Brodsky-Porges, E. (1981). The grand tour travel as an educational device 1600–1800. *Annals of tourism research*, 8(2), 171-186.
- Buitrago, E., & Yñiguez, R. (2021). Measuring overtourism: A necessary tool for landscape planning. . *Land*, 10(9), 889.
- Burkart, A. (1981). *Tourism: Past, Present and Future*. London: Heinemann.
- Butler, R. (2009). Tourism in the future: Cycles, waves or wheels? *Futures*, 41(6), 346-352.
- Butler, R. W. (1975). Tourism as an agent of social change. . *In Proceedings of the international geographical union's working group on the geography of tourism and recreation.*, (pp. 85-90) .
- Butler, R. W. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution: Implications for management of resources. . *Canadian geographer*, 24(1), 5-12. .
- Butler, R. W. (2009). Tourism destination development: Cycles and forces, myths and realities. . *Tourism Recreation Research*, 34(3), 247-254.
- Butler, R. W., & Russell, R. (2010). *Giants of tourism*. CABI.

- Çakar, K. (2018). Experiences of visitors to Gallipoli, a nostalgia-themed dark tourism destination: An insight from TripAdvisor. . *International Journal of Tourism Cities*, 4(1), 98-109.
- Calle-Vaquero, M., Garcia-Hernandez, M., & Mendoza de Miguel, S. (2020). Urban planning regulations for tourism in the context of overtourism. Applications in historic centres. *Sustainability*, 13(1), 70.
- Câmara Municipal de Barcelona . (2025). *La Barcelona contemporània*. Obtido de barcelona.cat: <https://www.barcelona.cat/ca/coneixbcn/la-historia/la-barcelona-contemporania>
- Câmara Municipal de Barcelona . (2025). *PEUAT- Plan especial urbanístico de alojamientos turísticos*. Obtido de Ajuntament Barcelona: <https://ajuntament.barcelona.cat/pla-allotjaments-turistic/es?>
- Câmara Municipal de Lisboa. (12 de Dezembro de 2024). *Taxa municipal turística*. Obtido de <https://informacoeseservicos.lisboa.pt/servicos/detalhe/taxa-municipal-turistica>
- Câmara Municipal do Porto . (2025). *Taxa Municipal Turística do Porto*. Obtido de CMP: <https://comercioturismo.cm-porto.pt/alojamento-local/taxa-municipal-turistica-do-porto>
- Câmara Municipal do Porto . (2025). *Urbanismo* . Obtido de CMP: <https://www.cm-porto.pt/urbanismo/urbanismo>
- Câmara Municipal do Porto. (2023). *Vencedor World Travel Awards*. Obtido de Comércio e Turismo Câmara do Porto: <https://comercioturismo.cm-porto.pt/turismo/vencedor-world-travel-awards>
- Câmara Municipal do Porto. (Junho de 2025). *História da cidade*. Obtido de Website institucional da CMP: <https://www.cm-porto.pt/historia-da-cidade>
- Capuzzo, E. (2020). War tourism in Italy (1919–1939). *Inter and Post-war Tourism in Western Europe, 1916–1960*, 35-63.
- Cardoso, C., & Silva, M. (2018). Residents’ perceptions and attitudes towards future tourism development: A challenge for tourism planners. . *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 10(6), 688-697.

- Carvalho, L., Chamusca, P., Fernandes, J., & Pinto, J. (2019). Gentrification in Porto: floating city users and internationally-driven urban change. . *Urban Geography*, 40(4), 565-572.
- Catalonia. (14 de Janeiro de 2019). *Barcelona's airport reaches all-time best 50 million passengers in 2018*. Obtido de Catalonia Trade & Investment : <https://catalonia.com/w/barcelona-s-airport-reaches-all-time-best-50-million-passengers-in-2018?>
- Chaney, D., & Séraphin, H. (2023). A systematic literature review and lexicometric analysis on overtourism: Towards an ambidextrous perspective. . *Journal of Environmental Management*, 347, 119123.
- Christou, P. (2022). *Tourism during the Late Modern Period (1750-1945)*. CABI.
- Christou, P. A. (2022). *Tourism during the Contemporary Period (1945-early 2020s)*. CABI.
- Città di Venezia. (2024). *Enjoy Respect Venezia*. Obtido de Venezia Unica: <https://events.veneziaunica.it/it/venezia-sostenibile/enjoy-respect-venezia>
- Città di Venezia. (13 de Março de 2025). *Contributo di accesso 2025: è online il portale per prenotare, effettuare il pagamento e richiedere le esenzioni*. Obtido de Comune Venezia: <https://live.comune.venezia.it/it/2025/03/online-il-portale-il-contributo-di-accesso-2025-da-oggi-possibile-prenotare-effettuare-il>
- Città Metropolitana di Venezia. . (2024). *I comuni della Città Metropolitana di Venezia-Comuni di Venezia* . Obtido de Venezia Citta Metropolitana: <https://veneziacittametropolitana.it/comuni/venezia/>
- Collins-Kreiner, N., & Ram, Y. (2021). National tourism strategies during the Covid-19 pandemic. . *Annals of tourism research*, 89, 103076. .
- Čorak, S., Živoder, S., & Marušić, Z. (2020). Opportunities for tourism recovery and development during and after COVID-19: Views of tourism scholars versus tourism practitioners. *Tourism: An International Interdisciplinary Journal*, 68(4), 434-449.

- Costa, C. (1996). Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of tourism planning and development at the regional level: planning, organisations and networks; the case of Portugal (Doctoral dissertation, University of Surrey).
- Costa, C. (2005). Turismo e cultura: avaliação das teorias e práticas culturais do sector do turismo (1990-2000). . *Análise Social*, 279-295.
- Costa, V., & Almeida, C. (2018). Low cost carriers and tourism destinations development. Case study of Oporto, Portugal. . *Tourism & Management Studies*, 14(2), 7-15.
- Creswell, J., & Clark, V. (2017). *Designing and conducting mixed methods research*. . Sage publications.
- Cristiano, S., & Gonella, F. (2020). ‘Kill Venice’: a systems thinking conceptualisation of urban life, economy, and resilience in tourist cities. *Humanities and Social Sciences Communications*, 7(1), 1-13.
- Crowther, N. (2001). Visiting the Olympic games in ancient Greece: Travel and conditions for athletes and spectators. *The International Journal of the History of Sport*, 18(4), 37-52.
- Daly, P., Dias, A., & Patuleia, M. (2021). The impacts of tourism on cultural identity on Lisbon historic Neighbourhoods. . *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 8(1), 1-25.
- Davies, R. E. (2016). *Airlines of the Jet Age: a history*. . Smithsonian Institution.
- Deery, M., Jago, L., & Fredline, L. (2012). Rethinking social impacts of tourism research: A new research agenda. . *Tourism management*, 33(1), 64-73. .
- Diário da República. (2013). *Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro. Reorganização administrativa do território das freguesias. 1.ª série, n.º 19 (suplemento)*. Obtido de <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/2013/01/01901.pdf>
- Digance, J. (2006). Religious and secular pilgrimage: Journeys redolent with meaning. . *In Tourism, religion and spiritual journeys*, (pp. 36-48). Routledge. .
- Dodds, R., & Butler, R. (2010). Barriers to implementing sustainable tourism policy in mass tourism destinations. *Munich Personal RePEc Archive*.

- Dodds, R., & Butler, R. (2019). *Overtourism: Issues, realities and solutions (Vol. 1)*. (Eds.). Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Dodds, R., & Butler, R. (2019). The phenomena of overtourism: A review. . *International Journal of Tourism Cities*, 5(4), 519-528.
- DuBois, D. (10 de Abril de 2017). *Airbnb Regulation: How is Legislation Impacting the Growth of Short-Term Rentals?* Obtido de AirDNA: <https://www.airdna.co/blog/effects-airbnb-regulation>
- DuBois, D. (10 de Abril de 2017). *Airbnb Regulation: How is Legislation Impacting the Growth of Short-Term Rentals?* Obtido de AirDNA: <https://www.airdna.co/blog/effects-airbnb-regulation>
- Duffy, M. (1981). George Stephenson and the introduction of rolled railway rail. . *Journal of Mechanical Working Technology*, 5(3-4), 309-342.
- Duia, M., & Werdler, K. (2016). 'Dark tourism'—web content evaluation of visitor experience at selected European torture museums. *Tourism Today*, (16), 29-42.
- Dunkle, R. (2013). *Gladiators: violence and spectacle in ancient Rome*. . Routledge.
- Duran, P. (2005). The impact of the Olympic Games on tourism. Barcelona: the legacy of the Games 1992-2002. *Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB*. .
- Edensor, T., & Jayne, M. (2012). *Urban theory beyond the West: a world of cities*. . Routledge.
- EMSA. (27 de Julho de 2020). *COVID-19: EU Guidance for Cruise Ship Operation*. Obtido de <https://www.ecdc.europa.eu/sites/default/files/documents/COVID-19-cruise-guidance-27-07-2020.pdf>
- Estevens, A., Cocola-Gant, A., López-Gay, A., & Pavel, F. (2023). The role of the state in the touristification of Lisbon. *Cities*, 137, 104275.
- Euronews. (07 de Julho de 2024). *Milhares de pessoas protestam em Barcelona contra o excesso de turismo*. Obtido de Euronews : <https://pt.euronews.com/my-europe/2024/07/07/milhares-de-pessoas-protestam-em-barcelona-contra-o-excesso-de-turismo?>

- Fernandes, J., Chamusca, P., Pinto, J., Tenreiro, J., & Figueiredo, P. (2023). Urban rehabilitation and tourism: Lessons from Porto (2010–2020). . *Sustainability*, 15(8), 6581.
- Garay-Tamajón, L., Lladós-Masllorens, J., Meseguer-Artola, A., & Morales-Pérez, S. (2022). Analyzing the influence of short-term rental platforms on housing affordability in global urban destination neighborhoods. *Tourism and Hospitality Research*, 22(4), 444-461.
- García Romero, F. (2013). Sports tourism in ancient Greece. *Journal of Tourism History*, 5(2), 146-160.
- García, F., Vázquez, A., & Macías, R. (2015). Resident's attitudes towards the impacts of tourism. . *Tourism Management Perspectives*, 13, 33-40.
- García-Buades, M. E., García-Sastre, M. A., & Alemany-Hormaeche, M. (2022). Effects of overtourism, local government, and tourist behavior on residents' perceptions in Alcúdia (Majorca, Spain). . *Journal of outdoor recreation and tourism*, 39, 100499.
- García-Hernández, M., De la Calle-Vaquero, M., & Yubero, C. (2017). Cultural heritage and urban tourism: Historic city centres under pressure. *Sustainability*, 9(8), 1346.
- Gartner, W. C. (1994). Image formation process. . *Journal of travel & tourism marketing*, 2(2-3), 191-216.
- Ghoochani, M., Ghanian, M., Khosravipour, B., & Crofts, J. (2020). Sustainable tourism development performance in the wetland areas: a proposed composite index. . *Tourism Review*, 75(5), 745-764. .
- González, A. (2018). Venice: The problem of overtourism and the impact of cruises. . *Investigaciones Regionales= Journal of Regional Research*, (42), 35-51.
- González, G. (02 de Janeiro de 2024). *Barcelona sanciona con 420.000 euros al propietario de un edificio con 14 pisos turísticos ilegales*. Obtido de el Periódico : <https://www.elperiodico.com/es/barcelona/20240102/barcelona-sanciona-420-000-euros-96458489?>

- Gonzalez, V., Coromina, L., & Galí, N. (2018). Overtourism: residents' perceptions of tourism impact as an indicator of resident social carrying capacity-case study of a Spanish heritage town. . *Tourism review*, 73(3), 277-296. .
- Goodwin, H. (2017). The challenge of overtourism. . *Responsible tourism partnership*, 4(2017), 1-19.
- Goodwin, H. (2019). Barcelona–crowding out the locals: a model for tourism management. . *Overtourism: Issues, realities and solutions*, 1, 125-138.
- Gordon, B. (2002). El turismo de masas: un concepto problemático en la historia del siglo XX. . *Historia contemporánea*, (25).
- Gössling, S., McCabe, S., & Chen, N. (2020). A socio-psychological conceptualisation of overtourism. . *Annals of Tourism Research*, 84, 102976.
- Gottlieb, C. (2013). Residential short-term rentals: Should local governments regulate the'industry'? *Planning & Environmental Law*, 65(2), 4-9. .
- Gowreesunkar, V., & Dixit, S. (2017). "Consumer Information Seeking Behaviour.". *Handbook of Consumer Behavior for Hospitality and Tourism*, Routledge, (pp 55-68), London: Taylor and Francis. .
- Gravari-Barbas, M., & Guinand, S. (2017). Tourism and gentrification in contemporary metropolises: International perspectives. *Taylor & Francis*.
- Gravari-Barbas, M., & Jacquot, S. (2016). No conflict? Discourses and management of tourism-related tensions in Paris. *In Protest and resistance in the tourist city* , (pp. 45-65). Routledge.
- Gupta, R., Mondal, M., Janardhan, M., Kumawat, H., & Shekhar, C. (2024). Sustainable Tourism Development: Balancing Economic Growth And Environmental Conservation. . *Migration Letters*, 21(S7), 1240-1253.
- Gutiérrez, J., García-Palomares, J. C., Romanillos, G., & Salas-Olmedo, M. H. (2017). The eruption of Airbnb in tourist cities: Comparing spatial patterns of hotels and peer-to-peer accommodation in Barcelona. . *Tourism management*, 62, 278-291. .

- Gutiérrez-Taño, D., Garau-Vadell, J. B., & Díaz-Armas, R. J. (2019). The influence of knowledge on residents' perceptions of the impacts of overtourism in P2P accommodation rental. . *Sustainability*, 11(4), 1043. .
- Han, X., & Cheer, J. (2018). Chinese tourist mobilities and destination resilience: Regional tourism perspectives. . *Asian Journal of Tourism Research*, 3(1), 159-187.
- Hanafiah, M., Amir, A., Kamal, N., & Saharuddin, N. (2021). Sustainable urban tourism development and quality of life: A case of Kampung Bharu, Kuala Lumpur. . *Polish Journal of Sport and Tourism*, 28(3), 27-34.
- Henriques, C. (2003). *Turismo, Cidade e Cultura: Planeamento e Gestão Sustentáveis*. Algarve: Edições Sílabo.
- Henriques, E. (2003). A cidade, destino de turismo. *Geografia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 19.
- Huete, R., & Mantecón, A. (2018). El auge de la turismofobia¿ hipótesis de investigación o ruido ideológico?. *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural* , 9-19.
- INE . (2024). *O VAB e o consumo do turismo no território económico reforçaram o seu peso relativo no total da economia, atingindo máximos históricos - 2023*. Portugal: Instituto Nacional de Estatística (INE).
- INE. (2001). *Censos 2001: Resultados definitivos – População residente por freguesia (Região Norte)*. Obtido de INE: <https://mapas.ine.pt/download/index2001.phtml>
- INE. (2011). *Censos 2011: Resultados definitivos – População residente por freguesia (Região Norte)*. . Obtido de INE: <https://mapas.ine.pt/download/index2011.phtml>
- Inside Airbnb . (05 de Março de 2025). *How is Airbnb really being used in and affecting the neighbourhoods of your city?* Obtido de <https://insideairbnb.com/barcelona/>
- InsideAirbnb. (2025). *Porto* . Obtido de <https://insideairbnb.com/porto/>
- Ivan, R. I. (2013). The Connection Between Salvation, Martyrdom and Suffering According to St. Ignatius of Antioch. *Kairos: Evangelical Journal of Theology*, 7(2), 167-182.

- Jacobson, S., & Robles, R. (1992). Ecotourism, sustainable development, and conservation education: Development of a tour guide training program in Tortuguero, Costa Rica. . *Environmental Management*, 16, 701-713.
- Jafari, J. (2002). *Encyclopedia of tourism*. . Routledge.
- Jamal, T., & Getz, D. (1995). Collaboration theory and community tourism planning. . *Annals of tourism research*, 22(1), 186-204.
- King, B., Pizam, A., & Milman, A. (1993). Social impacts of tourism: Host perceptions. . *Annals of tourism Research*, 20(4), 650-665.
- Koens, K., Postma, A., & Papp, B. (2018). Is overtourism overused? Understanding the impact of tourism in a city context. . *Sustainability*, 10(12), 4384.
- Korstanje, M. (2009). Reconsidering the roots of event management: leisure in ancient Rome. *Event Management*, 13(3), 197-203.
- Krasny, M., & Roth, W. (2010). Environmental education for social–ecological system resilience: a perspective from activity theory. . *Environmental Education Research*, 16(5-6), 545-558.
- Kuščer, K., & Mihalič, T. (2019). Residents' attitudes towards overtourism from the perspective of tourism impacts and cooperation—The case of Ljubljana. . *Sustainability*, 11(6), 1823.
- Lak, A., Gheitasi, M., & Timothy, D. J. (2020). Urban regeneration through heritage tourism: cultural policies and strategic management. . *Journal of Tourism and Cultural Change*, 18(4), 386-403.
- Lalicic, L., & Önder, I. (2018). Residents' involvement in urban tourism planning: Opportunities from a smart city perspective. . *Sustainability*, 10(6), 1852. .
- Leadbeater, C. (2019). The history of Thomas Cook, from tours for teetotallers to boozy packages in Spain. . *The Telegraph*, 23(09).
- Lee, D. (2016). How Airbnb short-term rentals exacerbate Los Angeles's affordable housing crisis: Analysis and policy recommendations. *Harv. L. & Pol'y Rev.*, 10, 229.

- Lemonde, C., Arsenio, E., & Henriques, R. (2021). Public transportation multimodality in the City of Lisbon. . *Transportation research procedi*, 58, 75-82.
- Lew, A. (2020). The global consciousness path to sustainable tourism: a perspective paper. *Tourism Review*, 75(1), 69-75.
- Lolakhon, R. (. (2024). Application of the 4P concept in tourism. . *Gospodarka i Innowacje*, 51, 138-145.
- Lopes, S. (03 de Julho de 2024). *Barcelona vai aumentar (novamente) a taxa turística a partir de outubro*. Obtido de NiT: <https://www.nit.pt/fora-de-casa/barcelona-vai-aumentar-novamente-taxa-turistica-partir-de-outubro?>
- Maitland, R., & Newman, P. (2014). *World tourism cities: Developing tourism off the beaten track*. Routledge.
- Maps Venice. (2025). *Mapa de veneza*. Obtido de <https://pt.maps-venice.com/mapas-veneza-cidade/mapa-de-veneza>
- Mark, J. (17 de Março de 2017). *Festivals in Ancient Egypt*. Obtido de Ancient History Encyclopedia. : <https://www.worldhistory.org/article/1032/festivals-in-ancient-egypt/>
- Martani, C., Stent, S., Acikgoz, S., Soga, K., Bain, D., & Jin, Y. (2017). Pedestrian monitoring techniques for crowd-flow prediction. . *Proceedings of the Institution of Civil Engineers-Smart Infrastructure and Construction*, 170(2), 17-27.
- Martin, B. S., & Uysal, M. (1990). An examination of the relationship between carrying capacity and the tourism lifecycle: Management and policy implications. . *Journal of environmental management*, 31(4), 327-333.
- Martín, J. M., Martínez, J. M., & Fernández, J. A. (2018). An analysis of the factors behind the citizen's attitude of rejection towards tourism in a context of overtourism and economic dependence on this activity. *Sustainability*, 10(8), 2851.
- Martins, M. (2018). Tourism planning and tourismphobia: An analysis of the strategic tourism plan of Barcelona 2010-2015. . *Journal of Tourism, Heritage & Services Marketing*, 4(1), 3-7.

- Mason, P., & Cheyne, J. (2000). Residents' attitudes to proposed tourism development. *Annals of tourism research*, 27(2), 391-411.
- Masset, J., & Decrop, A. (2021). Meanings of tourist souvenirs: From the holiday experience to everyday life. *Journal of Travel Research*, 60(4), 718-734.
- Massey, G. R. (1999). Product evolution: a Darwinian or Lamarckian phenomenon? *Journal of Product & Brand Management*, 8(4), 301-318.
- Mateus, A., Caldevilla-Domínguez, D., & Barrientos-Báez, A. (2020). Redes sociais, comunicação digital e turismo. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, (E36), 577-595. .
- Maxwell, R. (2010). Evaluating Migrant Integration: Political Attitudes Across Generations in Europe 1. *International migration review*, 44(1), 25-52.
- McKercher, B., & Ho, P. (2011). Cultural tourism and the enhancement of quality-of-life. *Handbook of tourism and quality-of-life research: Enhancing the lives of tourists and residents of host communities*, 341-357.
- Mendes, L. (2013). Public policies on urban rehabilitation and their effects on gentrification in Lisbon. *AGIR—Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*, 1(5), 200-218.
- Mendes, L. (2020). Da gentrificação turística em Lisboa. *Interconexões: saberes e práticas da geografia*, 2, 173-185.
- Mihalic, T. (2020). Conceptualising overtourism: A sustainability approach. *Annals of Tourism Research*, 84, 103025.
- Mihalic, T., & Kuščer, K. (2021). Can overtourism be managed? Destination management factors affecting residents' irritation and quality of life. *Tourism Review*, 77(1), 16-34.
- Milano, C., González-Reverté, F., & Benet Mòdico, A. (2023). The social construction of touristification. Residents' perspectives on mobilities and moorings. *Tourism Geographies*, 25(4), 1273-1291.
- Milano, C., Koens, K., & Russo, A. (2024). The politics of urban tourism (im) mobilities: Critical perspectives on inequalities and social justice. *Cities*, 152, 105148.

- Milano, C., Novelli, M., & Cheer, J. (2019). Overtourism and tourismphobia: A journey through four decades of tourism development, planning and local concerns. . *Tourism Planning & Development*, 16(4), 353-357.
- Milano, C., Novelli, M., & Cheer, J. (2020). Overtourism and degrowth: A social movements perspective. *In Tourism and Degrowth*, (pp. 113-131). Routledge.
- Milheiro, E., & Santos, J. (2005). O turismo em Portugal: que passa-do? Que futuro?. *Aprender*, 30, 119-25.
- Modica, P., Capocchi, A., Foroni, I., & Zenga, M. (2018). An assessment of the implementation of the European tourism indicator system for sustainable destinations in Italy. . *Sustainability*, 10(9), 3160.
- Murphy, P. (2013). *Tourism: A community approach* . Routledge: (RLE Tourism).
- Murphy, P., & Murphy, A. (2004). *Strategic management for tourism communities: Bridging the gaps (Vol. 16)*. . Channel View Publications.
- Nakashima, S., & Calvente, M. (2016). A História do Turismo: epítome das mudanças . *Turismo & Sociedade. Curitiba*, 9(2), 1-20. .
- Novy, J. (2016). The selling (out) of Berlin and the de-and re-politicization of urban tourism in Europe's 'Capital of Cool'. In *Protest and resistance in the tourist city* . *Routledge.*, (pp. 66-86). .
- Novy, J., & Colomb, C. (2017). *Protest and resistance in the tourist city*. London: Routledge.
- Novy, J., & Colomb, C. (2021). Urban tourism as a source of contention and social mobilisations: A critical review. . *Travel and tourism in the age of overtourism*, 6-23.
- Nugent, T. (1756). *The Grand Tour; Or, A Journey Through the Netherlands, Germany, Italy and France*. . vol. 3. D. Browne, London.
- Nunkoo, R., & Ramkissoon, H. (2007). Residents' perceptions of the socio-cultural impact of tourism in Mauritius. . *Anatolia*, 18(1), 138-145.
- Nunkoo, R., Seetanah, B., & Agrawal, S. (2019). "Guest editorial". *Tourism Review*, Vol. 74 No. 2,.

- Oklevik, O., Gössling, S., Hall, C. M., Jacobsen, J. K., Grøtte, I. P., & McCabe, S. (2020). Overtourism, optimisation, and destination performance indicators: A case study of activities in Fjord Norway. *In Tourism and degrowth*, (pp. 60-80). Routledge.
- Olipra, L. (2012). The impact of low-cost carriers on tourism development in less famous destinations. *Cittaslow*.
- OpenStreetMap. (2025). *Lisboa*. Obtido de <https://www.openstreetmap.org/search?query=lisboa+&zoom=19&minlon=-9.147676527500154&minlat=38.75633390255637&maxlon=-9.144516885280611&maxlat=38.75776246989974#map=12/38.7507/-9.1736>
- Ozuem, W., Ranfagni, S., Willis, M., Rovai, S., & Howell, K. (2021). Exploring customers' responses to online service failure and recovery strategies during Covid-19 pandemic: An actor–network theory perspective. *Psychology & Marketing*, 38(9), 1440-1459.
- Page, S., & Duignan, M. (2023). Progress in Tourism Management: Is urban tourism a paradoxical research domain? Progress since 2011 and prospects for the future. *Tourism Management*, 98, 104737.
- Pavel, F. (2016). El Bairro Alto en Lisboa entre gentrificación, turistificación y derechos de la población. Madrid: Congreso Internacional Contested Cities.
- PaxNews. (07 de Setembro de 2024). “*Tourists go home:” Barcelona anti-tourism protesters squirt water at visitors*. Obtido de Pax Global Media: <https://www.paxnews.com/news/buzz/tourists-go-home-barcelona-anti-tourism-protesters-squirt-water-visitors>
- Pearce, P., & Stringer, P. (1991). Psychology and tourism. *Annals of tourism Research*, 18(1), 136-154.
- Peeters, P., Gössling, S., Klijs, J., Milano, C., Novelli, M., Dijkmans, C., . . . Postma, A. (2021). *Research for TRAN Committee-Overtourism: impact and possible policy responses*. Brussels : European Parliament, Policy Department for Structural and Cohesion Policies .
- Perdue, R., Long, P., & Allen, L. (1990). Resident support for tourism development. *Annals of tourism Research*, 17(4), 586-599.

- Perkins, H., & Thorns, D. (2017). *Place, identity and everyday life in a globalizing world*. . Bloomsbury Publishing.
- Perkumienė, D., & Pranskūnienė, R. (2019). Overtourism: Between the right to travel and residents' rights. *Sustainability*, 11 (7), 2138.
- Peterson, R., & DiPietro, R. (2021). Is Caribbean tourism in overdrive? Investigating the antecedents and effects of overtourism in sovereign and nonsovereign small island tourism economies (SITEs). *International Hospitality Review*, 35(1), 19-40.
- Pina, P. (1988). *Portugal -O Turismo no Sec. XX*. . Lucidus.
- Pinto, J. R. (2023). Turismo Urbano. *Os Desafios (Geográficos) da Governação Territorial*, pp. (pp. 237-242). UMinho Editora.
- Polat, H., & Arslan, A. (2019). The rise of popular tourism in the Holy Land: Thomas Cook and John Mason Cook's enterprise skills that shaped the travel industry. *Tourism Management*, 75, 231-244.
- Pollicino, M., & Maddison, D. (2004). Valuing visitor benefits at Machu Picchu. . *Conservation and management of archaeological sites*, 6(2), 85-94. .
- Porto. (14 de Novembro de 2022). *It's official: Porto is the World's Leading City Destination 2022*. Obtido de Porto: <https://www.porto.pt/en/news/its-official-porto-is-the-worlds-leading-city-destination-2022>
- Porto. (13 de Junho de 2025). *Alojamento Local*. Obtido de PortalGeo CMP : <https://portalgeo.cm-porto.pt/arcgis/apps/sites/#/mapas-do-porto/apps/dc30038a15164beda6e6c24418365419/explore>
- Porto Canal. (31 de Julho de 2024). *Porto no top 10 das cidades europeias mais sobrelotadas de turistas*. Obtido de Porto Canal : <https://portocanal.sapo.pt/noticia/354067>
- Público. (01 de Agosto de 2017). *Estalou a guerra ao turismo em Barcelona e os primeiros alvos foram autocarros e bicicletas*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2017/08/01/mundo/noticia/abriuse-uma-guerra-ao-turismo-em-barcelona-e-os-primeiros-alvos-foram-autocarros-e-bicicletas-1781075?>

- Público. (10 de Fevereiro de 2017). *Porto eleito melhor destino europeu de 2017*. Obtido de <https://www.publico.pt/2017/02/10/local/noticia/porto-eleito-melhor-destino-europeu-de-2017-1761590>
- Publico. (07 de Novembro de 2019). *Zonas de contenção ao Alojamento Local em Lisboa entram em vigor esta sexta*. Obtido de Publico: <https://www.publico.pt/2019/11/07/local/noticia/zonas-contencao-alojamento-local-lisboa-entram-vigor-sexta-1892928>
- Público. (01 de Abril de 2021). *Itália proíbe grandes cruzeiros junto ao centro histórico de Veneza*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2021/04/01/fugas/noticia/italia-proibe-cruzeiros-junto-centro-historico-veneza-1956828>
- Quinn, B. (2007). Performing tourism Venetian residents in focus. . *Annals of Tourism Research*, 34(2), 458-476.
- Ramos, D., & Costa, C. (2017). Turismo: tendências de evolução. . *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 10(1), 21-33.
- Ravenscroft, N., & Hadjihambi, I. (2006). The implications of Lamarckian theory for the TALC model. . *The tourism area life cycle*, 2, 150-163.
- Reid, L. (2012). A History of Tourism in Barcelona: Creation and Self-Representation. *Scripps Senior Theses*. , Paper 45.
- Richards, G. (1996). *Cultural tourism in Europe*. . Cab International.
- Richards, G. (2022). Urban tourism as a special type of cultural tourism. In A research agenda for urban tourism. *Edward Elgar Publishing*., (pp. 31-50).
- Richards, G., & Palmer, R. (2012). *Eventful cities*. Routledge.
- Rogowski, M., Zawilińska, B., & Hibner, J. (2025). Managing tourism pressure: Exploring tourist traffic patterns and seasonality in mountain national parks to alleviate overtourism effects. . *Journal of Environmental Management*, 373, 123430. .

- Russo, A., & Sans, A. (2009). Student communities and landscapes of creativity: How Venice—The world's most touristed city—is changing. *European Urban and Regional Studies*, 16(2), 161-175.
- Salman, D., & Seiam, D. (2020). The Lessons Learned From Thomas Cook Failure. Is It BREXIT? . *Deputy Chief Editor*, 14-23.
- Sandaruwani, J., & Gnanapala, W. (2016). The role of tourist guides and their impacts on sustainable tourism development: A critique on Sri Lanka. . *Tourism, Leisure and Global Change*, 3(2016), 62-73. .
- SAPO. (2017). *O que propõem os partidos para o alojamento local?* Obtido de <https://eco.sapo.pt/2017/05/29/o-que-propoem-os-partidos-para-o-alojamento-local/>
- Saraiva, J. (1999). *História Concisa de Portugal*. . Publicações Europa-América. Men Martins.
- Sequera, J., & Nofre, J. (2020). Touristification, transnational gentrification and urban change in Lisbon: The neighbourhood of Alfama. . *Urban Studies*, 57(15), 3169-3189.
- Séraphin, H., Butcher, J., & Korstanje, M. (2017). Challenging the negative images of Haiti at a pre-visit stage using visual online learning materials. . *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events.*, 9(2), 169-181.
- Seyhan, B. (2023). The Conceptual Grounding of Overtourism and Overtourism-Driven Change: Olympos Case. *Advances in Hospitality and Tourism Research (AHTR)*, 11(3), 417-442.
- Sharpley, R., & Telfer, D. (2015). *Tourism and development: Concepts and issues. (Eds.)*.
- Sheng, L. (2011). Specialisation versus diversification: A simple model for tourist cities. . *Tourism Management*, 32(5), 1229-1231.
- Skiniti, G., Lilli, M., Skarakis, N., Tournaki, S., Nikolaidis, N., & Tsoutsos, T. (2024). A holistic approach for tourism carrying capacity estimation in sensitive ecological areas. . *Environment, Development and Sustainability*, 26(12), 31971-31995.

- Smith, M., Sziva, I., & Olt, G. (2021). Overtourism and resident resistance in Budapest. *In Travel and Tourism in the Age of Overtourism*, (pp. 24-40). Routledge.
- Statista. (2023). *Share of urban population worldwide in 2025, by continent*. Obtido de <https://www.statista.com/statistics/270860/urbanization-by-continent/>
- Statista. (2024). *Share of global affluent consumers willing to take a holiday in Europe as of 4th quarter 2024, by type*. Obtido de <https://www.statista.com/statistics/1314606/preferred-european-holiday-among-affluent-consumers-worldwide/>
- Statistica Regione de Veneto . (2025). Obtido de Regione de Veneto : https://statistica.regione.veneto.it/banche_dati_economia_turismo.jsp
- Stevic, I., Rodrigues, V., Breda, Z., Veríssimo, M., da Silva, A., & da Costa, C. (2024). Residents' perceptions of negative tourism impacts and mitigation strategies: The case of Porto. *International Journal of Tourism Cities*, pp. 1488-1506.
- Streimikiene, D., Svagzdiene, B., Jasinskas, E., & Simanavicius, A. (2021). Sustainable tourism development and competitiveness: The systematic literature review. *Sustainable development*, 29(1), 259-271.
- Stumpf, P., Lusticky, M., Vojtko, V., & Jakulin, T. (2022). Systems approach to residents' irritation in urban tourism destinations. *European Journal of Tourism Research*, 31, 3107-3107. .
- Swaddling, J. (1999). *The Ancient Olympic Games*. University of Texas Press.
- Timmermans, H. (2009). Pedestrian behavior: models, data collection and applications. *Emerald Group Publishing Limited*.
- TNews. (23 de Abril de 2025). *Zé Manel Taxista leva celebrações a passear por Lisboa numa nova campanha de promoção da cidade*. Obtido de TNews: <https://tnews.pt/ze-manel-taxista-leva-celebridades-a-passear-por-lisboa-numa-nova-campanha-de-promocao-da-cidade/>
- Toner, J. P. (2013). *Leisure and ancient Rome*. John Wiley & Sons.
- Tosun, C. (2006). Expected nature of community participation in tourism development. *Tourism management*, 27(3), 493-504.

- TravelBI. (2025). *Alojamento Local | Oferta (RNAL - Registo Nacional de Alojamento Local) | Dashboard*. Obtido de <https://travelbi.turismodeportugal.pt/alojamento/alojamento-local-oferta-rnal-registo-nacional-de-alojamento-local-dashboard>
- TravelBI. (2025). *Dormidas, por município | Dashboard*. Obtido de <https://travelbi.turismodeportugal.pt/alojamento/dormidas-por-municipio-dashboard>
- TravelBI. (10 de Março de 2025). *Turismo em Números*. Obtido de <https://travelbi.turismodeportugal.pt/turismo-em-portugal/turismo-numeros-2024>
- Tudorache, D., Simon, T., Frenț, C., & Musteață-Pavel, M. (2017). Difficulties and challenges in applying the european tourism indicators system (ETIS) for sustainable tourist destinations: the case of brașov county in the Romanian carpathians. *Sustainability*, 9(10), 1879.
- Tussyadiah, I. P., Jung, T. H., & Tom Dieck, M. C. (2018). Embodiment of wearable augmented reality technology in tourism experiences. *Journal of Travel research*, 57(5), 597-611.
- UNESCO. (2014). *Historic Centre of Oporto, Luiz I Bridge and Monastery of Serra do Pilar*. Obtido de UNESCO: <https://whc.unesco.org/en/list/755/>
- UNWTO . (15 de Março de 2019). *Overtourism? New UNWTO Report Offers Case Studies to Tackle Challenges*. Obtido de UN Tourism : <https://www.unwto.org/global/press-release/2019-03-05/overtourism-new-unwto-report-offers-case-studies-tackle-challenges>
- UNWTO. (2016). *Urban Tourism*. Obtido de UN Tourism : <https://www.unwto.org/urban-tourism#:~:text=According%20to%20UN%20Tourism%2C%20Urban%20Tourism%20is%20%22a,services%20and%20by%20being%20nodal%20points%20of%20transport>.
- UNWTO. (Julho de 2019). *"Global survey on the perception of residents towards city tourism: impact and measures"*. Obtido de

<https://www.unwto.org/publication/global-survey-perception-residents-towards-city-tourism-impact-and-measures>

UNWTO. (27 de Agosto de 2019). *UNWTO International Network of Sustainable Tourism Observatories*. Obtido de Tourism4sdgs: <https://tourism4sdgs.org/initiatives/unwto-international-network-of-sustainable-tourism-observatories/#:~:text=The%20UNWTO%20International%20Network%20of%20Sustainable%20Tourism%20Observatories,use%20and%20foster%20the%20responsible%20management%20of%20to>

UNWTO. (2024). Obtido de UN Tourism : <https://www.unwto.org/>

UNWTO. (s.d.). *Glossary of tourism terms*. Obtido de UNWTO.ORG: <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>

Vainikka, V. (2013). Rethinking mass tourism. . *Tourist studies*, 13(3), 268-286. .

Vanhove, N. (2011). *Economics of Tourism Destinations*. Routledge.

Veal, A. (2017). *Research methods for leisure and tourism*. . Pearson Uk.

Veludo, F. (30 de Setembro de 2023). *Pelo menos oito mil protestaram em Santa Catarina, com turistas a ver: "Agora o Porto é como Maiorca"*. Obtido de Expresso: <https://expresso.pt/sociedade/2023-09-30-Pelo-menos-oito-mil-protestaram-em-Santa-Catarina-com-turistas-a-ver-Agora-o-Porto-e-como-Maiorca-7da0398c>

Venessia. (2025). Obtido de Venessia : <https://www.venessia.com/>

Vera, P., Monjaraz, S., & Salas, J. (2016). Counting pedestrians with a zenithal arrangement of depth cameras. . *Machine Vision and Applications*, 27, 303-315.

Veríssimo, M., Moraes, M., Breda, Z., Guizi, A., & Costa, C. (2020). Overtourism and tourismphobia: A systematic literature review. . *Tourism: An International Interdisciplinary Journal*, 68(2), 156-169.

Vieira, A. (21 de Outubro de 2024). *Autocarros turísticos irão "bloquear" o Porto, se não se aliviarem limites de circulação*. Obtido de Público :

<https://www.publico.pt/2024/10/21/local/noticia/autocarros-turisticos-irao-bloquear-porto-nao-aliviarem-limites-circulacao-2108823>

- VisitLisboa. (2025). *Descobrir Lisboa*. Obtido de Visit Lisboa : <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/regions/lisboa-centro>
- Voleva-Petrova, I. (2020). Origin and characteristics of educational tourism. . *Икономика и управление*, 17(2), 185-192.
- Volgger, M., Pechlaner, H., & Pichler, S. (2017). The practice of destination governance: A comparative analysis of key dimensions and underlying concepts. . *Journal of Tourism, Heritage & Services Marketing*, 3(1), 18-24.
- Walmsley, A., Koens, K., & Milano, C. (2022). Overtourism and employment outcomes for the tourism worker: impacts to labour markets. *Tourism Review*, 77(1), 1-15.
- Weaver, D. (2007). *Sustainable tourism*. Routledge.
- Weber, F., Egli, F., Meier-Crameri, U., & Stettler, J. (2020). Measuring overtourism. Indicators for overtourism: Challenges and opportunities. *Lucerne*.
- Wise, N. (2016). Outlining triple bottom line contexts in urban tourism regeneration. . *Cities*, 53, 30-34.
- World Bank Group. (2024). *Tourism Watch Quarterly Report: Q1 2024*.
- Wright, R., & Symons, A. (02 de Agosto de 2024). *Veneza limita grupos turísticos a 25 pessoas e proíbe altifalantes na mais recente medida contra o turismo excessivo*. Obtido de EuroNews: <https://pt.euronews.com/viagens/2024/08/02/veneza-limita-grupos-turisticos-a-25-pessoas-e-proibe-altifalantes-na-mais-recente-medida>
- Wu, Y., Bidin, S., & Johari, S. (2025). Evolution and trends in tourism conflict studies (2004-2024): A bibliometrics review. *Multidisciplinary Reviews*, 8(4), 2025120-2025120. .
- Yayla, Ö., Koç, B., & Dimanche, F. (2023). Residents' support for tourism development: Investigating quality-of-life, community commitment, and communication. . *European Journal of Tourism Research*, 33, 3311-3311.

- Yrigoy, I. (2016). The impact of Airbnb in the urban arena: towards a tourism-led gentrification? The case-study of Palma old quarter (Mallorca, Spain). . *Turismo y crisis, turismo colaborativo y ecoturismo*, 281-289.
- Yu, J., Seo, J., & Hyun, S. (2021). Perceived hygiene attributes in the hotel industry: customer retention amid the COVID-19 crisis. *International Journal of Hospitality Management*, 93, 102768. .
- Yu, X., Kim, N., Chen, C., & Schwartz, Z. (2012). Are you a tourist? Tourism definition from the tourist perspective. . *Tourism Analysis*, 17(4), 445-457.
- Yusoh, M., Mapjabil, J., Hanafi, N., & Idris, M. (2021). Tourism carrying capacity and Social Carrying capacity: A literature review. . *In SHS Web of Conferences: EDP Sciences*. , (Vol. 124, p. 02004).
- Zachariadis, V. (2005). An agent-based approach to the simulation of pedestrian movement and the factors that control it. . *University of London, University College London (United Kingdom)*.
- Zakaria, M., El-Sharnouby, R., & Refaat, H. (2024). The Religious Guidance Concept In Ancient Egypt. . *International Journal of Tourism and Hospitality Management*, 7(1), 210-236.

Anexo A - Entrevista Percepções dos Residentes sobre o Impacto do Turismo na Freguesia da Sé (Porto)

Inquérito

- Objetivo principal: “Qual é a percepção dos moradores sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida?”

Introdução

Este inquérito tem como objetivo compreender a percepção dos moradores sobre os impactos do turismo na zona da Sé, no Porto, especialmente no que diz respeito à qualidade de vida, aos espaços públicos e à convivência com os visitantes. As suas respostas são anónimas e servirão exclusivamente para fins académicos.

◆ 1. Benefícios percebidos do turismo

Na sua opinião, o turismo trouxe benefícios para a Sé?

(Selecione todas as opções que considerar aplicáveis):

- Aumento do comércio local
 - Criação de mais emprego local
 - Reabilitação de edifícios e espaços públicos
 - Melhoria nas infraestruturas (pavimentação, iluminação, sinalização)
 - Valorização do património histórico e cultural
 - Melhoria da limpeza e manutenção do espaço público
 - Aumento da segurança na zona
 - Maior visibilidade e notoriedade da zona
 - Não sinto qualquer impacto positivo do turismo
 - Não sei / Sem opinião
 - Outros: _____
-

◆ 2. Impactos negativos percebidos

Quais são, na sua opinião, os principais problemas ou incómodos associados ao turismo na Sé?

(Selecione todas as opções que considerar aplicáveis):

- Aumento do ruído
 - Maior produção de lixo
 - Dificuldade de mobilidade (ruas congestionadas, transportes cheios)
 - Aumento do custo de vida (bens, serviços, habitação)
 - Perda de tranquilidade no quotidiano
 - Transformação do comércio tradicional em lojas para turistas
 - Falta de privacidade
 - Perda de autenticidade da zona
 - Aumento dos preços
 - Não considero que o turismo cause problemas
 - Não sei / Sem opinião
 - Outros: _____
-

◆ 3. Perceção sobre o fluxo turístico

Considera que há muitos turistas na Sé?

(Assinale uma opção):

- (1) Discordo totalmente
 - (2) Discordo
 - (3) Nem concordo nem discordo
 - (4) Concordo
 - (5) Concordo totalmente
-

◆ 4. Impacto na utilização dos espaços públicos

O turismo influencia a forma como usa os espaços públicos na Sé (ex.: praças, ruas, cafés).

(Assinale uma opção):

- (1) Discordo totalmente
 - (2) Discordo
 - (3) Nem concordo nem discordo
 - (4) Concordo
 - (5) Concordo totalmente
-

◆ 5. A sua ligação à Sé

Continua a sentir-se ligado(a) à Sé como residente?

(Assinale uma opção):

- (1) Discordo totalmente
 - (2) Discordo
 - (3) Nem concordo nem discordo
 - (4) Concordo
 - (5) Concordo totalmente
-

◆ 6. Relações com vizinhos e comunidade

Acredita que o turismo influencia a relação entre vizinhos e o espírito de comunidade na Sé?

(Assinale uma opção):

- (1) Discordo totalmente
 - (2) Discordo
 - (3) Nem concordo nem discordo
 - (4) Concordo
 - (5) Concordo totalmente
-

◆ 7. Dificuldades relacionadas com a habitação

Sente que o turismo tem dificultado o acesso ou permanência na habitação na Sé?

(Assinale uma opção):

- (1) Discordo totalmente
- (2) Discordo
- (3) Nem concordo nem discordo

- (4) Concordo
- (5) Concordo totalmente

◆ **8. Posição pessoal sobre o crescimento do turismo**

Considera-se a favor ou contra o crescimento do turismo na Sé? Porquê?

◆ **9. Impacto na rotina e qualidade de vida**

O turismo provocou alguma mudança na sua rotina ou qualidade de vida? Se sim, qual?

◆ **10. Consentimento**

Declaro que compreendo o objetivo do inquérito e autorizo a utilização anónima das minhas respostas para fins académicos.

Sim

◆ **11. Caracterização do Respondente**

Idade: ____

Género: Masculino Feminino Outro Prefiro não dizer

Nível de escolaridade: Básico Secundário Superior

Dimensão do agregado familiar: ____

País de Origem: ____ Prefiro não dizer

Há quanto tempo reside na Sé?

>5 anos

5-10 anos

11-20 anos

21-30 anos

31-40 anos

41-50 anos

<50 anos